Número USP: 353.646

Thaís Marassi Prado

Email: tatamprado@hotmail.com

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE LITERATURA PORTUGUESA

**A CORRESPONDÊNCIA, AS MEMÓRIAS E AS NOTAS DE CARLOS
FRADIQUE MENDES – UMA IMAGEM DE COSMOPOLITA PARA O
PORTUGAL DO SÉCULO XIX?**

Thaís Marassi Prado

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE LITERATURA PORTUGUESA

**A CORRESPONDÊNCIA, AS MEMÓRIAS E AS NOTAS DE CARLOS
FRADIQUE MENDES – UMA IMAGEM DE COSMOPOLITA PARA O
PORTUGAL DO SÉCULO XIX?**

Thaís Marassi Prado

**Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Literatura Portuguesa, do
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para a obtenção do
título de Doutor em Letras.**

Orientadora: Profa. Dra. Annie Gisele Fernandes

São Paulo

2011

COMISSÃO JULGADORA
TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR

Presidente e Orientador

2º Examinador

3º Examinador

4º Examinador

5º Examinador.....

São Paulo, de de 2011

*A Simone Marassi Prado, minha irmã, pelo amor, carinho e incansável apoio durante a
elaboração deste trabalho*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que primaram por meus estudos, tanto me apoiaram e me ensinaram a ser quem sou.

Ao meu marido, pelo amor que o fez compreender tamanha dedicação e ausência.

Ao meu cunhado Gabriel pelo conforto e apoio de sempre.

À minha orientadora, Profa. Dra. Annie Gisele Fernandes, que tanto me ensinou e contribui para o meu crescimento científico, pela confiança, paciência e dedicação.

A alguns bons amigos e amigas que tanto me incentivaram durante a realização deste trabalho, ajudando-me a acreditar que era capaz de realizá-lo, todas as vezes que disso duvidei.

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I	06
Capítulo II	37
Capítulo III	66
Capítulo IV	100
Bibliografia	116

ÍNDICE

Introdução_____ 1

Capítulo I. O Realismo em Portugal, a Geração de 70, Eça de Queirós e uma imagem para o homem oitocentista: Carlos Fradique Mendes_____ 06

Capítulo II. “*Memórias e Notas*” – relato memorialístico ou biográfico? A construção de uma personagem _____ 37

Capítulo III. A Correspondência Fradiquiana: As reflexões e a constituição da personagem_____ 66

Capítulo IV. Carlos Fradique Mendes: memórias, correspondências e a “formatação final da personagem” – À guisa de conclusão _____100

Bibliografia_____ 116

Prado, Thaís Marassi. **A Correspondência, as Memórias e as Notas de Carlos Fradique Mendes – Uma Imagem de Cosmopolita para o Portugal do Século XIX?**

São Paulo, 2011, 137 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RESUMO

A presente tese de Doutorado pretende analisar a produção literária atribuída ao personagem Carlos Fradique Mendes em **A Correspondência de Fradique Mendes** de Eça de Queirós, suas correspondências e a primeira parte da obra intitulada “Memórias e Notas”. Trata-se da abordagem das diversas estratégias narrativas, discursivas e composicionais que formam o legado fradiquiano, buscando a resposta para a dúvida que originou a presente pesquisa: Fradique pode ser considerado o protótipo de homem cosmopolita do século XIX português?

Palavras-chave Geração de 70, Carlos Fradique Mendes, memória, correspondência, protótipo

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to analyze literary production attributed to the character Carlos Fradique Mendes in “As Correspondências de Fradique Mendes” of Eça de Queirós, his letters and the first part of the work entitled “Memórias e Notas.” This is the approach of the various narrative strategies, discursive and compositional “fradiquiano” that form the legacy, seeking the answer to the question that originated this research: Fradique can be considered the prototype of the nineteenth century cosmopolitan Portuguese?

Keywords Generation of 70, Carlos Mendes Fradique, memory, correspondence, prototype

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é continuidade e ampliação do projeto de mestrado – com indicação para doutorado direto: **A Correspondência, as memórias e as notas de Carlos Fradique Mendes – uma imagem de cosmopolita para o Portugal do século XIX?**, que começou a ser desenvolvido em julho de 2006 e cujo objetivo era a análise da constituição da personagem Carlos Fradique Mendes como proposta de “imagem” ao homem português de seu tempo. Ou seja, a análise dos “artifícios” empregados por Eça de Queirós na constituição da personagem, que implicam tal possibilidade e, sobretudo, a levam adiante.

Não obstante, a produção literária atribuída a tal personagem, suas correspondências e a primeira parte de **A Correspondência de Fradique Mendes**, intitulada “Memórias e Notas”, tornou-se, também, obra de grande interesse e importância para o estudo de Fradique, quer por se ligar à escrita intimista e daí muito ter a significar e contribuir para o melhor entendimento da personagem em si, do material a ela conferido e do próprio gênero, o intimista, que ainda deve ser bastante pesquisado; quer por prenunciar uma liberdade ímpar para o período em que vivia no sentido em que Eça, o verdadeiro autor da obra em questão¹, criou uma personagem que parece ir além dos padrões até então estabelecidos, uma vez que lhe possibilita alguma alteridade, que mais tarde, em Portugal, ganhará amplitude máxima com Fernando Pessoa.

A pesquisa para a formulação do presente estudo apresentou-se, então, como possibilidade daquela investigação, por meio da expansão do projeto que constituíra, até

¹ Antes da recriação queirosiana nos anos 80, Carlos Fradique Mendes tinha existido pela primeira vez nos tempos do Cenáculo, por volta de 1869, como criação coletiva protagonizada por Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis.

determinada altura, a investigação científica do Mestrado, da ampliação da bibliografia, do aprofundamento da análise e, é claro, da formulação de novos questionamentos. Assim, nosso estudo tem por objetivo não só a análise dos “artifícios” utilizados para a construção da personagem como algo “modelar”, mas a interpretação dessa concepção de modelo, que em meio a própria obra parece questionada, pois Fradique apresenta-se composto por meio de contradições.

Com isso, parece possível tentar entender e demonstrar como Fradique, uma personagem por nós concebida como “em desenvolvimento”, não é tão “simples” ou “rasa” como pudéramos supor num primeiro momento, isto é, não é pura e simplesmente o arquétipo do homem ideal para o século XIX português; mostrar, ou, ao menos, discutir como ele pode ser a um só tempo o modelo e a ridicularização/rebaixamento do próprio modelo: - apostar na multiplicidade e complexidade mais profunda de sua composição e de suas contradições.

No mais, atentar que, para o desenvolvimento desse verdadeiro “jogo ficcional” em que se constitui a nossa personagem, o autor se vale da ironia, da tese realista, da polifonia e de certo dialogismo, composto ora por contraposições, ora por complementações de idéias, além de gênero literário diverso daquele que ele mesmo aponta como parte de seu discurso ficcional – ele, no título, indica “correspondência”, mas em seguida acrescenta “memórias e notas”. E ainda: entender o “porquê” e o “como” da discrepância que há entre os títulos que compõem a obra, indicadores do que ela é ou deveria ser (Correspondência e Correspondência Inédita) e o que ela realmente é, o que de fato a compõe: uma biografia que, no fundo, possui estratégias de memória e uma correspondência que também parece memória virar.

Pretendemos, portanto, abordar as diversas estratégias narrativas, discursivas e composicionais que formam o legado fradiquiano, buscando uma resposta possível para

dúvida que há muito vem tentando ser respondida pela crítica literária portuguesa e brasileira: Será que é isso mesmo que Portugal quer? Ou seja, Fradique pode mesmo ser considerado o protótipo de homem cosmopolita do século XIX português? Ele, realmente, traz consigo, enquanto entidade ficcional, os elementos tão caros à idéia de regeneração desenvolvida pela geração a qual pertencera seu compositor.

O primeiro capítulo do trabalho apresenta uma explanação “histórico-literária” sobre o surgimento da Geração de 70, seus valores, as conseqüências de sua existência para a Literatura Portuguesa de então e o destaque e funções que assume a prosa de Eça de Queirós, em especial a que constitui a personagem Carlos Fradique Mendes: **A Correspondência de Fradique Mendes e Cartas Inéditas de Fradique Mendes mais Páginas Esquecidas**. Desse modo, nesse capítulo, procuramos contextualizar o surgimento de tal personagem e as obras a ela atribuídas, os ideais que nortearam tal ato, bem como apontar algumas das direções que seguiremos, do ponto de vista formal e temático, durante sua análise.

No segundo e terceiro capítulos, analisamos os textos, propriamente ditos, continuamos a pensar na constituição da personagem e no ideário que levou o autor a fazê-lo, mas privilegiamos sobremaneira o trabalho com o “escopo” textual fradiquiano: para tal, nos propusemos a dividir nosso “material de trabalho” em duas partes: 1) a primeira parte de **A Correspondência de Fradique Mendes**, intitulada “*Memórias e Notas*”, analisada no capítulo II, sob o viés da literatura do eu, ou seja, da literatura que em muito se aproximará da dita literatura intimista, cujas implicações melhor se notarão no citado capítulo; 2) algumas cartas selecionadas dessa mesma obra e de **Cartas Inéditas de Fradique Mendes mais Páginas Esquecidas**, analisadas no capítulo III que, enquanto material epistolográfico, também têm muito a dizer, não só como gênero que tão bem se “irmana” a essa escrita intimista de “*Memórias e Notas*”, há pouco

citada, mas também enquanto texto em si, que em muito contribui para a composição contundente de nossa personagem.

No segundo capítulo, pretendemos, como dito acima, nos deter na primeira parte de **A Correspondência de Fradique Mendes**, intitulada “*Memórias e Notas*”, mas classificada, na maior parte das vezes, apenas como uma biografia laudatória, formulada por um narrador em primeira pessoa que participa do relato e por isso pode ser classificado como “eu como testemunha”. Em tal trabalho analítico, procuraremos avaliar qual é o papel desse narrador, quais suas verdadeiras intenções (se é que é possível apreendê-las todas), qual a sua função dentro do jogo de veracidade que visivelmente permeia a retomada queirosiana de tal personagem, enfim, continuaremos a buscar as características físicas e psicológicas que constituem Fradique Mendes, mas queremos perceber e dar a conhecer também o que poderá estar por trás do discurso desse narrador, de sua postura que, de acordo com as leituras teóricas realizadas, por vezes mais parece se aproximar de um memorialista do que de um simples biógrafo e, se assim o for, questionaremos se haverá aí alguma nova implicação que altere a possibilidade de lermos Fradique como uma figura modelar para o homem de seu tempo.

No terceiro capítulo, estudamos a correspondência de Fradique propriamente dita, as cartas que a ele foram atribuídas; verificaremos se tais textos podem mesmo ser considerados cartas, se possuem os elementos chaves definidores de tal gênero e, se assim o for, e de antemão sabemos que assim o é, o que têm a dizer, em que podem contribuir para a formatação de nossa personagem, como se integram à primeira parte da obra, às “*Memórias e Notas*”, e como refletem os ideais propagados por seu autor, Eça de Queirós, garantindo a verossimilhança tão *sui generis* de sua geração.

Por fim, no quarto capítulo, intentamos abordar as questões levantadas numa perspectiva generalizante, ou seja, verificarmos a constituição da personagem como um todo, quer no que diz respeito às características dadas pelo narrador, analisadas no capítulo II, quer no que diz respeito às características subentendidas através da voz do próprio Fradique, quando lemos e analisamos suas cartas, no capítulo III. Assim, nossa intenção é mostrar o perfeito e equilibrado “jogo ficcional” criado por Eça de Queirós quando da retomada e reelaboração de Fradique Mendes, algo ainda não realizado no contexto em que vivera, pelo menos não com tamanha técnica e talento, dado que nos leva a tentar apontá-lo como alguém que anuncia ou prenuncia certa modernidade em seus escritos, visto que associa, por exemplo, na formulação de sua personagem certa fragmentação relacionada ao caráter híbrido de sua obra, o que não era muito comum até então.

CAPÍTULO I – O REALISMO EM PORTUGAL, A GERAÇÃO DE 70, EÇA DE QUEIRÓS E UMA IMAGEM PARA O HOMEM OITOCENTISTA: CARLOS FRADIQUE MENDES

Se entendermos por civilização “o conjunto de realizações que o homem consegue à sua volta e o estilo de vida por elas condicionado”², podemos afirmar que a segunda metade do século XIX europeu foi um grande marco na busca pelo que acreditavam ser um “avanço civilizacional”. Sem dúvidas, um período de instalação definitiva da consciência burguesa que atrelada a processos de tecnicização em ritmo acelerado, descobertas científicas e aperfeiçoamentos materiais, parece ter proporcionado a todos verdadeiro sentimento de confiança na vida e crença no progresso³.

Portugal não se mantivera imune a tal processo e, aparentemente, parecia trilhar esse mesmo caminho, buscando alguma modernização e maior desenvolvimento, afinal houve a construção de pontes e estradas que acompanharam vias férreas recém instaladas, telégrafos que se seguiram aos comboios e telefones. A tomada do poder pela burguesia garantiu ao país modesta “expansão econômica”, traduzida pela fundação dos primeiros bancos, além de um surto cultural com a possibilidade de aparecimento e circulação de maior número de jornais e revistas que estimularam, por consequência, conferências e clubes culturais de todo gênero.

² António Machado Pires, **A Idéia de Decadência na Geração de 70**, 2ªed. Lisboa, Editora Vega, 1992, p. 117.

³ “A noção de civilização nessa altura poderia ser resumida como modernização tecnológica, liberalismo político-econômico e sofisticação no âmbito da Europa, mas também como evolução humana e concorrência racial, quando aplicada ao espaço colonial”. In: Helder Garmes. “As fronteiras da civilização em Eça de Queirós”, In: Annie Gisele Fernandes e Paulo Motta Oliveira (organizadores). **Literatura Portuguesa Aquém-mar**, Campinas, Editora Komedi, 2005, p. 53.

No entanto, essas mudanças representaram apenas tentativas de inovações tecnológicas e concepções de desenvolvimento e modernização que, estruturalmente, em nada mudaram a situação do país, seja no contexto interno, seja diante da Europa desenvolvida, pois o Portugal da segunda metade do século XIX, ao contrário do que possa parecer, na verdade, era um país extremamente pobre, sem indústria, mortalmente atingido em seu comércio pela perda da colônia brasileira e com uma economia agrária assentada, ainda, num sistema medieval de propriedade.

Destarte, o que se tinha era um país com sérios problemas e em constante e crescente decadência⁴, imerso numa angústia geográfica, histórica, social, econômica e cultural, cuja obsessão temática se voltava para a tentativa de repô-lo na grandeza ideal, tão negada pelas circunstâncias concretas da sua medíocre realidade. Uma sociedade que, segundo as palavras de Almeida Garrett, referentes aos já idos anos de 1833: “... já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era, mas muito menos ainda pode ser o que é...”⁵.

Assim, se de fato é verdadeira a afirmação de que neste período romântico a nação⁶ se modelara, encontrando uma definição social, cultural, política e moral que se perpetuará⁷, nos quedamos, verdadeiramente, diante de uma situação aporética, pois o que temos é um país que não parece desde há muito se reconhecer enquanto nação, vivenciando em seu dia-a-dia o desvalorizar de sua cultura, de seus hábitos, de seus valores e que se vê invadido por influências estrangeira, sobretudo, a francesa, a ditar

⁴ Segundo António Machado Pires, em sua obra **A Idéia de Decadência na Geração de 70**, “decadência é um conceito dinâmico, linear, a fase final de uma trajetória que atingiu um auge de desenvolvimento que já não pode manter”, p. 17.

⁵, José Augusto França, **O Romantismo em Portugal**, Lisboa, Livros Horizontes, 1974, p. 187.

⁶ Nação é “... a palavra que designa uma comunidade política imaginada como soberana e implicitamente limitada por suas raízes culturais...”, segundo a autora Maria Luiza Ritzel Remédios em seu artigo: “Viagem, Identidade e Nação em Almeida Garrett”, **Scripta Literatura Revista do Programa da Pós-Graduação em Letras e do CESPUC**, Belo Horizonte, V.3, n.5, p. 1- 292, 2º semestre de 1999, p. 136.

⁷ Paráfrase da idéia de José Augusto França em sua obra **O Romantismo em Portugal**, p. 205.

desde seu modo de vestir, falar, comer e, o que é pior, de instruir, pensar, agir e, até mesmo, almejar.

Nesse contexto oitocentista, surge uma geração de intelectuais, oriunda, em sua maior parte, da Universidade de Coimbra, que fomentou ferozes polêmicas no meio literário. Sujeitos que, dentre os “romances de amor” da literatura portuguesa, representados, sobretudo, por Camilo Castelo Branco ou os “valorosos” versos de Tomás Ribeiro e Pinheiros Chagas, segundo palavras de Antônio Feliciano de Castilho, elegeram como “digna literatura”, ou melhor, uma literatura realmente designativa de respeito, os até então “estranhos” versos de João de Deus, os quais, escritos nos fins dos anos 50, propunham modelos literários diferentes das convenções de seus contemporâneos como, por exemplo, a natureza e as leis da razão a guiar o sujeito lírico e seu olhar sobre o mundo.

Esses jovens intelectuais, influenciados pela leitura de autores como Proudhon, Hegel, Michelet, Darwin, Hugo, Renan, Quinet, Taine, Zola, dentre outros⁸, e sob a liderança de Antero de Quental, que em Coimbra já constituía a Sociedade Secreta do Raio, se permitiram tentar definir um rumo mais combativo e inconformista para a arte literária e afirmaram-se: “... realistas na arte e positivistas na ciência...”⁹. E a verdade é que, formalmente, a partir de 1865, com a Questão Coimbrã ou Polêmica do Bom-senso e Bom-gosto, provocaram um sulco de marcas profundas e duradouras no cenário artístico-cultural português.

Tal grupo, a partir de então, ficou conhecido como a Geração de 70 e a renovação literária e ideológica por eles proposta parecia se sedimentar, acima de tudo, no olhar atento sobre Portugal, no desejo de guiar a regeneração desse país e de fazer

⁸ França, **Ibidem**. p. 842.

⁹ Pires, **Op. cit**, p.49.

valer o seu ideal literário tão bem expresso, anos mais tarde, pelas palavras de Eça de Queirós:

*A literatura é a educação das almas. Quando ela robustece, fortifica o povo, dá-lhes grandes e belas idéias, justos e fecundos sentimentos, aparecem grandes caracteres, profundas honradezas, amor da justiça, preocupação do trabalho...*¹⁰.

Muitos outros fatores possibilitaram, ainda, a existência dessa geração. Dentre eles, podemos citar: a formação do Cenáculo em 1871, caracterizada como: “...escandalosa fornalha de revolução, de metafísica, de satanismo, de anarquia e boemia feroz...”¹¹, que nada mais era do que reuniões nas quais esse grupo de jovens amigos se proponha a estudar idéias e correntes do século, investigar como a sociedade deveria ser, numa ação tão pedagógica quanto ideológica e, também, a organizar as chamadas Conferências do Casino Lisbonense, cujas intenções capitais eram:

[...] abrir uma tribuna onde tenham voz as idéias e os trabalhos que caracterizam esse movimento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, política e moral dos povos [...];

Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada [...];

Procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeia na Europa [...];

*Agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna [...];*¹².

¹⁰ Eça de Queirós, “Páginas de formalismo”, In: **Obras de Eça de Queirós**, Introdução e fixação dos textos por Aníbal Pinto de Castro, Porto, Lello & Irmão Editores, vol. IV, 1996, p. 819.

¹¹ Joel Serrão, **O Primeiro Fradique Mendes**, 1ªed, Livros Horizontes, 1985, p. 85.

¹² Antônio José Saraiva; Oscar Lopes, “O Romantismo”, In: **História da Literatura Portuguesa**, 9ª ed, Porto, Porto Editora, 1976, p. 899.

Enfim, um acontecimento a partir do qual se tornou possível falar do Realismo em Portugal de forma doutrinária¹³, estabelecer uma autêntica oposição às instituições e ordens burguesas, bem como estudar as condições de transformação e “atualização” religiosa, política e econômica da nação, como, aliás, já antecipavam os eventos anteriormente citados.

Em meio a esses jovens intelectuais, imbuídos de preceitos da poética realista e que demonstravam entender a literatura e a arte como algo capaz de apontar valores morais para o povo, com “potencial” de ajudar a reformar a sociedade e contribuir para a formação do homem, do seu caráter e moralidade, um nome assumirá extrema importância para o presente estudo: Eça de Queirós, o, por assim dizer, “consolidador” da prosa realista em Portugal, autor de **O Crime do Padre Amaro**, **Os Maias**, **A Ilustre Casa de Ramires** e **A Cidade e as Serras**, entre muitos outros romances, contos e artigos, que pareceu realizar, como ninguém, a intenção crítica e pedagógica de seu tempo, preocupando-se em construir uma obra de modelos, ou seja, em seus romances, procura demonstrar que o papel fundamental do escritor é “operar” para uma transformação real da sociedade, isto é, usar a obra de arte literária para formar moralmente o leitor:

[...] A minha ambição seria pintar a Sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe como n’um espelho, que triste paiz elles formam, - elles e ellas. [...]. É necessário acutillar o mundo official, o mundo sentimental, o mundo litterario, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com todo respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as

¹³ A. H. de Oliveira Marques, **História de Portugal: Desde os Tempos mais Antigos até a Presidência do Sr. General Eanes**, 2ªed, Lisboa, Editora Lisboa, v.3, 1981, p. 34.

*falsas interpretações e falsas realizações que lhes dá uma sociedade
podre...¹⁴.*

Assim, esse escritor ou homem de geração¹⁵ pretendendo criar uma “pintura” da sociedade do seu tempo, sem o intelectualismo neoclássico e a emoção romântica, optou pela objetividade e representação das cenas sociais e foi capaz de construir um contundente legado literário composto, em sua maior parte, por personagens ímpares, esféricas, com características fundamentais para a composição da “tese proposta”.

Dentre essas personagens criadas por Eça destaquemos Carlos Fradique Mendes, possível exemplo de heteronímia, ou exercício de imaginação¹⁶. Foi criado juntamente com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, na época do Cenáculo, sob perspectiva de autor autônomo que, naquele primeiro momento, teria dado ao público os **Poemas de Macadam** e **Lapidárias**, obras que foram atribuídas a ele, Fradique Mendes, pelos próprios Eça, Antero e Batalha Reis.

Tal personagem, uma espécie de herói baudelairiano dos anos 70, mais especificamente de 69, assim como outros tantos personagens pertencentes a essa Geração, parecera extrapolar os limites, tanto cronológicos, quanto ideológicos do Realismo português, constituindo-se um verdadeiro “paradigma da transitoriedade caótica do seu tempo, reflectindo já o sincretismo inquieto e a impossível unidade da consciência moderna”¹⁷.

Esses “indícios” e “impressões” se consubstanciarão anos mais tarde, já que Fradique Mendes será retomado e reelaborado nos anos 80 somente por Eça de Queirós,

¹⁴ Eça de Queirós, “A Oliveira Martins”, In: **Correspondência**, 6ª ed., Lisboa, Livraria Lello & Irmão Editores, 1946, p. 44.

¹⁵ Cf. Serrão, **Op. cit.**, p. 100.

¹⁶ J de Melo Jorge, **Os tipos de Eça de Queirós**, São Paulo, Livraria Brasil, 1940, p. 32.

¹⁷ Ana Nascimento Piedade, **Fradiquismo e Modernidade no último Eça (1888-1900)**, 1ª ed, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Temas Portugueses), 2003, p. 292.

que lhe atribuirá uma correspondência e, mais do que isso, enquanto personagem, o fará capaz de agir, pensar, ter opiniões, tomar decisões, ou seja, fará dessa espécie de sucessor daquela primeira criação coletiva, com idêntico nome, um tipo de configuração esquemática¹⁸, física e psicologicamente “modelar”, de cunho definido e definitivo, inesgotável, por vezes insondável, vivenciador sempre de situações exemplares, de um modo também exemplar que, “surpreendentemente”, não sofre conflitos internos ou momentos de revisão de valores ou de comportamentos.

Tal personagem, agora apenas queirosiana, começa a tornar-se conhecida do grande público a partir de 1888, ano da publicação de suas primeiras cartas, mas será somente em 1900¹⁹ que Fradique toma corpo definitivo com a publicação de **A Correspondência de Fradique Mendes**. Essa obra pode ser caracterizada por certo “hibridismo” de gênero, pois nela encontramos uma primeira parte biográfica/memorialística intitulada “Memórias e Notas”, seguida de um conjunto de dezoito²⁰ cartas que constituem a segunda parte. Tais cartas foram remetidas aos mais diversos destinatários, reais e fictícios; são elas: “I. Ao Visconde de A. –T. Londres, maio.”, “II. A Madame de Jouarre. Paris, dezembro.”, “III. A Oliveira Martins. Paris, maio.”, “IV. A Madame S. Paris, fevereiro.”, “V. A Guerra Junqueiro. Paris, maio.”, “VI. A Ramalho Ortigão. Paris, abril.”, “VII. A Madame de Jouarre. Lisboa, março.”, “VIII. Ao SNR. E. Mollinet. Paris, setembro.”, “IX. A Clara. Paris, junho.”, “X. A Madame de Jouarre. Paris, junho.”, “XI. A MR. Bertrand B. Paris, abril.”, “XII. A Madame de Jouarre. Quinta de Refaldes (Minho)”, “XIII. A Clara... Paris, novembro.”,

¹⁸ Termo utilizado por Antonio Candido, **A personagem de ficção**, 11ª ed, São Paulo, Perspectiva, 2007, p.33: “A personagem de um romance [...] é sempre uma configuração esquemática, tanto no sentido físico como no psíquico, embora *formaliter* seja projetada como um indivíduo “real”, totalmente determinado...”.

¹⁹ Datas retiradas da obra de Piedade, **Ibidem**, p. 05-08.

²⁰ O volume utilizado neste trabalho é datado do ano de 1952, foi publicado pela Editora Lello & Irmãos e tem duas cartas a mais que as outras edições: “XVII. A Clara de Paris, ...” e “XVIII. A Eduardo Prado, de Paris 1888”.

“XIV. A Madame de Jouarre. Lisboa, junho.”, “XV. A Bento de S. Paris, outubro.”, “XVI. A Clara. Paris, outubro.”, “XVII A Clara, de Paris, ...”, “XVIII A Eduardo Prado, de Paris, 1888”. Versam sobre os mais diferentes assuntos, conforme vontade expressa pelo próprio romancista, em carta a Oliveira Martins:

...O que eu pensei foi o seguinte: uma serie de cartas sobre toda sorte d’assumptos, desde a immortalidade da alma até ao preço do carvão, escriptas por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Troia e antes do de Paris, e que se chamava Fradique Mendes! Não te lembras d’elle? Pergunta ao Anthero. Elle conheceu-o. [...]. Fradique Mendes correspondia-se com toda a sorte de gentes varias, all sorts of men²¹.

Esse epistolário, ao contrário do que se possa imaginar, não se encerrara somente com tal publicação, pois é sabido que, no ano de 1929²², houve a edição de **Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas**, organizada, agora, por Eça de Queirós Filho, cujo título, por si só, explica sua origem e composição: uma coletânea de textos escritos por Eça durante sua vida que tinham sido publicados e se encontravam espalhados (“esquecidos”) pelos mais diversos periódicos e revistas e outros textos, considerados inéditos - esses justamente os que mais nos interessam: as ditas “cartas inéditas de Fradique Mendes”: “I. A E. Sturmm, Alfaiate. Lisboa, abril.”, “II. A Paul Vargette.”, “III. A Madame de Jouarre”, “IV. A Manuel...”, “ V. A.....”, “VI. A E...”.

Juntas, as obras (**A Correspondência de Fradique Mendes e Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas**) nos possibilitam adentrar e entender o processo de composição da personagem que é de fato o objeto central desse estudo, o segundo e “último” Carlos Fradique Mendes, que ora se nos apresenta através de uma biografia laudatória, composta por um narrador ficcional anônimo que se coloca como

²¹ Queirós, **Op. cit.**, p. 97-98.

²² Data também retirada da obra de Piedade, **Op. cit.**, p. 34.

alguém que o conheceu, ora assume voz própria, sob perspectiva de “remetente” autônomo, que realiza um endereçamento direto a um destinatário individualizado de cartas, cujos conteúdos as fazem, em sua maior parte, espécies de palestras escritas sobre os mais variados assuntos, marcados sempre pelo viés da criticidade, bom-humor e ironia. Porém, de um jeito ou de outro, Fradique, ao que parece, fora recriado por Eça com o intuito claro de apresentar aos portugueses de seu tempo o mais perfeito protótipo de homem cosmopolita, espécie de burguês idealizado²³, construído sob moldes de um verdadeiro mito. Essa idéia é reiterada por Antonio Candido, que escreveu:

... O personagem ideal Fradique é o homem super-civilizado do século XIX, flor das grandes cidades, que absorve todos os requintes e comodidades da civilização [...] Fradique, ultra-burguês oitocentista, acrescenta às suas forças [...] a do vapor, da máquina, do telégrafo, revestindo-se por intermédio duma mobilidade extrema, podendo palmilhar o mundo e esquadrinha-lo, na procura verdadeiramente fáustica do enriquecimento pessoal [...]

O mundo para ele, não é o material que se transforma e sobre o qual age a vontade do homem criador, [...], mas uma simples ocasião. Quem lhe dá esse domínio sobre o mundo é a civilização burguesa: instrumentos, aparelhos, veículos, invenções de toda espécie se adicionam à sua pessoa como atributos da onipotência e ubiqüidade. Parece que a Índia e a Pérsia, o Egito e a Etiópia, a Europa e a América, a sabedoria oriental e o budismo, as guerras de liberdade e a civilização industrial têm por função apresentar a esse símbolo risonho uma oportunidade para enriquecer o próprio Eu [...] E Fradique morre feliz [...] tendo sido a vida toda uma síntese da civilização urbana...²⁴.

²³ Antonio Candido, “Eça de Queirós entre o campo e a cidade”, In: **Tese e Antítese**, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978, p.40.

²⁴ **Op. cit.**, p. 38-39.

Fradique é uma personagem que representa um “homem” de boa aparência física, sofisticado, civilizado, um ser pensante, guiado sempre pela razão que se coloca contra a ignorância, os preconceitos, a tradição, a rotina e, sobretudo, a ilusão, cuja inteligência parece ter apoio de uma cultura forte e rica; um “homem” com grande carga de cosmopolitismo, às vezes postiço e teatral, mas aderido à fidalguia do genuíno português, cujo estudo e melhor compreensão encontram-se, inevitavelmente, com diversos e importantes questionamentos sobre sua origem, natureza, constituição, forma e veracidade, enquanto entidade ficcional.

Assim, ao ler **A Correspondência de Fradique Mendes**, percebemos sua evidente divisão em duas partes: uma, as correspondências propriamente ditas, outra, uma espécie de biografia, e nos deparamos com alguns detalhes relevantes para o desenvolvimento de nosso estudo: trata-se de fato de uma biografia ou de um relato memorialístico, visto que o narrador nele (no relato) também se inclui, pois Fradique, esse burguês idealizado, o perfeito tipo cosmopolita a que tenderia o português civilizado se Portugal se civilizasse realmente, nos é apresentado por um narrador, dito em primeira pessoa, classificado como “Eu como testemunha”:

*... Ele narra em primeira pessoa, mas é um “eu” já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundário que pode observar desde dentro, os acontecimentos e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil (...). No caso do “eu” como testemunha, o ângulo de visão é necessariamente limitado. Como personagem secundário, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses...*²⁵.

²⁵ Lúcia Leite Moraes Chiappini, **O Foco Narrativo**, São Paulo, Editora Ática S.A., 1987, p. 38.

A opção do autor por esse tipo de foco narrativo ocorre sempre que se apela para o testemunho de alguém quando se está em busca da verdade ou querendo fazer algo parecer como tal. Proposição que, inevitavelmente, nos leva a indagar se não seria parte da composição de Fradique, enquanto personagem, a idéia de ser ou parecer “verdadeiro”. Tal fato não corroboraria, ou melhor, não condiria com o ideal de fazê-lo um protótipo do homem regenerador do XIX português, segundo o ideário da Geração de 70?

De fato sim, já que a tentativa de simulação de fazer Fradique parecer “real” não pára por aí, afinal existe ainda o apelo para o testemunho de seus amigos e contemporâneos (leia-se amigos e contemporâneos do próprio Eça) que não deixam de citar, se corresponder e, até mesmo, ajudar a definir Fradique, casos, por exemplo, de Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins; sem contar, é claro, com o testemunho de personagens fictícios como Marcos Vidigal e J. Teixeira de Azevedo, a quem muitos críticos²⁶ atribuem possível referência indireta a Jaime Batalha Reis. São fatos que nos fazem acreditar numa espécie de busca pela concretude da personagem – convicção que se fundamenta também na observação dos aspectos físicos de Fradique tão condizentes com suas caracterizações psicológicas – como veremos adiante - bem como nas determinações físicas do material “literário” a ele atribuído: as cartas, haja vista a descrição pormenorizada, por parte do narrador, dos critérios utilizados em sua publicação, o pensamento de Fradique sobre tal ato, além, é claro, de datação e outros aspectos referentes ao gênero da epistolografia.

²⁶ Um exemplo é Ofélia Paiva Monteiro em seu artigo: “Sobre a excentricidade humorística de Fradique”, In: **Queirosiana: Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**, n. 5/6, Dez 93/ Julho de 1994, p. 218.

Em meio a essa espécie de "técnica de celebração"²⁷ que claramente compõe a constituição de Fradique Mendes, percebe-se, ainda, a atitude contemplativa do narrador em relação à personagem, o tom laudatório que há pouco citamos:

*... pude então, à vontade, contemplar o cinzelador das Lapidarias...*²⁸.

Fradique sempre é retratado de uma maneira exaltada e nunca é visto como um “sujeito” qualquer, pois ele é um familiar de Manzini, o conquistador das Duas-Sicílias, o homem adorado por Anna de Leon, caracterizações que deixam bem clara a importância, ou, ao menos, o “diferencial” dessa figura, que de fato vive o enredo e suas próprias idéias, tornando, a ambos (enredo e idéias), vivos, assim como também torna vivo e possível o ideal de homem tão desejado por sua geração, a geração de seu criador, a Geração de 70, que somente mais tarde, quando Vencidos da Vida, irá perceber o soçobrar de tal intuito e a incapacidade que a literatura tem por si só de “arrumar” a sociedade.

O interessante é que tal personagem não deve ser entendida como um caso único, há um propósito em fazê-la parecer tão interessante, pois ainda que não seja uma comparação direta, o fato é que a literatura portuguesa em geral parece ter se preocupado em mostrar o que Portugal é, em fazer-se “moralizante” através de diversos tipos construídos, ainda que não sob a forma de biografia ou memorialismo. Afinal, desde séculos anteriores, grandes personalidades literárias já vêm tentando estabelecer em suas obras tipos sociais que ecoam, criticam e doutrinam o entendimento do ser português e do desenvolvimento do sentimento de nação.

²⁷ Entendemos por “técnica de celebração” aquilo que se dá pela exagerada valorização dos detalhes que envolvem a pessoa. In: José Carlos Siqueira de Souza, **Eça ensaísta – Estudo sobre o trabalho jornalístico de Eça de Queirós para a Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, ao final do século XIX**, São Paulo: 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 142.

²⁸ Eça de Queirós, **A Correspondência de Fradique Mendes: memórias e notas**, 7ªed, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Ltda Editores, 1923, p. 23.

Fernão Lopes, o “Heródoto Português”, por exemplo, fora encarregado de compor crônicas que contivessem as histórias dos reis e da antiguidade portuguesa e preocupou-se não só em exaltar as virtudes dos monarcas, enquanto heróis individualizados, mas também, em formatar a visão de conjunto da sociedade portuguesa, valorizando as massas populares, ao conceber o povo como coagente das mudanças históricas.

Gil Vicente, o grande “criador” do teatro português, com aguda capacidade de observação e grande espírito crítico já apontava a dissolução dos costumes e mundanismo dos homens de seu tempo (poderosos ou não) que deveriam, de alguma maneira, conscientizar-se diante de suas genéricas e exemplares alegorias a representar idéias e/ou instituições.

Camões, em **Os Lusíadas**, elegera Vasco da Gama, mais que herói individual, o porta-voz e símbolo de toda a nacionalidade portuguesa do período em que viveu, exaltando as conquistas ultramarinas, os novos reinos de Ásia, África e América, impregnado tanto de ideais expansionistas da Monarquia Lusitana, como dos ideais da expansão da fé católica. Além de Almeida Garrett e Alexandre Herculano, que românticos que eram, também formularam obras em que se expressavam o sentimento de nacionalismo português, na ânsia de recuperação do orgulho perdido devido a questões históricas, políticas e econômicas, caso do poema “Camões” e do romance histórico **Eurico, o Presbítero**.

Com esse mesmo espírito nacionalista e “doutrinário”, no sentido de dar a conhecer à nação portuguesa exemplos valorosos ou não, mas exemplos que refletissem questões de interesse pátrio, auxiliando em seu desenvolvimento, encontramos parte considerável da obra de Oliveira Martins, homem pertencente à mesma geração de Eça de

Queirós que parece não tê-lo deixado sozinho na trilha da regeneração formulada para a reconstrução de valores em Portugal.

Afinal, do mesmo modo que encontramos Eça formulando a biografia – ainda que com teor memorialístico latente a ser discutido - de uma personagem que seria modelar em suas virtudes, falhas e contradições para o português da segunda metade do século XIX, mesmo que com claras conotações críticas, pautadas em circunstâncias ficcionais, não há como não tatear uma aproximação com as obras e idéias elaboradas por todos aqueles nomes, sobretudo por Oliveira Martins, em que “... à admiração pelas grandes personalidades se junta o comprazimento no passadismo pitoresco...”²⁹, em obras como **Os Filhos de D. João I** e **A Vida de Num Álvares**.

Todos, sobretudo, Eça de Queirós e Oliveira Martins, a nosso entender, parecem elaborar uma ação interpretativa e crítica do que fora e é a realidade portuguesa. Esse, através da vibração poética em biografias “reais” de tantas personalidades exemplares; aquele, com seus romances ficcionais e suas personagens, que quando biográficos ou memorialísticos, como no caso de Fradique, parecem forjar certo esqueleto de realidade parecendo querer, intencionalmente, camuflar os arrancos da fantasia.

Oliveira Martins, assim como Eça e outros homens de sua geração que formaram os Vencidos da Vida, parece entregar-se a certa tarefa de “catequização”, a fim de abarcar o conjunto da história social do homem português, demonstrando, via “grandes personalidades”³⁰ que, talvez o fim das sociedades fosse justamente esse, o de produzir “grandes homens”, exatamente o que Eça parece traçar em suas páginas ficcionais, como

²⁹ Antonio José Saraiva; Óscar Lopes. “Oliveira Martins”, In: **História da Literatura Portuguesa**, 7ªed. São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1973, p. 944.

³⁰ “Faz parte das estratégias de uma biografia eleger um sujeito privilegiado, cuja vida incite a curiosidade dos leitores.” In: Cristiane Navarrete Tolomei, **Eça de Queirós e os brasileiros**, São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p.50.

se ambos nos dissessem, através de uma espécie de alargamento de símbolos que um homem pode e deve simbolizar [para o bem ou para o mal] toda uma série complexa de fatos, ainda que de maneira bastante artificiosa, é verdade.

Essas considerações fazem com que percebamos a importância do traçado das ditas biografias, quedando-nos claro que Eça, esse homem de geração, não parece “tirar da cartola” os “truques” para a produção de Fradique Mendes; ao contrário, age conforme agiam outros homens de seu tempo, uma vez que enquanto escritor, possa ser dito um “indivíduo que exprime sempre uma ordem da realidade, segundo um dado critério de interpretação”³¹.

Tal fato parece corroborado em depoimento que o próprio romancista português elabora sobre o tecer biográfico desenvolvido por Oliveira Martins:

... Além de um belo livro, o Nun'Alvares é uma boa acção. Estas monografias que empreendestes, são o maior serviço que neste século se tem feito a Portugal. É por elas que tu próprio hás-de ficar na nossa História.

*A mim mesmo me dou por exemplo: porque tem sido os **Filhos de D. João I**, e agora **Nun'Alvares** que me têm feito patriota. Tu reconstróis a Pátria, e ressucistas, com esses livros, o sentimento esquecido de Pátria. E não é pequeno feito reaportuguesar Portugal. ...*³²

Como se Eça de Queirós compartilhasse desse mesmo espírito para compor a biografia/relato memorialístico fictício de Fradique Mendes, que enquanto personagem, já em sua primeira aparição, traz, de maneira latente, o tom até mesmo cômico com o qual o narrador o descreve e admira:

³¹ Antonio Candido, **Brigada Ligeira, e outros escritos**, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 71.

³² Citação contida em carta de Eça de Queirós a Oliveira Martins e retirada da obra de Maria João Albuquerque Figueiredo Simões, **Correspondências: Eça e Fradique – Análise de Estratégias Epistolográficas**, Coimbra, 1987. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Coimbra, p. 27.

“ ... N`esse instante uma tipóia, lançada a trote, estacou na rua, com as pilecas fumegando. Um homem desceu ligeiro e forte. Era Fradique Mendes.

Vidigal, alvoroçado, apresentou-me como um “poeta amigo”. Elle adiantou a mão sorrindo – mão delicada e branca onde vermelhava um rubi. Depois, acariciando o hombro do primo Marcos, abriu uma carta que lhe estendia o porteiro.

Pude então, à vontade, contemplar o cinzelador das Lapidárias, o familiar de Manzzini, o conquistador das Duas-Sicílias, o bem adorado de Anna de Leon! O que me seduziu logo foi a sua esplendida solidez, a sã e viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com quem parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquele chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz resplandecendo sob as polainas de linho. A face era do feitio aquilino e grave que se chama cesareano, mas sem as linhas empastadas e a espessura flaccida que a tradição das Escócias invariavelmente attribue aos Cesares, na tela ou no gesso, para o revestir de magestade; antes pura e fina como a d’um Lucrécio moço, em plena gloria, todo nos sonhos da Virtude e da Arte. Na pelle, d’uma brancura lactea e fresca, a barba [...]

*Trazia uma quinzena solta, d’uma fazenda preta e macia, igual á das calças que cahiam sem um vinco: o collete de linho branco fechava por botões de coral pallido: e o laço da gravata de setim negro, dando relevo á altura espelhada dos collarinhos quebrados, offerecia a perfeição concisa que já me encantara no seu verso ...*³³

Fradique é um sujeito que certamente tem um jeito de ser sempre ágil, decidido e preciso: “desceu ligeiro e forte”, com postura absolutamente diferente daquela apresentada pelo português de seu tempo, tantas vezes denunciada pelo próprio Eça de Queirós como plena de “flacidez” e “abulia”: “...O que me seduziu logo foi a sua esplendida solidez, a sã

³³ Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 28-29.

e viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com quem parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquele chão de ladrilhos...”. A personagem, segundo o narrador e seu olhar “idealizador”, quando não irônico, é tão diferenciada que traz consigo inerente traço de modernidade: a velocidade exterior, representada pela tipóia que vem a trote com as pilecas fumegando, e, interior, ele próprio, caracterizado como ligeiro e forte, que chega a ter um perfil “grave que se chama cesareano”, ou seja, trata-se de figura soberana, calma, absolutamente incomum, quando não a imagem d’um Lucrécio moço, puro, reluzente, inspirando e aspirando à glórias futuras. Um e outro, Cesar ou Lucrécio, inatingíveis a qualquer outro português desse século XIX tão problemático, tão decaído.

Além, dessas características, faz-se interessante notar que a personagem se diferencia também em relação a seu vestuário. Fradique, como é sabido, principalmente depois da leitura das cartas enviadas a seu alfaiate (“A E. Sturmm, Alfaiate. Lisboa, Abril”), acreditava que a roupa era a medida do ser, ou algo capaz de lhe dar as medidas necessárias. Esse pensamento de certa maneira, ecoava, sem dúvida, de algum modo na época que Fradique ajudou a representar, pois o português de então parecia admirar esse homem cosmopolita e a sua maneira de se vestir, bastando reparar na atitude do narrador que, apesar do rápido encontro que tivera com Fradique, fora capaz de detalhar o seu traje, dando atenção especial a detalhes como, por exemplo, a gravata: “laço da gravata de setim negro”. Esse item do vestuário é capaz de simbolizar, por si só, a superioridade crítica da elegância que pode figurar como indicativo da originalidade numa sociedade igualitária e vulgarizada pela moda, como era boa parte da Europa ocidental naquela altura do século XIX.

Algumas propostas de leituras analíticas, a partir das caracterizações físicas e dos trajes propriamente ditos da personagem, conforme rapidamente apontado, podem ir além,

trazendo consigo muitos indícios e implicações de outros elementos constitutivos da personagem, como características psicológicas. Um exemplo disso dá-se quando podemos inferir um Fradique de personalidade forte, com certa estabilidade sentimental, muito educado, viril, inteligente, crítico e sofisticado a partir das características físicas e de parte do vestuário descritos acima. Vislumbramos também suas condições sócio-econômicas, uma vez que está claro que se trata de um nobre que nunca realizou trabalho braçal, já que usa rubi, é extremamente branco e não tem uma marca de fadiga em seu rosto - fato esse que lhe serve como outro elemento diferenciador, pois nada distingue e causa mais admiração do que a riqueza, sobretudo, num momento de apogeu da ideologia burguesa como esse retratado pela e na obra.

O interessante é que essa busca pela distinção e exaltação de Fradique não encontra seu centro de apoio sedimentado apenas nas palavras e caracterizações do narrador. Há, na constituição da obra, um intrigante manuseio do discurso enunciativo, uma espécie de atitude lúdica, anteriormente indicada, na qual outras personagens, correspondentes ou não de Fradique, reais ou fictícios, também dão seu testemunho com igual intenção e, é claro, de diferente valor, pois, sobre elas, pesa o chamado “discurso da autoridade”, como ocorre, por exemplo, com a definição de Ramalho Ortigão, o único personagem a ter durante todo o relato uma apreciação aparentemente positiva de Fradique, ou seja, como se fosse livre das conhecidas ironias ecianas, ocorridas incessantemente no discurso do narrador que, para um leitor mais ingênuo, pareceria apenas representar o papel do “biógrafo fiel” que quer “ingenuamente” eternizar Fradique, publicando tudo a seu respeito:

... Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado producto da civilização em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguém está mais superiormente apetrechado para triumphar na Arte e na Vida. A rosa da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a idéia do seu espírito é sempre a mais original (...). É um ensino, uma lição de alto gosto, vê-lo no seu

*quarto, na vida íntima de gentleman (...): “O cérebro de Fradique está admiravelmente construído e mobiliado. (...) Fradique era o portuguez mais interessante e mais sugestivo do século XIX...”*³⁴.

Essas idéias, defendidas acerca de um “companheiro” de geração, seguem o mesmo ritmo hiperbólico daquelas apresentadas pelo narrador anônimo, pois logo nas primeiras caracterizações temos o advérbio intensificador “mais” a dar ênfase a adjetivos que, por si só, já contém tal sentido “completo” e “acabado”. Além disso, o suposto Ortigão também demonstra atitude contemplativa, pois tem os olhos embebidos em Fradique: “... Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado producto da civilização em que me tem sido dado embeber os olhos.”. Ressalta, ainda, a completude da personagem frente ao chamado cosmopolitismo, mas supervaloriza, na verdade, o fato de Fradique parecer ter o que poucos têm: a possibilidade de ser original, de apresentar pontos de vistas novos sobre as coisas: “... A rosa da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a idéia do seu espírito é sempre a mais original (...)”.

No mais, sentimos ecoar em sua apreciação algumas pressuposições que se faziam latentes já na definição das primeiras impressões de nosso narrador como, por exemplo, a admiração especial dada à busca clara de Fradique por um rigor de pensamento que faz com que o narrador o chame de “o cinzelador das **Lapidárias**”, dizendo encontrar em seus versos “... a perfeição concisa...” o que ele, Ramalho, reitera, ao se referir à frescura desse pensamento, às idéias desse espírito e, é claro, ao ensino e à lição de alto gosto que advém de observá-lo, exaltando-o como: “... o portuguez mais interessante e mais sugestivo do século XIX...”.

De fato, trata-se de uma figura diferenciada e até certo ponto diferenciadora por explicitar e defender a importância do pensar, do racionalizar, que afirma por mais de

³⁴ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 62.

uma vez que um homem não deveria se expor, exceto no ofício de pensar, aspecto aqui muito bem demonstrado pelas palavras de nosso narrador:

*O homem, como os antigos reis do Oriente, não se deve mostrar aos seus semelhantes senão única e serenamente ocupado no ofício de reinar – isto é, de pensar. Esta regra d’um orgulho apenas permissível a um Spinoza ou a um Kant, dirigia severamente a sua conduta. Pelo menos comigo assim se comportou imutavelmente, através da nossa activa convivência, não se abrindo, não se oferecendo todo, senão nas funções da Intelligencia.*³⁵

As palavras proferidas sobre a personagem não só demonstram o pensar como aquilo que pode garantir de fato a constituição de um reinado, pois os reis do Oriente assim agiam, como também dá claro exemplo que poderia ser seguido por esses homens ocidentais que tão pouco têm pensado, para, claro está, rumarem a caminho da regeneração. A opção pela racionalização, também pode se interligar à poética na qual Fradique e a Geração que representa se desenvolveram, o Realismo, que se opõem a certo desenvolvimento do Romantismo, sobremaneira, ao seu já conhecido sentimentalismo.

Fradique Mendes, dessa maneira, devido a essa organização paraficcional, no sentido de ser fictício e seu autor se valer de artifícios para que se pensasse que ele assim não o fosse, e ao jogo lúdico que o envolve, numa obra que deveras se constitui uma espécie de enigma narrativo que nos convida à decifração, pode ser dito uma categoria de “personagem especial”, se é que se pode chamar assim, muito peculiar: um heterônimo, ou, como quer Jorge J. de Melo, “um exercício de imaginação”, de incontestável personalidade e autonomia narrativa – cuja comprovação ocorre, sobretudo, na leitura e análise de parte de sua correspondência –; uma personagem que,

³⁵ Eça de Queirós, *Ibidem*, p. 69.

incontestavelmente, fora composta por Eça de Queirós para ser o que é, senão um mito, ao menos algo capaz de provocar grande reflexão.

O curioso é que Eça decide retomar tal personagem criada ainda em sua mocidade em parceria com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, justamente num momento dito de arrefecimento de sua crítica, como quer parte da crítica literária³⁶, que insiste em realizar a divisão de sua obra em três distintas partes: a primeira, na qual teríamos **As Farpas** e **O Mistério da Estrada de Sintra**, de influência Romântica e da qual data o primeiro Fradique; a segunda, de crítica arraigada sobre os mais diversos aspectos da sociedade portuguesa, na qual foram compostas, por exemplo, **O Crime do Padre Amaro**, **O Primo Basílio** e **Os Maias**; e uma terceira e última fase, de arrefecimento e abrandamento da crítica e reconciliação com Portugal, da qual são oriundas **A Cidade e as Serras**, **A Ilustre Casa de Ramires**, **A Correspondência de Fradique Mendes** e **Últimas Páginas**.

Através da classificação de caráter didático, sabidamente problemática, se entendermos **A Correspondência de Fradique Mendes** como parte da fase de crítica arrefecida, seríamos automaticamente obrigados a reconhecê-la como sendo uma obra reconciliadora, de crítica amortecida, idéia essa claramente generalizante e “perigosa”, pois o que se poderia dizer sobre a crítica latente à sociedade portuguesa, sobre o humor e a ironia “escrachada” e distinta (em relação a alguns dos romances do escritor) que nela se encontra. Pensemos nas cartas, no deleite de sua leitura, em sua natureza pragmática, no “dever de informar” que apresentam, ou pretendem apresentar.

Desprezar simplesmente, em nome de tal classificação, o valor pedagógico da ironia, do humor e, até mesmo, do sarcasmo encontrado na **Correspondência** e nas

³⁶ Antônio José Saraiva e Oscar Lopes evidenciam tal preceito em: “O Romantismo”, In: **História da Literatura Portuguesa**, 9ªed, Porto, Porto Editora, 1976.

Cartas Inéditas é algo impensável e extremamente “empobrecedor” para a análise proposta. Entretanto, fazer conviver parâmetros tão divergentes não parece ser deveras impossível, principalmente, se relacionarmos a idéia de conciliação com uma personagem de grande capacidade crítica, embora bastante arraigada aos valores de sua pátria, que como todo bom português, segundo Jorge J. de Melo³⁷, demonstra inato o desejo de correr mundo, mas tem sempre saudade da nação abandonada.

Fradique é uma entidade ficcional representativa dos anseios de uma geração, que parece se construir “a nossos olhos”, à medida que tem sua vida e obras relatadas, sobretudo por cartas que lhe foram atribuídas e que permitem, ao leitor, traçar reflexões sobre seu tempo e, à personagem, assumir de fato a “fala”, fazendo desaparecer a figura do narrador – aspectos que, em contrapartida, também não impedem que a personagem Fradique se torne ainda mais complexa, por vezes até mesmo “rebaixada” de sua postura de mito tão exacerbada pelo narrador, parecendo, por vezes, contraditória e muito mais próxima de nós, simples seres humanos.

Para a exemplificação do afirmado acima, basta que pensemos em dois “registros” epistolográficos de Fradique: o primeiro, uma carta enviada a Guerra Junqueiro (“V. A Guerra Junqueiro. Paris, maio”), que nos ajuda a questionar a classificação de **A Correspondência de Fradique Mendes** como obra reconciliadora, e, mais, nos ajuda a entender muito do pensar fradiquiano, tão apropriado e tão “bem vindo” ao Portugal de então; o segundo, as cartas enviadas à Madame de Jouarre e à Clara (“II.A Madame de Jouarre. Paris, dezembro”; “IX. A Clara, Paris, junho”; “XVI. A Clara, Paris, outubro”), nas quais se dedica à matéria amorosa e, talvez por isso, se demonstre mais contraditório, “diferenciado”, rebaixado ou próximo ao “humano” como dissemos há pouco.

³⁷ Melo, **Op. cit.**, p. 34.

Para contestar a idéia de crítica arrefecida, a carta V, enviada a Guerra Junqueiro, faz-se pertinente por constituir um verdadeiro tratado sobre religião, na qual com ironia e humor, essa é vista através de seus vazios e perigosos rituais, seu seguir cego. Uma crítica que, conforme veremos, tal qual está, não difere muito da realizada em **O Crime do Padre Amaro**, obra da dita segunda fase eciana, de crítica arraigada. Vejamos um trecho da missiva:

Meu caro amigo. – A sua carta transborda de ilusão poética. Suppôr, como V. candidamente suppõe, que trespassando com versos (ainda mesmo seus, e mais rutilantes que as flechas de Apolo) a Igreja, o Padre, a Liturgia, as Sacristias, o jejum da sexta-feira e os ossos dos Martyres, se póde “desentulhar Deus da alluvião sacerdotal”, e elevar o Povo (no Povo V. decerto inclue os conselheiros de Estado) a uma compreensão toda pura e abstracta da Religião – a uma religião que consista apenas n’uma Moral apoiada n’uma Fé – é ter da Religião, da sua essência e do seu objecto, uma sonhadora idéa de sonhador teimoso em sonhos!

Meu bom amigo, uma Religião a que se elimine o Ritual desaparece – porque as Religiões para os homens (com excepção dos raros Metaphysicos, Moralistas e Mysticos) não passa d’um conjunto de Ritos através dos quaes cada povo procura estabelecer uma comunicação intima com o seu Deus e obter d’elle favores. Este, só este, tem sido o fim de todos os cultos, desde o mais primitivo, do culto de Indra, até ao mais culto recente do coração de Maria, que tanto o escandaliza na sua parochia – oh incorrigível beato do idealismo!

[...]

De resto, não se desconsolle, amigo! Mesmo entre os simples há modos de ser religiosos, inteiramente despidos de Liturgia e de exterioridades rituaes. Um presenciei eu, deliciosamente puro e íntimo. Foi nas margens do Zambeze. Um chefe negro, por nome Lubenga, queria nas vespas de entrar em guerra com um chefe visinho, communicar com o seu Deus, com o seu Mulungú que era, como sempre, um seu avô divinizado. O recado ou

pedido, porém, que desejava mandar à sua Divindade, não se podia transmitir através de Feiticeiros e de seu cerimonial, tão graves e confidenciaes materias continha... Que faz Lubenga? Grita por um escravo: dá-lhe o recado, pausadamente, lentamente, ao ouvido: verifica bem que o escravo tudo comprehendera, tudo retivera: e immediatamente arrebatava um machado, decepava a cabeça do escravo, e brada tranquilamente – “parte!” A alma do escravo lá foi, como uma carta lacrada e sellada, direita para o céu, ao Mulungú. Mas d’ahi a instantes o chefe bate uma palmada afflictiva na testa, chama à pressa outro escravo, diz-lhe ao ouvido rapidas palavras, agarra o machado, separa-lhe a cabeça, e berra: - “Vai!”.

Esquecera-lhe algum detalhe no seu pedido ao Mulungú... O segundo escravo era um post-scriptum...

Esta maneira simples de comunicar com Deus deve regosijar o seu coração. Amigo do dito – Fradique.³⁸

Em tal carta, aproveitando-se da possibilidade direta de comunicação estabelecida com Guerra Junqueiro, de forma simples e, até mesmo íntima, dado o modo de tratamento “Meu caro amigo” e do pronome “V.” [você, forma de emprego popular no Portugal do século XIX], Fradique, seguindo o preceito usual em sua correspondência de forjar uma comunicação previamente estabelecida, analisa o que supostamente lhe fora escrito, dando seqüência a essa espécie de “conversação fixa”: “A sua carta transborda de ilusão poética. Suppôr, como V. candidamente suppõe, que trespassando com versos (ainda mesmo seus, e mais rutilantes que as flechas de Apolo) a Igreja, o Padre, a Liturgia, as Sacristias, o jejum da sexta-feira e os ossos dos Martyres, se póde “desentulhar Deus da alluvião sacerdotal”, e elevar o Povo (no Povo V. decerto incluye os conselheiros de Estado) a uma comprehensão toda pura e abstracta da Religião – a uma religião que consista apenas n’uma Moral apoiada n’uma Fé – é ter da Religião, da

³⁸ Eça de Queirós, *Ibidem*, p. 155-167.

sua essência e do seu objecto, uma sonhadora idéa de sonhador teimoso em sonhos!”. Nessa passagem, retoma, em parte, o que Guerra Junqueiro lhe teria escrito e, a partir daí, como um tipo de censor, atitude essa que, amiúde, é comum em sua correspondência, tece considerações sobre o tipo de escrita realizada, dado os seus versos parecem ser “mais rutilantes que as flechas de Apolo”, mas, sobretudo, acerca de seu conteúdo, posto que, segundo Fradique, Junqueiro³⁹ não passava de um “sonhador teimoso em sonhos”, um “incorrigível beato do idealismo”, ou seja, provavelmente alguém que age como um utópico ao acreditar que um dia todos os homens, os sacerdotes e o povo, enfim, poderiam ter uma idéia mais “refinada”, decantada e livre de tanta superstição e “burocracias eclesiásticas”, do que é de fato a religião e de qual seria a sua verdadeira finalidade em suas vidas, ou seja, qual o seu verdadeiro propósito.

Fradique, valendo-se de um segundo vocativo mais informal e amistoso, mas um tanto quanto irônico: “Meu bom amigo”, – com essa forma de tratamento “bom” em lugar de “caro”, que tanto poderia conotar, como adjetivo, o sujeito realmente repleto de positivas e verdadeiras qualidades, como aquele que é ingênuo e talvez por isso mesmo fácil de se enganar, de se deixar levar por idéias absurdas e nada cabíveis – começa, então, a defender aquilo que realmente pensa e, evidentemente, demonstra o motivo primeiro de tal carta: “uma Religião a que se elimine o Ritual desaparece – porque as Religiões para os homens (com excepção dos raros Metaphysicos, Moralistas e Mysticos) não passa d’um conjunto de Ritos através dos quaes cada povo procura estabelecer uma comunicação intima com o seu Deus e obter d’elle favores. Este, só este, tem sido o fim de todos os cultos, desde o mais primitivo, do culto de Indra, até ao

³⁹ Convém notar que, escrevendo para Guerra Junqueiro, com ele estabelecendo uma correspondência, Eça consegue reforçar a estratégia de dar veracidade à *existência* de Fradique, pois, a exemplo do que ocorreu com Ortigão, Junqueiro foi também escritor importante na conjuntura de examinar e criticar Portugal, do que são exemplos obras como **A Velhice do Padre Eterno**, **Pátria** e **Finis Patriae**.

mais culto recente do coração de Maria, que tanto o escandaliza na sua parochia – oh incorrigível beato do idealismo!”.

Age ele como se fosse um “delator” violento das superficialidades e das contradições e, acima de tudo, da hipocrisia da Igreja, parecendo defender a fé simples, tal qual pretendia Guerra Junqueiro, mas sem a “bondade” desse (leia-se ingenuidade, despreparo intelectual, ausência de visão crítica), o que o leva, por fim, a fazer o que de fato faz, negar qualquer fé, até a mais primitiva, colocar-se como um anti-religioso.

O instigante é que no jogo enunciativo fradiquiano nada é feito de maneira “retilínea”, clara e uniforme, pois, para convencer seu amigo, nossa personagem o faz de uma maneira jocosa, beirando a ironia⁴⁰. Para tal, vale-se de uma artimanha extremamente comum em sua correspondência: em meio à carta que está escrevendo, conta uma história observada por ele mesmo em algum dos locais por onde esteve – locais que, como já sabemos de antemão, devido à primeira parte da obra, não foram poucos, uma vez que Fradique fora um verdadeiro “esquadrinhador” do mundo: “Um presenciei [ritual curioso] eu, deliciosamente puro e íntimo. Foi nas margens do Zambeze. Um chefe negro, por nome Lubenga, queria nas vésperas de entrar em guerra com um chefe vizinho, comunicar com o seu Deus, com o seu Mulungú que era, como sempre, um seu avô divinizado....”.

História pitoresca, para não dizer rizível ou ridícula, contada de modo interessante que, assim, em meio à defesa de inexistência de uma idéia, parece assumir um tom bastante didático, semelhante às histórias de ensinamentos contadas às crianças quando essas estão em fase de desenvolvimento. Fradique, ao inseri-la em sua “tese” de defesa de uma religião pura, o faz depois de um período que parece de consolação ao

⁴⁰ Da ironia não no sentido anatoliano e macio, mas já travada de certo humor ácido que, em relação aos outros, se aproxima do sarcasmo e, em relação a si mesmo, da impiedade. In: Antonio Candido, **Ficção e confissão: ensaio sobre Graciliano Ramos**, 3ªed. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006, p. 27.

seu “utópico” amigo: “De resto, não se desconsola, amigo! Mesmo entre os simples há modos de ser religiosos, inteiramente despidos de Liturgia e de exterioridades rituais.”. E, durante o relato, deixa de ser um simples enunciador direto de suas idéias, dialogando diretamente com um interlocutor individualizado, para assumir a postura de um narrador observador e perspicaz, que tudo parece compreender, beirando, por que não dizer, a onisciência, e, a partir daí, relata o acontecido, seguindo a trama narrativa tradicional, ou seja, situa e apresenta as personagens, relata a situação e é até capaz de criar um conflito, pois quando o chefe Lubenga dá uma palmada aflita na testa, é sinal de que algo não saíra conforme o planejado, havendo, por fim, o desfecho inusitado, com possibilidades múltiplas de leituras que apenas corroboram a qualidade por vezes tão exaltada da obra em questão.

Fradique, antes de tecer a narrativa, afirma categoricamente que seu amigo não precisa se desconsolar porque há formas mais puras e íntimas de se relacionar com Deus, e, segundo a história contada, de fato há. No entanto, o final, repleto de humor, um humor deveras negro, mas um tipo de humor, no qual, esquecendo uma parte da mensagem, Lubenga se vê obrigado a enviar um *post-scriptum*, propicia um questionamento: se a liturgia ou a relação com Deus passa a ser tão simplificada, como entender esse meio ainda burocrático, um *post-scriptum*, mesmo que esse seja marca das escritas informais, por assim dizer, não negando a visão incontestável de que é preciso se valer de certos meios para se comunicar com Deus, e mais, esses meios não são para todos, pois quantos no Zambeze teriam mensageiros assim, tão obedientes para mandar? Onde afinal Fradique pretende chegar com tal narração? - acrescida ainda de uma afirmação tão irônica e, agora sim, claramente sarcástica⁴¹: “Esta maneira simples

⁴¹ Helder Garmes nos adverte em seu texto “Eça de Queirós e a Casa do Espelhos” que “...enquanto o sarcasmo não permite qualquer cumplicidade com o objeto ao qual ataca, não criando ambiguidade sobre a agressão realizada, a ironia parte de tal cumplicidade, dando margem para que a mensagem possa ser

de comunicar com Deus deve regosijar o seu coração.”. Que coração se regojisaria com uma maneira tão cruel de se comunicar com Deus? Um sujeito, como Guerra Junqueiro, culto e, segundo o próprio Fradique, fazedor de cuidadosos versos, certamente não.

Assim, deixando momentaneamente de lado o Fradique censor que a tudo questiona, que a tudo debate, anteparando com sua robustez e erudição a decadência dos hábitos e do viver português que se faz dissimulado e exposto, deixemos aflorar os contrastes que a própria personagem assume e irradia, bastando ver, por exemplo, a postura assumida diante de Clara, num primeiro momento, em carta a Madame Jouarre, quando uma mulher que lhe chama a atenção e ele, com toda a intimidade que caracteriza seu diálogo com tal correspondente, sua madrinha, procurará saber quem é:

Minha querida madrinha, - *Ontem, em casa de Madame de Tressan, quando passei, levando para a ceia Libuska, estava sentada, conversando consigo, por debaixo do atroz retrato de Marechala de Mouy, uma mulher loira, de testa alta e clara, que me seduziu logo, talvez por lhe pressentir, apesar de tão indolentemente enterrado num divã, uma rara graça no andar, graça altiva e ligeira de Deusa e de ave [...] / Quem era? Suponho que nos chegou do fundo da província, de algum velho castelo de Anjou com erva nos fossos, porque me não lembro de ter encontrado, em Paris, aqueles cabelos fabulosamente loiros como o sol de Londres em Dezembro – nem aqueles ombros descaídos, dolentes, angélicos, imitados de uma madona de Montegna, e inteiramente desusados em França desde o reinado de Carlos X...*⁴²

entendida literalmente ou em seu sentido contrário. [...] temos então uma rejeição total ao objeto do discurso na sátira e uma cumplicidade em relação ao mesmo na ironia. Assim, enquanto na sátira a crítica é explícita, na ironia é implícita e, em hipótese, sempre pode ser negada, evocando-se o sentido literal de uma afirmação irônica. ...” In: Helder Garmes, “Eça de Queirós e a Casa de Espelhos”, Apud: Annie Gisele Fernandes e Francisco Maciel Silveira (org.). **A Literatura Portuguesa: visões e revisões**, São Paulo, Ateliê Editorial, 2009, p. 79-80.

⁴² Eça de Queirós, **Ibidem**, p.119.

O notável é que o protagonista, como todo e qualquer grande personagem realista, nessa situação de paixão amorosa se aproxima bastante da condição humana, pois diante daquela que o cativa e seduz se coloca, imediatamente, como alguém que se encontra perplexo diante de tanta beleza, um sujeito que se deixa levar por tal magnitude, sendo capaz de se entregar à tentação de idealizá-la ao descrever a beleza que o tocou assim, de modo tão contundente, pois, segundo ele próprio, ela só pode ter vindo de algum velho castelo, com seus cabelos “fabulosos” e ombros “angelicais”, adjetivos que por si só já demonstram a força idealizadora suscitada pelo sentimento que *a priori* aflorara.

Fradique, conforme nos mostra a leitura de toda a correspondência destinada não mais a Madame Jouarre, mas a Clara, a partir dessa primeira visão, usa sua grande inteligência para seduzi-la, consegue tal intento e, o curioso é que, contraditoriamente ao fato de sempre, segundo ao narrador nas “Memórias e Notas”, ter-se deixado guiar somente pela razão, deixa-se levar, agora, por uma espécie de sentimentalismo, fazendo de Clara alvo da declaração de seu mais puro, elevado e exagerado amor:

De sorte que a minha querida amiga, sem saber se tornou a minha educadora. E tão dependente fiquei logo d’esta direcção, que já não posso conceber os movimentos do meu sêr senão governados por ella e por ella ennobrecidos. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de algum valor, idéa ou sentimento, é obra d’essa educação que a sua alma dá á minha, de longe, só com o existir e ser comprehendida. Se hoje me abandonasse á sua influencia – devia antes dizer, como um asceta, á sua Graça – todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Vejo pois como se me tornou necessaria e preciosa...⁴³.

O exagero amoroso e o excesso de sentimentalismo, ao que nos parece, não passaram de um artifício para alcançar seu intento: a conquista daquela que o cativou,

⁴³ Eça de Queirós, *Ibidem*, p.198.

pois Fradique, ainda se valendo de algo que realmente tem, inteligência e atitudes contraditórias, tenta se descartar de Clara com outra surpreendente declaração repleta de cinismo, hipocrisia e absolutamente imersa num possível tom de enfado, resultante, possivelmente, de certo tédio, que deságua em grande ironia:

*Minha muito amada Clara. – Toda em queixumes, quase rabugenta, e mentalmente trajada de luto, me apareceu hoje a tua carta com os primeiros frios de outubro. E porquê, minha doce descontente? Porque, mais fero do coração que um Tratamara ou um Borgia, estive cinco dias (cinco curtos dias de outono) sem te mandar uma linha, afirmando essa verdade tão patente e de ti conhecida como o disco do sol – que só em ti penso, e só em ti vivo! (...) Realmente necessitas ainda, cada manhã, um certificado, em letra bem firme, de que minha paixão está viva e viçosa e te envia os bons dias? Para que? Para socego da tua incerteza? Meu Deus! Não será antes para regalo do teu orgulho? Sabes que és Deusa, e reclamas incessantemente o incenso e os canticos do teu devoto...*⁴⁴

São esses procedimentos contraditórios, por vezes, até mesmo incoerentes, sem explicações imediatas e plausíveis para um leitor desprevenido, que só fazem corroborar a contundência da personagem e da obra enquanto criações literárias que alcançam, conforme mencionado anteriormente, sua significância completa quando contrapostas as duas partes de **A Correspondências de Fradique Mendes**, a biografia ou relato memorialístico - intencionalmente laudatório e enaltecedor, às vezes ao extremo, ridiculamente ao extremo - e a correspondência a ele atribuída, na qual a personagem não só assume voz, por assim dizer, mas a autonomia que, enquanto um tipo de personagem tão complexo e especial, só ela pode desfrutar.

Dessa forma, mais do que analisar essa emblemática figura “fim-de-século”, interpretando o conjunto de valores estéticos e de convicções que simbolizou, mais do

⁴⁴ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 255-256.

que perspectivá-lo em simultâneo com o itinerário queirosiano ou geracional, pretendemos analisar pontual e aprofundadamente o legado literário a ela atribuído, sua correspondência propriamente dita.

Intentamos selecionar cartas que ecoem e melhor justifiquem ou corroborem essas impressões e possibilidades de leituras sobre nossa personagem, apontar os elementos nelas contidas que tão bem representam a imagem que se quer de seu “interlocutor”, elementos que nos dêem a possibilidade de entender ainda melhor esse “jogo de imaginação”. No entanto, faz-se importante ressaltar que para o alcance de tal objetivo é imprescindível uma “leitura analítica” do que chamamos, desde o começo desse primeiro capítulo, a primeira parte da obra, ou seja, as “Memórias e Notas”, pois sem ela seria impossível entender Fradique em sua plenitude, enquanto uma “configuração esquemática” tão bem criada por Eça de Queirós.

CAPÍTULO II – “MEMÓRIAS E NOTAS” – RELATO MEMORIALÍSTICO OU BIOGRÁFICO? E A CONSTITUIÇÃO DE UMA PERSONAGEM

Ao estudar detidamente **A Correspondência de Fradique Mendes** nos deparamos com um narrador ficcional anônimo que se coloca como alguém que primeiro conheceu Carlos Fradique Mendes como um simples leitor que lera seus poemas publicados na **Revolução de Setembro** em 1867 e sobre eles guardara boa impressão, sobretudo, no que diz respeito ao cuidado com a forma e à procura de uma nova maneira de se expressar, livre daquele sentimentalismo romântico que tanto marcava a poesia da época, impressão verificável segundo o relato do próprio narrador, que chega a chamar nosso protagonista de “o cinzelador das Lapidárias⁴⁵”.

Ou seja, um autor mais preocupado com a forma, que talvez se aproxime de princípios Parnasianos como o do “poeta ourives⁴⁶”, mas que como tal possa trilhar o vazio caminho do preciosismo formal, um dos possíveis fatores que talvez tenha lhe impossibilitado a construção de algum legado literário, uma vez que de Fradique só tenhamos, no final das contas, suas cartas.

Esse mesmo sujeito, que de início é apenas um leitor entusiasmado, torna-se a seguir, ainda segundo seu próprio relato, um amigo e, sobretudo, admirador íntimo e pessoal de Fradique, tendo, ambos, participado do Cenáculo, embora, claramente, nossa personagem estivesse em um patamar sempre de maior destaque:

⁴⁵ Eça de Queirós, **A Correspondência de Fradique Mendes**, p. 23.

⁴⁶ Segundo Vitor Manuel de Aguiar Silva: “A arte pela arte, como movimento estético, como escola literária historicamente situada e determinada, é um fenômeno característico do século XIX, ligado à invasão crescente do mundo moderno pela técnica e à tendência burguesa para transformar a arte em mercadoria.”, In: **Teoria da Literatura**, 3ªed. Coimbra: Livraria Almedina, 1973, p. 86.

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Paschoa, - justamente na semana em que elle regressára da sua viagem á Africa Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admiravel datava de Lisboa, do anno remoto de 1867. Foi no verão d'esse anno, uma tarde, no café Martinho, que encontrei, n'um número já amarrotado da Revolução de Setembro, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam.

Os themas ("os motivos emocionaes", como nós diziamos em 1867) d'essas cinco ou seis poesias reunidas e folhetim sobre o titulo de Lapidarias, tinham logo para mim uma originalidade captivante e bemvinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenáculo [...] decidíramos abominar e combater a rijos brados o Lyrismo Intimo, que, enclausurado nas duas pollegadas do coração, não comprehendendo d'entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a poesia, sobretudo em Portugal, uma monótona e interminável confidencia de glorias e martyrios de amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos [...] trabalhava um outro filão poético que me seduzia – o da Modernidade, ...⁴⁷

A apresentação instaura de imediato o carácter autónomo tão ressaltado da personagem agora exclusivamente eciana, já que se faz evidente a alusão ao tempo em que a ela foram atribuídos alguns poemas pelos ainda jovens Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis. A partir daí é como se estivéssemos todos livres e preparados para aceitar a verossimilhança do que nos será contado por esse narrador que tem papel fundamental na atitude lúdica de composição da personagem e seus escritos.

Afinal, dentro da narrativa abordada, é inegável que tal figura atue como espécie de “organizador”, cuja função nos parece ser a de seleccionar as melhores perspectivas através das quais nos aproximamos da personagem e de outras características do relato

⁴⁷ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 05.

como o ambiente que a rodeia e justifica muitas de suas ações. Atua, portanto, como espécie de “filtro” a apurar, através de sua voz e postura assumidas, aquilo que de Fradique devemos nos nutrir, aquilo que dele devemos entender e aceitar: é espécie clara de “regulador” da narração, fator determinante na orientação que se imprime ao material narrativo.

Dessa forma, nada que diz respeito a ele (narrador) nos parece ingênuo ou despretensioso, cada encontro, desencontro, jantar, diálogo travado, reunião ou observação parece ser um meio para que ele se situe no mundo como os demais personagens, nos fazendo sentir progredir o conhecimento dele sobre o ambiente em que vive, mas, em especial, sobre o ambiente em que Fradique vive, aumentando-lhe a autoridade, o conhecimento e a proximidade que quer nos transmitir em relação a personagem central, destacando-a como personalidade que vive num tempo e meio ideais para o tipo de atuação que desempenha⁴⁸.

Como grande organizador da narrativa, como aquele que parece “encarnar” os princípios pelos quais, nós mesmos, leitores, vamos, mais tarde, estabelecer nossos juízos de valores, este narrador testemunha em primeira pessoa, parece-nos claro, recorre a certa “máscara” que procura manter a salvo sua credibilidade e, em definitivo, a “verdade” (leia-se verossimilhança) da narrativa.

Talvez por isso passa-se por amigo de Fradique, pois dessa maneira ganha maior intimidade com a personagem, transmitindo-nos o relato de sua existência via tal perspectiva. No entanto, algo destoa, ele parece trair-se em relação à credibilidade que tanto procura. Afinal, acreditamos assim, inadvertidamente, em um amigo?

⁴⁸ “En efecto, la tradición más antigua relaciona narrador y sabiduría. [...] Haga o no exhibición de sus dotes, se supone que el narrador conoce a la perfección todos los entresijos de la historia que relata, aunque – como se verá su saber real depende en cada caso del ángulo de visión adoptado.” Antonio Garrido Domínguez, **El texto narrativo**, Madrid, Editorial Síntesis, S. A., s/d, p. 105.

A verdade é que, por mais que esse narrador em primeira pessoa adquira efeito de realidade, assumindo funda autoridade em seu testemunho pessoal e direto dos fatos, ele perde em credibilidade e perde em definitivo, primeiro porque um narrador em primeira pessoa conta tudo da sua perspectiva, aliás, a única à qual nós leitores, durante a maior parte da leitura temos acesso; depois, porque, participando do relato, assume postura às vezes problemática, ora glorificando e idealizando Fradique ao extremo, chegando a beirar o ridículo, o cômico:

*Gastei a noite, preparando frases, cheias de profundidade e beleza, para lançar a Fradique Mendes! Tendiam todas à glorificação das **Lapidárias**. E lembro-me de ter, com amoroso cuidado, burilado e repolido esta: - “A forma de V. Ex.^a é um mármore divino com estremecimentos humanos!”*

*De manhã apurei requintadamente a minha toilette como se em vez de Fradique, fosse encontrar Ana de Léon – com quem já nessa madrugada, num sonho repassado de erudição e sensibilidade, eu passeara na Via Sagrada que vai de Atenas a Elêusis, conversando, por entre os lírios que desfolhávamos, sobre o ensino de Platão e a versificação das **Lapidárias**. E às duas horas, dentro de uma tipóia, para que o macadame regado não maculasse o verniz dos sapatos, parava na Havanesa, pálido, perfumado, comovido, com uma tremenda rosa de chá na lapela. Éramos assim em 1867!⁴⁹*

ora o ironizando, quase “achincalhando”, afirmando-o indolente e afetado, logo após descrições e afirmações de sua qualidade enquanto escritor:

*Dizia estas coisas enormes numa voz lenta, penetrante – que ia recortando os termos com a certeza e a perfeição de um buril. E eu escutava, varado! Que um Boileau, um pedagogo, um lambão de corte, permanecesse nos cimos da Poesia Francesa, com a sua **Ode à tomada de Namur**, a sua cabeleira e a sua férula, quando o nome do poeta da **Lenda***

⁴⁹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 18.

*dos Séculos fosse como um suspiro do vento que passou – parecia-me uma dessas afirmações, de rebuscada originalidade, com que se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente classificava de insolente. Tinha mil coisas, abundantes e esmagadoras, a contestar; mas não ousava, por não poder apresentá-las naquela forma translúcida e geométrica do poeta das **Lapidárias**. Essa cobardia, porém, e o esforço para reter os protestos do meu entusiasmo pelos Mestres da minha mocidade, sufocava-me, enchia-me de mal-estar; e ansiava só por abalar daquela sala, onde, com tão bolorentas opiniões clássicas, tanta rosa nas jarras e todas as moles exalações de canela e manjerona – se respirava conjuntamente um ar abafadiço de Serralho e de Academia.⁵⁰*

Postura essa, ademais, que não é incomum a outros narradores queirosianos vide, por exemplo, Zé Fernandes que, em **A Cidade e as Serras**, faz o mesmo com Jacinto, apesar de finalidades outras, é verdade.

De qualquer modo, esse “eu” que por vezes ironiza Fradique é o responsável por contar sua história e a grande verdade é que o tom geral dessa primeira parte da obra intitulada de “Memórias e Notas” não se fundamenta deveras na ironia, mas, sobremaneira, na observação e no relato exagerado, superlativo dos hábitos, gostos, pensamentos, atitudes, morte, enfim, da vida do protagonista, o biografado.

Ao ler a obra e sua fortuna crítica o que nos chama a atenção é de fato a riqueza de detalhes com que a história da vida da personagem é construída, repleta de minúcias que vão desde sua infância até sua morte; de suas viagens e rede de amigos, aos pensamentos críticos sobre as questões do mundo em seu tempo e é claro à construção de seu legado intelectual, que não pudera ser “classicamente” literário, composto de romances, poemas, dramas teatrais ou qualquer outra manifestação dita literária, por Fradique possuir uma espécie de “perfeccionismo” ao querer criar algo de beleza plena

⁵⁰ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 28-29.

e inigualável, atitude que pode ser entendida como decorrência de certa aproximação de ideais parnasianos, uma vez que o próprio narrador o caracteriza como um “cinzelador”⁵¹ dos poemas publicados na **Revolução de Setembro**, mas que nos parece mais fácil de ser entendida como sinônimo da abulia que também atinge Carlos Fradique Mendes. Seria, portanto, nossa personagem também alvo de certo tédio ocioso disfarçado que o levaria, assim como levou outras personagens de Eça de Queirós, como Carlos da Maia, a não produzir, embora através de sua postura e idéias tudo pareça prometer, quebrando as “boas” expectativas que as personagens ao seu redor teimam em ter, no caso de Carlos, seu avô Afonso da Maia, no de Fradique, o próprio narrador.

Então, nosso protagonista acobertaria seu tédio ocioso sob o pretexto de se sentir insatisfeito com os meios disponíveis, seria aquilo que os psicólogos chamam de perfeccionista, aos olhos do próprio narrador, que nisso parece querer-nos fazer acreditar:

*Sim! pensava eu. Talvez Fradique, à maneira do chanceler Bacon e de outros homens grandes pela acção, deseje esconder deste mundo de materialidade e de força o seu fino gênio poético! Ou talvez essa ira, ao ver seu nome impresso debaixo de versos com que se orgulharia Leconte de Lisle, seja a do artista insatisfeito, que não aceita ante os homens como sua obra onde sente imperfeições! Estes modos de ser, tão superiores e novos, caíam na minha admiração como óleo numa fogueira.*⁵²

Mas, o fato é que, bem entendido, essa proposição – da crítica a abulia, do tédio ocioso – é uma espécie de denominador comum da obra queirosiana, que segundo

⁵¹ “Este ideal de beleza parnasiana é um elemento sempre presente a obra de Eça de Queirós, que atribui a Fradique a ambição de criar uma forma que, ‘só por si própria e separada de valor do pensamento, exercesse sobre as almas a acção inefável do absolutamente belo’...”, In: Antonio José Saraiva & Óscar Lopes. **Op. cit.**, p.983.

⁵² Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 20.

Antonio José Saraiva e Óscar Lopes, em **História da Literatura Portuguesa**⁵³, tende a criticar, dessa maneira, a *intelligentsia* portuguesa ligada à alta burguesia mais ou menos abrasonada do Constitucionalismo monárquico, daí essa ambivalência de muitas de suas páginas fundamentais, das quais o esteriótipo claro é Fradique, que, via narrador, por trás de sua exaltação de uma forma literária pura e subsistente nada mais faz do que nos sugerir, de forma sublimada, a consciência de que a personalidade não se desenvolve pelo simples acúmulo passivo de experiências, não se desenvolve sem empenho radical, somente pela erudição e pela comodidade física e privilégio social.

Os relatos do narrador, de Fradique e de seus “contemporâneos” em muito nos auxiliam a conhecer melhor o protagonista e a maneira como ele se constitui enquanto personagem por adicionarem informações e/ou consistência à personalidade do herói que, devido ao excesso de superlativos recebidos do narrador, corre risco de ter sua construção fragilizada e de não se tornar aquilo que de fato deveria ser e representar:

Michelet escrevia um dia, n’uma carta alludindo a Anthero de Quental: - “Se em Portugal restam quatro ou cinco homens como o auctor das Odes Modernas, Portugal continua a ser um grande paiz vivo...” O mestre da Historia de França, com isto significava – que enquanto viver pelo lado da Intelligencia, mesmo que jaza morta pelo lado da Acção, a nossa patria não é inteiramente um cadaver que sem escrupulo se pise e se retalhe. Ora no pensamento ha manifestações diversas: e se nem todas irradiam o mesmo esplendor, todas provam a mesma vitalidade. Um livro de versos póde sublimemente mostrar que a alma de uma nação vive ainda pelo Genio Poetico: um conjunto de leis salvadoras, emanando de um espirito positivo, póde comprovar que um povo vive ainda pelo Genio Poetico: - mas a revelação de um espirito como o de Fradique assegura que um paiz vive tambem pelos lados menos grandiosos, mas valiosos ainda, da

⁵³ Antonio José Saraiva & Óscar Lopes. **Op. cit.**, p. 978-979.

graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da phantasia, do humorismo e do gosto...

*Nos tempos certos e amargos que vão, Portuguezes d'estes não podem ficar sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um marmore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos – como uma consolação e uma esperança*⁵⁴.

Fradique representaria, segundo as palavras do próprio narrador, espécie de caricatura da perfeição, protótipo, figura modelar para o homem de seu tempo. A principal questão em sua constituição seria, portanto, como o fazer crível, já que tamanha completude de caráter, tamanho perfeccionismo, possivelmente não caberia de modo “tranquilo” e sem reservas a uma personagem pertencente à poética realista que não favorece nem aceita tal impulso idealizador. Além disso, somente um relato fundamentado num narrador dito “eu como testemunha” também poderia não garantir tal característica tão importante à obra, daí o depoimento calcado no “discurso da autoridade” de personalidades que de fato viveram à época do Cenáculo e eram conhecidas do grande público, fazendo adensar cada vez mais esse “jogo lúdico” criado ou retomado por Eça de Queirós, garantindo-lhe, inquestionavelmente, mais “realidade” e “possibilidade de existência”:

Todos, apesar das dissimilhanças do temperamento ou das maneiras diferentes de conceber a vida – tinham como eu sentido a sedução d'aquele homem adorável. D'elle me escrevia em novembro de 1877 o auctor de Portugal Contemporâneo: - “Cá encontrei o teu Fradique, que considero o portuguez mais interessante do seculo XIX. Tem parecenças com Descartes! E a mesma paixão das virgens, que levava o philosopho a fechar os livros “para estudar o grande livro do Mundo” [...] Ramalho Ortigão pouco tempo depois, dizia d'elle n'uma carta carinhosa: - “Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado producto da

⁵⁴ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.135.

*civilização em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguém está mais
superiormente apetrechado para triunfar na Arte e na Vida.*⁵⁵

Oliveira Martins, o autor de **Portugal Contemporâneo**, Ramalho Ortigão, Carlos Mayer e, até mesmo, Antero de Quental são personalidades reais da Geração de 70, cujos depoimentos parecem corroborar a existência de Fradique, pois são sujeitos reais que fazem críticas (ainda que não reais) ao personagem em questão e às suas idéias. Mesmo sendo tão hiperbólicos quanto o narrador, eles corroboram a impressão de vivência “real” do herói Fradique, ou seja, auxiliam na busca da veracidade na construção da personagem, o que aprofunda ainda mais a complexidade, quer de Fradique, enquanto entidade ôntica, quer da obra como um todo, pois instaura-se dessa forma a possibilidade de caracterizar tal relato, ou estudo de natureza ideológico-performativa, de discurso polifônico⁵⁶, já que são vozes diferentes “cantando” o tema.

O modo de apresentação de Fradique parece se instaurar, desde o início, como uma tentativa (alcançada com grande êxito) de apagar qualquer marca de ficcionalidade. Trata-se, portanto, de iludir, de jogar até a subversão com esta figura que usa de toda possibilidade simbólica para ocupar seu lugar. A intenção de criar Fradique é indissociável de pretensão de lhe proporcionar um estatuto “fora” das histórias de que participa ou da produção textual que lhe é atribuída⁵⁷, o que nos leva a

⁵⁵ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.62-63.

⁵⁶ “... o romance polifônico constrói-se a partir de uma teia complexa de relações dialógicas entre as várias consciências, pontos de vista e posições ideológicas que nele se confrontam [...] ‘as relações dialógicas estabelecem-se em todos os elementos estruturais do romance’ e este dialogismo ‘transcende de muito longe as relações entre as réplicas de um diálogo formalmente produzido (BAKHTINE) a discussão de um problema por várias vozes diferentes, o seu plurivocalismo o seu heterovocalismo fundamental e inelutável...” em: Carlos Reis e Ana Cristina M.Lopes, **Dicionário de Narratologia**, 4ªed, Coimbra, Livraria Almedina, 1994, p. 342.

⁵⁷ As cartas de Fradique, por exemplo, são lidas como se de fato esta “personalidade” tivesse existido e as tivesse escrito. Numa carta dirigida a Emilia Resende, Eça dá-nos conta desse fato, pesaroso de não receber os louvores de sua invenção: “As senhoras de Lisboa estão encantadas com Fradique. De facto, Fradique é um sucesso; e ocupa parte de todas as conversações em Lisboa, a ponto de se ouvir esse grande nome por cafés, lojas de moda, peristilos de teatros, esquinas de ruas etc. O pior é que se crê geralmente que Fradique existiu, e é ele, não eu que recebe estas simpatias gerais...”, In: Eça de Queirós, **Correspondências**, p. 115.

classificá-lo como espécie de entidade paraficcional, como aquilo que está para além, ou ao lado da ficção, no intuito primeiro de ajudar a constituir valores na e da realidade.

O discurso polifônico indicaria o multifacetado da existência e a complexidade dos sentimentos humanos, dando-nos a exata impressão de que a voz do narrador não transforma a dos outros (de seus contemporâneos, ou do próprio Fradique) conforme seu “bem-querer”, nem que suas definições são dadas à revelia, o que se por um lado aumenta nossa noção de verossimilhança, por outro adensa essa intrincada teia da composição fradiquiana, pois verdade é que, nessas vozes a representar várias consciências, instaura-se certo dialogismo que, de um modo ou de outro, põe em contato visões, por vezes díspares, mas sempre complementares na composição do jogo “ficcional” Carlos Fradique Mendes.

É importante notar, então, o modo como os dados biográficos e o conhecimento e reconhecimento de terceiras pessoas (nomeadamente de personalidades literárias conhecidas) produzem esse “efeito de real” que conduz o público leitor a aceitar Fradique quase que como uma personalidade “real”, mas também o leva (público-leitor) a ter tal imagem constituída pouco a pouco, ou seja, ao leitor cabe colecionar as sucessivas, intermitentes e limitadas (no sentido de pouco relativizadas) informações sobre Fradique que se consubstancia, num primeiro momento, a nosso ver, não só sobre o que dele é relatado em “Memórias e Notas”, mas “como” o relato sobre ele é construído.

Ao longo de tal “introdução” – “Memórias e Notas” – cujo título neste sentido também não é inocente, o leitor é preparado para aceitar sem estranhar duas verdades sobre Fradique: primeiro, a já citada veracidade de sua existência e de pensamentos

forjados por esse narrador-biógrafo-memorialista; depois, o caráter fragmentário, “solto”, descontínuo e diverso de seu escopo literário, suas cartas.

Importante notar que Fradique também se “forma” através de outros fatores interessantes como, por exemplo, a atenção dada ao seu “legado”, as suas correspondências, quer no que diga respeito ao papel do narrador, enquanto biógrafo, diante da responsabilidade de organizá-las e do porquê fazê-lo, quer no que diga respeito à pormenorização dos aspectos físicos dessas cartas e dos critérios que utilizou para publicá-las:

Li em todo o caso essas cartas – como leio todas as collecções de Correspondências, que, não sendo didacticamente preparadas para o publico (como as de Plínio), constituem um estudo excellente de psychologia e de historia. Eis-ahi uma maneira de perpetuar as idéas d’um homem que eu afoutamente approvo – publicar-lhe a correspondência! [...]. Além d’isso uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimável para aquelles que na terra valeram mais pelo character do que pelo talento [...] as cartas d’um homem, sendo o producto quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua philosophia – que é apenas a criação impessoal do seu espirito”.

[...] apenas em mim foi se acalmando a saudade d’aquelle camarada adoravel, a reunir as suas cartas para que os homens alguma coisa pudessem aprender e amar n’aquella intelligencia que eu tão estreitamente amára e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei um anno – porque a correspondencia de Fradique, que, desde os quietos habitos a que se acolhera depois de 1880 aquelle “andador de continentes”, era a mais preferida de suas occupaões, apresenta a vastidão e a copiosidade da correspondencia de Cicero, de Voltaire, de Proudhon, e d’outros poderosos remexedores de idéas.⁵⁸

⁵⁸ Eça de Queirós, **A Correspondência de Fradique Mendes**, p.127-129.

Assim, o “biógrafo-memorialista” parece “forjar” uma aprovação do biografado, um aval que ganha força ainda maior por esse já estar morto e não poder impedir tal publicação, como talvez o fizesse, dado o cuidado que tivera em manter em segredo os seus manuscritos deixando-os sob vigilância de Madame Lonbriska e gerando com isso grande curiosidade e discussões entre seus conhecidos em relação ao que ali haveria:

Se a vida de Fradique foi assim governada, por um tão constante e claro propósito de abstenção e silêncio – eu, publicando as suas Cartas, pareço lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte, nesse ruído e publicidade a que ele sempre se recusou, por uma rígida probidade de espírito. E assim seria – se eu não possuísse a evidência de que Fradique, incondicionalmente, aprovaria uma publicação da sua Correspondência, organizada com discernimento e carinho. Em 1888, numa carta em que lhe contava uma romântica jornada na Bretanha, aludia eu a um livro que me acompanhara e me encantara, a Correspondência de Xavier Doudan – um desses espíritos recolhidos que vivem para se aperfeiçoar na verdade e não para se glorificar no mundo, e que, como Fradique, só deixou vestígios da sua intensa vida intelectual na sua Correspondência, coligida depois com reverência pelos confidentes de seu pensamento.

Fradique, na carta que me volveu, toda ocupada dos Pirinéus onde gastara o Verão, acrescentava num post-scriptum: - ‘A Correspondência de Doudan é realmente muito legível; ainda que através dela apenas se sente um espírito naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no doutrinismo da escola de Genebra, e que depois, caído em solidão e doença, só pelos livros conheceu a vida, os homens e o mundo. Li em todo o caso essas cartas – como leio todas as colecções de Correspondências, que, não sendo didacticamente preparadas para o público (como as de Plínio), constituem um estudo excelente de psicologia e de história. ...’⁵⁹

⁵⁹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.108-109.

De qualquer modo, o que existe de fato na atitude do narrador que passa então a atuar como um editor fictício é, como era de se esperar dado seu “hiperbolismo” sempre que se trata de Fradique, uma exaltação também em relação ao gênero, o epistolográfico, que, segundo ele e o pensamento da própria personagem, valeria mais do que qualquer tipo de obra individual, por conter maiores ensinamentos que uma filosofia própria e privilegiar homens de caráter, ainda que “modestamente” de pouco talento.

Dizemos “modestamente”, pois subentendemos que a personagem não se julgava tão sem talento assim, porque se assim o fosse, não esconderia ou deixaria Madame Lonbriska como salvaguarda de seus escritos, deixando claro sua consciência de que alguém os iria querer publicar, portanto, algum talento, deveras possuía. Além do mais, Fradique acha que as correspondências são o melhor meio de se perpetuar as idéias de um homem, sendo assim entende, ainda que indiretamente, a si mesmo como um homem de idéias e, sendo essas extensas e bastante vastas e variadas, como bem o sabemos, após a leitura da obra, podemos afirmar que, definitivamente, a modéstia não é a característica que mais se lhe ressalta, embora o narrador esteja querendo nos convencer do contrário.

A partir daí, nosso narrador mantém sua postura de biógrafo ingênuo e fiel; como amigo saudos de Fradique declara que decidira em nome de tal amizade publicar essas cartas, que respeita a vontade já declarada de seu amigo em não se tornar um escritor, mas paradoxalmente, o torna, podendo, de qualquer maneira, ter a desculpa necessária para publicar esses escritos e pensamentos de Fradique sobre seu tempo, seu meio, seu país e assuntos diversos. Entretanto, o intrigante é que a questão não pára por aí, pois, ao mesmo tempo que Fradique ganha voz, por assim dizer, nosso narrador, também consegue assumir deveras a sua, já que ao buscar a “verdade” na constituição

da personagem, cria a primeira parte da obra “Memórias e Notas” e a partir de tal “artifício”, diz muito de si mesmo e, indiretamente, através de ironias e outros recursos literários, como, por exemplo, diálogos e descrições de suas impressões, repletos de sentidos ambíguos, deixa transparecer suas idéias sobre os assuntos tratados.

Para que tudo isso se torne possível é necessário ainda garantir a existência do escopo literário⁶⁰ fradiquiano e para tanto nosso narrador também não titubeia, deixa muito claro o aspecto físico de tal correspondência que evidentemente torna plausível sua fictícia, mas verossímil, existência, através do seguinte detalhamento:

Sente-se logo o prazer com que compunha estas cartas na fôrma do papel – esplendidas folhas de Whatman, ebúrneas bastante para que a penna corresse n’ellas com o desembaraço que a voz corta o ar; vastas bastante para que n’ellas coubesse o desenrolamento de mais complexa idea; forte bastante, na sua consistência de pergaminho, para que não prevalecesse contra ellas o carcomer do tempo [...]

Estas dispendiosas folhas têm todas a um canto as iniciaes de Fradique – F. M. – minúsculas e simples, em esmalte escarlata. A letra que as enche, singularmente desigual, offerece a maior similitude com a conversação de Fradique [...]

Fradique nunca datava as cartas: e, se ellas vinham de moradas familiares aos seus amigos, notava méramente o nome do mez. Existem assim cartas innumeraveis com esta resumida indicação – Paris, Julho; Lisboa, Fevereiro... Frequentemente, tambem restituía aos mezes as alcunhas naturalistas do kalendario republicano – Paris, Floreal; Londres, Nivoze. Quando se dirigia a mulheres substituía ainda o nome do mez pelo da flor que melhor o symbolisa; e possuio ainda cartas com esta bucólica data – Florença, primeiras violetas (o que indica fins de fevereiro); Londres,

⁶⁰ Segundo Antonio Candido em “Cartas de um mundo perdido”: “A técnica epistolar [...] ajudaria a verossimilhança porque o missivista é uma espécie de testemunha fidedigna da informação”, In: **Recortes**, São Paulo, Companhia das Letras, [s/d], p. 68.

chegada dos Chrysanthemos (o que indica começos de setembro). Uma carta de Lisboa offerece mesmo esta data atroz – Lisboa, primeiros fluxos da verborrêia parlamentar! (Isto denuncia um janeiro triste, com lama, tipoias no largo de S. Bento, e bacharéis em cima bolsando, por entre injurias, fêzes de velhos compêndios).

Não é portanto possível dispôr a Correpondencia de Fradique por uma ordem chronologica: nem de resto essa ordem importa desde que eu não edito a sua Correpondencia completa e integral formando uma história contínua e intima das suas idéas. [...] cumpria sobretudo destacar as paginas que com mais saliência revelassem a personalidade – o conjunto de idéas, gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se apalpa o homem. E por isso, n'estes pesados maços de cartas de Fradique que, escolho apenas algumas, soltas, d'entre as que mostram traços de caracter e relances da existência activa; d'entre as que deixam entrevêr algum instructivo episodio da sua vida de coração; d'entre as que, revolvendo noções geraes sobre a literatura, a arte, a sociedade e os costumes, caracterisam o feitio do seu pensamento; e ainda, pelo interesse especial que as realça, d'entre as que se referem a coisas de Portugal, com as suas “impressões de Lisboa”, transcriptas com tão maliciosa realidade para regalo de Madame de Jouarre.⁶¹

A riqueza de detalhes descritivos em relação ao material com que as cartas de Fradique eram compostas demonstra por si só a busca por fazer da existência da personagem algo efetivamente verossímil. Ao ler tal detalhamento, parecemos ter as folhas de *Whatman* em mãos, com as iniciais maiúsculas de Fradique grafadas em escarlate. Como se não fosse suficiente, a descrição minuciosa do narrador continua: conhecemos por suas palavras a letra de Fradique, o fato de ele não colocar o ano em suas cartas, mas datá-las com o mês e o local em que estava escrevendo-as e a evidente dificuldade sofrida por nosso narrador-editor quando este se propõe a publicá-las.

⁶¹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.130-132.

Ademais, é preciso lembrar que as cartas fradiquianas não podem ser ditas cartas quaisquer; são palestras escritas que, remetidas aos mais variados destinatários, assumem uma tonalidade didática com seu missivista agindo como espécie de doutrinador a impor seus ideais. Tal epistolário diferencia-se ainda por custar demasiadamente caro e, por isso, singularizar-se segundo a riqueza⁶², ao mesmo tempo em que, contraditória e enriquecedoramente, será uma espécie indiscutível de “documentação” a compor o relato memorialístico (chamado também biográfico e intitulado “Memórias e Notas”) que forma a primeira parte da obra, mas, sobretudo, a relação do narrador com Fradique e o tempo de ambos:

*[...] no meio-termo entre a autobiografia e a crônica, variante, de caso para caso, o peso relativo do “eu” no conjunto do narrado. São, sem dúvida, uma forma de escrita de si mesmo [...]; mas dão-nos também, e sobretudo, o testemunho dum tempo e dum meio, somando ao relato de casos pessoais e familiares o de acontecimentos históricos e políticos. A narrativa memorialística tem um fundo histórico-cultural, sujeito embora à filtragem subjectiva de quem a produz. Nela se acumulam nomes de pessoas ilustres [...] que foram actores da História, ao mesmo tempo que o memorialista é actor da sua história. O eu torna-se aqui flagrantemente social.*⁶³

Essa definição é relativa à questão memorialística e muito tem a significar sobre a postura de nosso narrador, caracterizado muitas vezes como um simples biógrafo, mas que, indiscutivelmente, parece possuir em sua essência “um algo a mais”, que

⁶² Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 129: “Calculei já, ajudado pelo Smith (affirma elle a Carlos Mayer), que cada uma das minhas cartas, n’este papel com envelope e estampilha, me custa 250 réis. Ora suppondo vaidosamente que cada quinhentas cartas minhas contêm uma idéa – resulta que cada me fica por cento e cinco mil réis”. Essa atenção ao custo das cartas evidencia o dandismo e o narcisismo de Fradique. O cuidado com a textura dos papéis, com o timbre, contendo as suas iniciais em vermelho, a preocupação com o custo revelam o apuro formal da personagem, revelam também que o cuidado estético excedia a pessoa física e se estendia ao que derivava dela (caso das cartas).

⁶³ Clara Rocha, “A Explosão Intimista na Época Contemporânea”, In: **Máscaras de Narciso (Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal)**, s/ed, Coimbra, Universidade de Nova Lisboa, 1992, p. 38.

julgamos ser, possivelmente, a classificação de memorialista, pois esse sujeito encarregado de relatar dados biográficos de Fradique, como seu amigo íntimo, parece exceder deveras tal função: mistura-se ao relato, age como um “Narciso com sentido da História: ao mesmo tempo que procura “conciliar” a admiração do leitor presta um serviço aos vindouros, ligando-lhes um testemunho cuja justificação primeira é o valor documental.”⁶⁴, pois, com o enleio que o justifica ser social, vale-se de sua filtragem subjetiva para apresentar a Portugal de seu tempo o homem que ele mesmo julga ser necessário para o caminho da “reconstrução” ou chamada regeneração:

*Nos tempos incertos e amargos que vão, Portuguezes d’estes não
podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um marmore.
Por isso eu o revelo aos meus concidadãos – como uma consolação e uma
esperança.*⁶⁵

Fradique, apesar de ser considerado “uma consolação” e “uma esperança”, não deixa de ser carregado de ambivalências, pois sabido é que “Memórias e Notas” pode ser caracterizado como algo que é construído dialeticamente, notando-se ora o discurso laudatório, ora o discurso censurador de um narrador que o mantém repleto de incongruências e dissonâncias. É de notar que se trata de um narrador sobre o qual nada sabemos, pois não há nenhum dado biográfico preciso, nem data de nascimento, nem sobrenome, ou qualquer característica física.

Essa ausência de informações, paradoxalmente, parece fazer com que nós, leitores, nos identifiquemos com esse “eu” incógnito, “escritor” da vida de Fradique e ao mesmo tempo leitor/editor de sua correspondência, cuja voz o faz ser classificado como homodiegético⁶⁶, uma vez que participa da história, não como protagonista, mas

⁶⁴ Clara Rocha, **Ibidem**, p. 39.

⁶⁵ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.135.

⁶⁶ “... que justamente se caracteriza pelo fato de narrar uma história que conhece pela sua experiência de testemunho directo dessa história”. Carlos Reis e Ana Cristina M Lopes, **Op. cit**, p. 263.

como figura que, secundária, nada tem de imparcial em seu relato e parece, por vezes, solidarizar-se com a central, numa amizade que acredita fortemente enraizada, aderida de admiração – aparentemente – ilimitada e acrítica.

Assim, embora nos pareça claro o direito de duvidar da “pureza” de suas confidências, já que se destinam a finalidades francamente apologéticas, o fato é que o narrador nos surpreende duplamente, primeiro por trazer o já citado e explorado “discurso da autoridade”, também presente através de outros “companheiros” de Geração como Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eduardo Prado, sem contar os fictícios como, por exemplo, Marcos Vidigal. Depois, sobretudo, por ele mesmo, narrador, por vezes, titubear, via ironia ou não, em relação à construção do modelo de perfeição que parece forjar no relato que nos dá da vida de seu compatriota:

... Eu acudi afirmando, todo em chama, que depois da obra de Baudelaire nada em Arte me impressionara como as Lapidárias [...] / - Vejo então – disse ele – que é um devoto do manganão das Flores do Mal! / Corei àquele espantoso termo manganão. E, muito grave, confessei que para mim Baudelaire dominava, à maneira de um grande astro, logo abaixo de Hugo, na moderna Poesia. Então Fradique, sorrindo, paternalmente, afiançou que bem cedo eu perderia essa ilusão! [...] Boileau continuaria a ser um clássico e um imortal, quando já ninguém se lembrasse em França do tumultuoso lirismo de Hugo... / Dizia estas coisas enormes numa voz lenta, penetrante – que ia recortando os termos com a certeza e a perfeição dum buril. E eu escutava, varado! [...] parecia-me uma dessas afirmações, de rebuscada originalidade, com que se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente classificava de insolente...⁶⁷

Ao lermos a primeira parte de **A Correspondência de Fradique Mendes**, por mais que nos deparemos com momentos como esse, em que o narrador nos comunica suas reticências perante as idéias de Fradique, o estranhamento que essas lhes causam,

⁶⁷ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.28-29.

chegando a levá-lo ao desabafo, com o emprego de termos como “insolente”, além do posterior “pedante” (dito por J. Teixeira de Azevedo), o que conseguimos perceber é, sobremaneira, a sua obstinação em enxergar e fazer com que se enxergue Fradique como grande figura:

... (ocultando a escandalosa apologia de Boileau, para nada dele mostrar imperfeito), espantei J. Teixeira de Azevedo com um Fradique idealizado, em que tudo era irresistível, as ideias, o verbo, a cabaia de seda, a face marmórea de Lucrécio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto!

J. Teixeira de Azevedo tinha o entusiasmo difícil e lento em fumar. O homem deu-lhe apenas a impressão de ser postiço e teatral. Concordou no entanto que convinha ir estudar ‘um maquinismo de pose montado com tanto luxo!’

*Fomos ambos ao Central, dias depois, no fundo duma tipóia. Eu, engravatado em cetim de gardênia ao peito. J. Teixeira de Azevedo, caracterizado de ‘Diógenes do século XIX’, com um pavoroso cacete pontado de ferro, chapéu braguês orlado de sebo, jaquetão encardido e remendado que lhe emprestara o criado, e grossos tamancos rurais!... Tudo isto arranjado com trabalho, com despesa, com intenso nojo, só para horrorizar Fradique – e diante desse homem de cepticismo e de luxo, altivamente afirmar, como democrata e como idealista, a grandeza moral de remendo e a filosófica austeridade da nódoa! Éramos assim em 1867!*⁶⁸

Diante de J. Teixeira de Azevedo – personagem mais crítica em relação a Fradique e merecedora de atenção por parte do narrador – o que vemos é um homem (narrador) que indica em sua rememoração, mas afirma esconder de J. Teixeira de Azevedo, o que no pensamento de Fradique julgava ser inaceitável (a superioridade de Boileau perante Hugo) e continua seu processo de construção de que se quer idealizador.

⁶⁸ Eça de Queirós, *Ibidem*, p. 30-31.

Verdade é que há momentos nos quais justifica ações descabidas de todos, apresentando condescendência em frases como “Éramos assim em 1867!”, que se repete em vários pontos da narrativa memorialística, como se de tudo tivéssemos ações juvenis e inconseqüentes dele – narrador –, de J. Teixeira de Azevedo, de Marcos Vidigal e, até mesmo, de Fradique.

A permissividade para com Fradique é irrestrita, criando para tudo desculpas e ideais que, segundo ele, pautam-se na originalidade, quer seja a exaltação de definições absolutamente banais, que beiram o lugar comum ou o clichê, como quando, por exemplo, Fradique com tom “professoral”, para os desconhecidos, define a Arte como “... um resumo da Natureza pela imaginação...”⁶⁹, quer sejam afirmações, mais ou menos absurdas como:

*... Apesar de trinta séculos de geometria me afirmarem (diz ele em carta a J. Teixeira Azevedo), que a linha reta é a mais curta distância entre dois pontos, se eu achasse que, para subir a porta do Hotel Universal à porta da Casa Havanesa, me saía mais directo e breve rodear pelo bairro S. Martinho e pelos altos da Graça, declararia logo à secular geometria – que a distância mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante!*⁷⁰

Se tais exemplos, por si só, parecem banais, eles estão, na verdade, a representar o todo de “Memórias e Notas”, nas quais, se há momentos em que se parece prenunciar ironia ou desconstrução em relação à figura de Fradique, com ambivalências e ambigüidades, esses só se tornaram substanciais, mais concretos ou deveras legíveis, quando comparamos o que de Fradique foi dito com o que ele mesmo faz e diz em suas correspondências. Ou seja, por mais que haja dialogismos, polifonias e algumas contraposições de idéias na construção do “jogo paraficcional” que é Fradique Mendes,

⁶⁹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.70.

⁷⁰ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 60.

isso só se amplifica e ganha caráter complexo e multifacetado quando contrapomos a primeira e segunda parte da obra, pois conforme já afirmara Maria Luiza Ritzel: há, “... em **A Correspondência de Fradique Mendes**, construção idealizada na primeira parte e constatação e contradição na segunda”⁷¹.

Para evidenciar o afirmado, basta que recuperemos em Fradique a sua relação com Clara e com a religião, uma vez que em religião condena duramente os cerimoniais ritualísticos, afirmando serem-lhe, esses, seu inerente mal, afinal, perde-se o valor moral e espiritual que a prática religiosa deveria garantir e cultua-se apenas o supérfluo, como se o homem fosse incapaz de realmente crer:

*... e, comparando os cerimoniais e os fins destes cultos selvagem da África, com os primitivos cerimoniais litúrgicos dos Árias em Septa-Sandou, Fradique concluía (como mostra numa cartas desse tempo a Guerra Junqueiro) que na religião o que há de real, essencial, necessário e eterno é o Cerimonial e a Liturgia – e o que há de artificial, de suplementar, de dispensável, de transitório, é a Teologia e a Moral*⁷².

Fradique, invertendo intencionalmente a ordem de importância em relação ao que se devia julgar deveras importante quando se pensa em fé – aponta “Cerimonial e Liturgia” como fulcral, enquanto “Teologia e Moral” aparecem como secundário e efêmero – parece ridicularizá-los, à fé e aos que a praticam, exatamente o que fizera com Guerra Junqueiro na carta V e com outros que como ele pensasse. Queda-se, então, como alguém a tudo isso supostamente superior, que não se ilude em:

... ‘desentulhar Deus da aluvião sacerdotal’ e elevar o Povo (no Povo V. decerto inclui os conselheiro de Estado) a uma compreensão toda pura e abstrata da Religião – a uma religião que consista apenas numa Moral

⁷¹ Maria Luiza Ritzel, “Viagem, Identidade e Nação em Almeida Garrett”, In: **Scripta Literatura (Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do CESPUC)**, Belo Horizonte, v.3, n5, 2º semestre de 1999.

⁷² Eça de Queirós, **Ibidem**, p 104.

*apoiada numa Fé – pois, fazê-lo é ter da Religião, da sua essência e do seu objecto, uma sonhadora ideia de sonhador teimoso em sonhos...*⁷³

No entanto, o vemos fazer exatamente isso em carta a Clara, a quem, mesmo que por recurso de retórica, idealiza como deusa mergulhada em franco processo ritualístico:

... Já a certeza de tantas perfeições bastaria a fazer dobrar, numa adoração perpétua, os joelhos mais rebeldes. Mas sucedeu ainda que, ao passo que a compreendia e que a sua Essência se me manifestava, assim visível e quase tangível, uma influência descia dela sobre mim – uma influência estranha, diferente de todas as influências humanas, e que me dominava com transcendente onipotência. [...] Monge, fechado em minha cela, comecei a aspirar à santidade, para me harmonizar e merecer a convivência com a Santa que me votava. [...]

*[...] Se hoje me abandonasse a sua influência – devia antes dizer, como um asceta, a sua Graça – todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão...*⁷⁴

As palavras pertencentes ao campo semântico religioso, de base católica, como “adoração”, “dobrar de joelhos”, “transcendente onipotência”, “monge fechado”, “santidade”, “Santa”, “Graça”, “remissão”, além de nos demonstrar Fradique como uma espécie de “vassalo amoroso”, guiado por fortes sentimentos, revela-o tão diferente daquele homem puramente racional e nos apresenta a personagem em contradição também ao “cerimonializar” a mulher amada, exaltando-a e contemplando-a.

O evento comentado constitui circunstância em que, agora sim, podemos afirmar encontrar uma personagem que, enquanto construção modelar, parece sossobrar, haja vista fazer-se contraditória em relação a princípios por ela mesma defendidos e pelo narrador confirmados ou reiterados. Se, por um lado, esse fato nos leva a

⁷³ Eça de Queirós, **Ibidem**, p 132.

⁷⁴ Eça de Queirós, **Ibidem**, p 168-169.

questionar a “capacidade” ou a intenção de fazer de Fradique um protótipo⁷⁵, por outro, dele nos aproxima, pois esse choque entre o idealizado e o mais humano que irá, com relação a Clara, ainda mais se aprofundar, de alguma forma o transforma em algo mais crível.

Dessa forma, entendendo o modelar como aquilo que não transcende, mas que aponta para o real, o que encontramos na leitura analítica de **A Correspondência de Fradique Mendes** é não necessariamente a construção e ridicularização de um mesmo modelo, mas algo talvez mais refinado e arguto por parte de um Eça de Queirós mais maduro, que deixa claro ser Fradique tudo o que ele mais admira e mais detesta, além de possíveis e complexas contradições. Isso deixa claro que “... Nem tudo nessa vida é modelar, mas tudo é exemplar...”⁷⁶, pois ainda que não seja somente positivo e objeto de possível cópia para, por exemplo, a manutenção de pertinentes valores, ações e posturas, pode ser a cópia avessa para tal manutenção, ou melhor, aquilo que não se deve ser, ter ou fazer, constituindo-se naquilo que poderíamos dizer, “exemplo pelo contrário”.

Não obstante, faz-se necessário pensar ainda o caráter fundamental de “Memórias e Notas”, pois sabido é que nenhuma das cartas atribuídas a Fradique teriam sentido completo se tal parte da obra fosse ignorada. Assim, cabe-nos a tarefa de buscar o entendimento deste narrador e do tipo de texto que sobre Fradique ele pretendeu compor, uma vez que fica latente o fato de não podermos entendê-lo como um simples biógrafo cujo testemunho do “eu”, ainda que relativo, faz-se fundamental.

⁷⁵ “Os modelos já não constituem uma transcendência ou uma projeção, já não constituem um imaginário relativamente ao real, são eles próprios antecipação do real, e não dão, pois lugar a nenhum tipo de antecipação ficcional – são imanentes, e não criam, pois, nenhuma espécie de transcendência imaginária...” Jean Baudrillard, **Simulacro e Simulação**, tradução, Maria João da Costa Pereira, Lisboa, Antropos, 1989, p. 152.

⁷⁶ Walter Benjamin, “A imagem de Proust”, In: **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**, tradução Sérgio Paulo Rouanet, 7ªed, São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 36.

Ou seja, por mais que se saiba que esse narrador assume a postura de biógrafo para colmatar possíveis “falhas” de informação que permeiam a composição de Fradique e que tal relato serve para “juntar” os traços de individualidade perdidos na composição geral da personagem, dando-lhe um caráter existencial mais substancial ou verossímil, com a atribuição de, por exemplo, coordenadas espaço-temporais e intelectuais, o fato é que a noção de biografia, pura e simples, não parece bastar para o que nesta parte da obra é realizado:

*... Na biografia, a tarefa basilar é a vida como valor biográfico, a vida da personagem mas não a sua determinidade interior e exterior, a imagem concluída de sua personalidade como objetivo basilar. O importante não é quem ele era mas o que ele viveu e fez. É claro que a biografia também conhece os elementos que determinam a imagem do indivíduo (a heroificação), mas nenhum deles encerra o indivíduo; a personagem é importante como portadora de uma vida determinada, rica e plena, historicamente significativa; é essa vida que ocupa o centro axiológico da visão e não o todo da personagem, cuja vida pessoal apenas a caracteriza em sua determinidade...*⁷⁷

Aquilo que o narrador de “Memórias e Notas” está a desenvolver parece exceder tal conceituação por entendermos a criação queirosiana justamente como a busca pelo “todo” da personagem e sua relação primeira com o contexto histórico e ideal de nação, conforme os quais, de um jeito ou de outro, é constituída, haja vista a preocupação quase “documental” de seus pensamentos, legados literários, posturas, antes mesmo de sua existência, como se fosse apenas espécie de “pretexto” para que o autor possa colocar um problema, que, no caso de Eça, bem claro se faz, é Portugal.

⁷⁷Mikhail Bakhtin, **Estética da criação verbal**, 5ªed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010, p.159.

Ainda que Fradique pareça pertencer a uma biografia por ser destacado como se vivesse em um tempo e um meio ideal para tudo o que ele é e que o constitui, a sensação que temos é de que ele se acomodaria melhor no ideário do memorialismo, afinal ele nada mais parece do que o “relato” daquilo que foi observado pelo eu autoral e, mais que isso, parece ter em seu processo de construção marcas claras daquilo que se quer ou precisa ser lembrado.

Nesse sentido, teríamos, enfim, o que poderíamos entender como chave de ouro do acabamento estético do indivíduo, ou seja, só pertencendo ao estatuto da memória é que podemos, com tranquilidade, apreender Fradique em sua completude, uma vez que tal gênero não abdica de certa consciência testemunhal que fica desperta o tempo todo.

Quando pensamos na atuação do narrador, e mesmo no testemunho das citadas personalidades sobre nossa personagem, a clara impressão que fica é a de que encontramos testemunhos sobre tal personalidade e os fatos que a permearam, havendo certa romancização sobre tudo, é verdade, mas ficando claro que a idéia primeira é a de “selecionar” somente aquilo que importante fosse sobre Fradique e seu ambiente para que ele pudesse se consolidar como algo que não deve ser esquecido por representar, de um jeito ou de outro, aquilo que seu meio (leia-se Portugal) fora, ou um dia poderia ter sido.

“Memória e Notas”, neste caso, seria então, um texto escrito sobre Fradique, de caráter híbrido que se constitui no todo observado. O que significa que, por mais que pressintamos que na constituição primeira da personagem haja uma biografia devido às recordações marcadas pelo narrador, não é, em definitivo, só isso que acontece, pois as estratégias utilizadas – testemunhos, documentação, datação, correspondências – são todas do universo do memorialismo.

Um tipo de texto que não se esforça para apagar as marcas e as referências surgidas na busca da construção de sua personagem, mas que, ao contrário, salienta sua busca e tenta comprová-la através desses próprios elementos. É ação que nos parece própria do “querer tornar inesquecível”, selecionar para futuras rememorações tudo o que lhe é claro para o enriquecimento do patrimônio comum de cultura que ele, narrador, parece oferecer através do relato da vida e “obra” de Fradique, como sorte de imortalidade literária e pedagógica para a edificação do futuro que está por vir.

Se entendermos que o narrador tem valores ideológicos ao “desenhar” Fradique e se sabemos que a obra de Eça como um todo assim também atua, é inegável o caráter memorialístico de “Memória e Notas”, afinal trata-se do recorte daquilo que – para o bem ou para o mal – não se pode esquecer. Neste caso, a luta clara de Eça e dos homens de sua geração para a criação de um ideal do que deveria ser Portugal e os portugueses que, de alguma maneira, os representasse.

Isso não quer dizer que Fradique de fato tenha sido o ideal, apenas auxilia na busca do entendimento do tipo de “construção literária” a propiciar a realização estética das expectativas de seus “criadores” em determinados momentos de sua existência, visto que:

*... A arte tem seus modos próprios de realizar os fins mais altos da socialização humana, como a autoconsciência, a comunhão com o outro, a comunhão com a natureza, e busca da transcendência no coração da imanência...*⁷⁸

Biografia e memória podem, grosso modo, ser consideradas gêneros irmanados, pertencentes à escrita do eu (leia-se intimista), que, como tal, juntos ainda à própria

⁷⁸ Alfredo Bosi, “Cultura brasileira e culturas brasileiras”, In **Dialética da Colonização**, 4ªed, São Paulo, Companhia das Letras, s/d, p. 344.

epistolografia, sofrem marginalização dentro do cânon literário⁷⁹, mas trazem consigo promessa implícita de maior contato humano que, verdade seja dita, nos atrai enormemente enquanto leitores, sendo nada mais, nada menos do que “... uma recriação individual do mundo, na qual o sujeito situa-se no universo, ordena a sua vida na escrita, como quem arruma a casa, e sacraliza o seu universo...”⁸⁰.

Destarte, embora se irmanem, biografia e memorialismo não são exatamente a mesma coisa e, ao analisarmos a composição de Fradique Mendes em “Memórias e Notas”, essa diferenciação, conforme o apresentado, de algum modo, parece ganhar relevância, afinal a maior parte da crítica realizada em relação a tal parte da obra afirma-a como biografia⁸¹. Porém, se entendemos que

*el biógrafo, cuando se ocupa de un personaje distante o desaparecido, no tiene completa seguridad en cuanto a las intenciones de su heróe, se limita a decifrar los signos, y su obra tiene siempre, en cierto sentido algo de novela policiaca...*⁸²

Começamos a tornar lícita a impressão de as correspondências subvertem várias regras e várias convenções teóricas, pois o construtor, por assim dizer, de Fradique parece saber exatamente tudo sobre a personagem que está criando, suas intenções, seus sentimentos, planos, gostos, mesmo que da perspectiva limitada da primeira pessoa testemunhal que é o que ele é.

⁷⁹ A epistolografia é considerada enquanto gênero literário algo secundário, impuro e fronteiro, assim como o ensaio, a autobiografia, a biografia, as memórias, o diário etc. In Gênese Andrade, “Amizade em mosaico: a correspondência de Oswald a Mário de Andrade”, In: **Teresa Revista de Literatura Brasileira**, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, nº8/9, São Paulo, Ed. 34, 2008, p. 190.

⁸⁰ Clara Rocha, **Op. cit.**, p. 53-54.

⁸¹ Assim o fazem, por exemplo, Orlando Ossegese em seu texto “Eça de Queirós e a Europa, Epílogo que será um Prólogo” In: **Congresso de Estudos Queirosianos / IV Encontro Internacional de Queirosianos / Actas**, vol. I, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / 6 a 8 de Setembro de 2000 / IILP, Almedina, Ana Nascimento Piedade em **Fradiquismo e Modernidade no último Eça (1888-1900)** e Carlos Reis em “Fradique Mendes: origem e modernidade de um projecto heteronímico”, In: **Estudos Queirosianos. Ensaio sobre Eça de Queirós e sua obra**, 1ªed, Lisboa, Editorial Presença, 1999, dentre outros.

⁸² Georges Gusdorf, “Condiciones y limites de la autobiografia” In: **La autobiografía y sus problemas teoricos / Estudios e investigación documental**, 29 / Suplemento Anthropos, Diciembre, 1991, p. 12.

Esse autor incógnito de quem tanto falamos para poder entender melhor o projeto fradiquista parece ir mais a fundo no olhar para a personagem do que as limitações de um biógrafo permitiriam⁸³, ficando-nos evidente então que esse “a mais” é um dos detalhes que nos propicia seu entendimento como memorialista, pois, além da construção de apenas uma figura exemplar, que é o que Fradique também é, ele (o “narrador-biógrafo-memorialista”) também aborda o pano de fundo histórico-cultural fundamental para algum entendimento sobre a produção queirosiana.

Assim, a análise que tecemos até aqui deseja evidenciar que existe uma componente memorialística a alargar o significado da primeira parte de **A Correspondência de Fradique Mendes**, na medida em que ela reflete não só a construção de uma personagem, mas também a de um espaço e de um tempo, além, é claro, de comportar uma série de referências a pessoas reais, como os companheiros de Eça de Queirós da Geração de 70 – Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Eduardo Prado – que não podem e não devem ser ignorados.

É válido ressaltar que, no que diz respeito à questão estética e formal, o relato também se enquadra no gênero memorialístico, pois houve o cuidado do escritor, que não podemos desprezar, de recolher a respeito de Fradique uma série de elementos documentais, como cartas, citações, relatos e obra formulada, quando se trata da referência às **Lapidárias** e **Poemas de Macadam** publicados na **Revolução de Setembro**, que podem ser supostamente criadas quando pensamos naquilo que ficou sob a posse de Madame Lobrinska. De forma que, se o gênero memorialístico é, o que

⁸³ “... la biografía representa, junto a los monumentos las inscripciones, las estatuas, una de las manifestaciones de su deseo de permanencia en la memoria de los hombres. Las vidas ejemplares de los hombres ilustres, de los héroes y los príncipes, les conceden una especie de inmortalidad literaria y pedagógica para la edificación de los siglos futuros. / Pero la biografía que así se constituye como género literario solo provee una presentación exterior de los grandes personajes, revisados y corregidos por las necesidades de la propaganda y por el sentido común de la época...”, In: Georges Gusdorf, **Ibidem**, p. 10.

de fato é, não só o contar a existência, mas também o juntar a documentação, cartas e relatos que a comprovem, só podemos entender “Memórias e Notas” dessa maneira, o que nos parece comprovar de modo mais incisivo a exemplaridade do sujeito para o qual ele (narrador) se volta, em relação a ele mesmo (Fradique) enquanto sujeito, mas também em relação ao tempo em que viveu.

CAPÍTULO III – A CORRESPONDÊNCIA FRADIQUIANA: AS REFLEXÕES E A CONSTITUIÇÃO DA PERSONAGEM

Epístola é o termo grego que significa enviado, remetido. Os antigos chamavam-na por outros nomes, *litterae*, *tabulae*, *tabellae* e *codicilli*, devido à importância dos caracteres escritos, ou ao aspecto material, visto que antes do uso dos papiros e pergaminhos seus conteúdos eram desenvolvidos em “tabuinhas” de madeira aplainada. Porém, qualquer que seja o nome dado, essas formas diferem das atuais, entendidas, sobretudo, como “o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente; um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes⁸⁴”; um contato direto e verdadeiro com o outro, uma espécie de recriação formal do esquema básico de comunicação, já que o emissor é recuperado na assinatura e o receptor no contato inicial, na saudação e nas formas de tratamento.

Por mais de dois mil anos, escrever cartas foi o principal meio de comunicação à distância. Cícero, Sêneca, Filostrato de Lemnos, Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam e Justo Lúpsio são exemplos de estudiosos que compartilharam, mas, sobretudo, aperfeiçoaram as concepções epistolares da Antigüidade, segundo as quais a carta era “um diálogo entre amigos⁸⁵” e, como tal, algo fundamentalmente breve e claro, adaptado aos destinatários e formulado de acordo com o estilo mais apropriado.

As funções e usos da carta numa determinada sociedade são mais complexos do que parecem à primeira vista e, embora, ainda se faça uma leitura ingênua de tais

⁸⁴ Emerson Tin, **A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio**, 2ª ed, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2005, p. 37.

⁸⁵ Emerson Tin, **Ibidem**, p. 18.

documentos, como informação direta, neutra, de conteúdo denotativo e referencial simples, a verdade é que a composição epistolar, dado seu sentido mais restrito e convencional – um código que molde e altere o que tão simplesmente gostaríamos de dizer – pode ser dita um “pequeno ofício literário”.

Dessa forma, se ao escrever ou ler documentos epistolares nos “expomos” a uma metarrealidade, a um jogo de significações textuais, a versões “ficcionalizadas” daquilo que queremos, ou que nos querem, dizer, dado o hiato profundo entre o que se escreveu e aquilo que mais tarde se lerá, somos levados a inferir que fazer de Fradique um escritor de cartas e, conseqüentemente, autor de uma correspondência (que mais tarde se publica), fora de fato algo extremamente contundente e bem pensado para o jogo paraficcional que o compõe e assim lhe atribui traços de caráter e relances de existência ativa, além, é claro, de feitiços diversos de seus pensamentos, ilustrando-o como o homem “interessante” que tanto dizem sê-lo.

As cartas fradiquianas, segundo o proposto nas memórias da personagem, parecem surgir como espécie de compensação pela ausência de obra editada⁸⁶ e revelam-se uma estratégia de tal modo importante em sua constituição enquanto personalidade que o narrador-editor d’**A Correspondência de Fradique Mendes** tem o cuidado de reservar os dois últimos capítulos do seu relato ao tratamento de tais textos, bem como os princípios que estiveram na origem de sua publicação, glorificando as vantagens da correspondência, demonstrando entendê-las como estratégia discursiva:

⁸⁶ “... Fradique passou no mundo, sem deixar outros vestígios da formidável actividade do seu ser pensante, além daqueles que por longos anos espalhou, à maneira do sábio antigo, ‘em conversas com que se deleitava, à trave, sob os ‘plátanos do seu jardim, ou em cartas, que eram conversas naturais com os amigos de que as ondas o separavam...’ As suas conversas, o vento as levou – não tendo, como o velho dr. Johnson, um Boswell, entusiasta e paciente, que o seguisse pela cidade e pelo campo, com largas orelhas atentas, e o lápis pronto a tudo eternizar. Dele, pois, só restam as suas cartas – leves migalhas desse ouro de que fala Alceste, e onde se sente o brilho, o valor intrínseco, e a preciosidade do bloco rico a que pertenceram.” Eça de Queirós, **A Correspondência de Fradique Mendes**, p. 107.

*... uma Correspondência revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimável, para aqueles que na terra valeram mais pelo carácter do que talento. Acresce ainda que, se uma obra nem sempre aumenta o pecúlio do saber humano, uma Correspondência, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporâneo e ambiente, enriquece sempre o tesouro da documentação histórica. Temos depois que as cartas dum homem, sendo o produto quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua filosofia – que é apenas a criação impessoal do seu espírito. Uma Filosofia oferece meramente uma conjectura mais, que se vai juntar ao imenso montão das conjecturas; uma Vida que se confessa constitui o estudo duma realidade humana, que, posta ao lado de outros estudos, alarga o nosso conhecimento do Homem, único objectivo acessível ao esforço intelectual...*⁸⁷

O memorialista de Fradique, num primeiro momento, parece preocupar-se em justificar a publicação das cartas de um sujeito que em vida optara pelo silêncio, pois tudo que, hipoteticamente, teria escrito deixara sob guarda de Madame Lonbriska. Com isso, demonstra-nos, primeiro, grande conhecimento e autoridade para assumir a posição que assume, a de editor das correspondências; depois, forja uma aprovação da criação queirosiana através de arguta manipulação de suas próprias idéias e palavras, já que Fradique não pensava em suas cartas quando defende a publicação epistolográfica, uma vez que dele podemos pensar ser um tipo de escritor que não quisera para si o *status* de escritor optando por uma espécie de “poética do silêncio”⁸⁸, agora violada pela publicação de suas missivas.

⁸⁷ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 109 - 110.

⁸⁸ Expressão usada por Carlos Reis em seu ensaio “Fradique Mendes: origem e modernidade um projeto heteronímico”, **Estudos Queirosianos. Ensaio sobre Eça de Queirós e a sua obra**, 1ª ed, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

Essas proposições nos remetem diretamente à segunda parte de **A Correspondência de Fradique Mendes**, momento entendido como posterior ao relato memorialístico realizado num primeiro momento da obra. Aquela parte a essa se opõe, mas não terá apenas essa característica: é também o momento em que Fradique definitivamente assume voz, portando-se como espécie de censor, delator de males sociais, juiz desses, além de se constituir definitivamente uma personagem complexa – posto que se dá a conhecer nas cartas, que possibilitam muitas leituras e questionamentos daquilo que a cerca.

A correspondência oferece-nos, portanto, a diversidade e o fervilhar de uma “paisagem epistolar” bem variada, que se estende desde conselhos sobre a maneira e importância do vestir a um alfaiate (“I. A E. Sturmm, Alfaiate. Lisboa, Abril) até a defesa da língua pátria diante do aprendizado de uma língua estrangeira (“IV. Madame S. Paris, Fevereiro); de historietas saborosas e denunciadoras dos maus hábitos portugueses (“X. A Madame de Jouarre. Paris, junho) à denúncia da degeneração dos homens que governam o mundo (“III. A Madame de Jouarre. Paris, novembro”) e, claro, é de notar a discussão sobre questões atinentes ao âmbito sentimental (“XVI. A Clara. Paris, outubro.”), que, ademais, revelam a personalidade de seu autor – o conflito de idéias, gestos, modos com que se sente e se “apalpa” o homem, formatando-o como personalidade constituída de alteridade quanto à sua instância criadora e potencialmente capaz de com essa instância estabelecer um diálogo bem diverso do que o romancista sustentara com suas outras personagens de ficção.

Assim sendo, diante da vastidão de assuntos abordados, destinatários invocados, intenções subtendidas e o valor prático dessa correspondência, que como qualquer outra visa primeiro à comunicação, mas, claramente, objetiva também convencer, reformar pensamentos, nos vemos obrigados a delimitar o material a ser analisado. Assim, das

cartas encontradas em **A Correspondência de Fradique Mendes** e **Cartas Inéditas de Fradique Mendes mais Páginas Esquecidas** optamos por “ler analiticamente” somente aquelas enviadas à Madame de Jouarre, embora vez ou outra possamos nos remeter a alguma outra missiva enviada a destinatário diverso, pois todas as cartas enviadas a essa dama da sociedade francesa são, sem dúvida, o “espaço”, por assim dizer, no qual melhor se evidencia a relação de amor e crítica que Fradique estabelece com a terra portuguesa, o que, sem dúvidas, melhor nos auxilia a entendê-lo segundo a linha mestre do presente trabalho: verificar a possibilidade de compreendê-lo possível ou efetivamente como o protótipo ideal do homem português do século XIX.

Ao ler suas cartas conseguimos perceber um Fradique, o remetente, que atua como um tipo de “orador”, cuja performance deveria convencer por completo o destinatário. Tal correspondência, assim como a correspondência de todo grande escritor de cartas, busca uma comunicação direta, clara e “adaptada” àquele que irá recebê-la⁸⁹. Além disso, Fradique, enquanto remetente, parece buscar tornar presente a pessoa do destinatário, valendo-se, quando necessário, de tons coloquiais ou tons mais “rígidos” e formais, conformando, sempre, as “aberturas” e “conclusões” de seus documentos epistolográficos com o grau de amizade ou dignidade daqueles que iriam recebê-los: “Querido amigo”, em carta a Oliveira Martins, “companheiro” seu de Geração com quem goza de maior liberdade e carinho, e “Meu caro Sr. Molinet”, quando se dirige ao diretor da **Revista de Biografia e História**, cuja intimidade é mais escassa, por exemplo.

⁸⁹ Segundo Emerson Tin, **Op. cit**, p. 21: Cícero, por volta de 62 a 54 a.C., num conjunto de novecentas cartas, já nos deixara diversos conceitos a respeito da arte epistolográfica, vendo-a como espécie de conversação por meio da escrita, em que se deveriam adaptar às circunstâncias e temperamento de seus destinatários.

A verdade é que na correspondência fradiquiana, como um todo, encontramos a existência de diversos destinatários, fator que nos leva a inferir a possibilidade de entender tal ato como uma espécie de meio facilitador para que ele pudesse abordar tantos assuntos e sobre eles discorrer, como se realizasse verdadeiras palestras, chegando, até mesmo, a portar-se como narrador de histórias pitorescas que tão bem ilustram as idéias defendidas. Esse procedimento mostra que a “mistura de gêneros” será uma constante em sua correspondência, que pode se transformar em palestras, narrativas, persuasões amorosas, enfim, intrincados e diversos jogos textuais.

Esse artifício tende a aguçar em muito a curiosidade do público leitor, uma vez que tal uso plural da técnica epistolar parece demarcar mais claramente proximidade maior com o público leitor, cuja sensação seria a de ver a realidade se formar à medida que o missivista escreve, como se esse, o missivista, no caso Fradique, fosse espécie de testemunha fidedigna da informação, capaz de desvendar o sentido dos aspectos escondidos que a sociedade procura dissimular sob a superfície apresentada como única ou principal.

Esta “ancoragem” no sujeito e a sensação de maximização da proximidade que nós, leitores, com ele parecemos ter é característica bem evidente das cartas e talvez por isso através delas sintamos Fradique assumir-se como sujeito e como sujeito do discurso. Fator que evidentemente constitui uma escolha estratégica, pois fica claro o trabalho de Eça em garantir certa singularidade a Fradique, afinal que gênero textual lhe atribuiria melhor tal sensação de autonomia e excepcionalidade, pois se ele nada publicou, aqui está a validação de sua “superioridade”, do seu “modus vivendus”, de seu “gosto único” de apreciar a vida.

A verdade é que quando pensamos em correspondências, pensamos em “comunicação” e, se Fradique é personagem oriunda de um grupo de homens que compôs a Geração de 70, que tanto tinha a comunicar⁹⁰, é natural, inclusive no contexto histórico-cultural e não só no textual, que Eça lhe atribuisse tal capacidade, a possibilidade de ser o dono de uma vasta produção epistolográfica na qual se entabula diálogos diversos, originados pela diversidade de relações que estabelece com os vários destinatários, cujas proposições tanto revelam de si, do homem de seu tempo, de seu meio, de todo um mundo.

A necessidade de garantir a Fradique verossimilhança e autonomia parece constituir-se também da necessidade de dele conhecermos os pensamentos, que nas obras analisadas fundamenta-se claramente numa necessidade de diálogo, num desejo do “outro”, cuja satisfação se faz sob medida com a efetivação de uma correspondência.

De modo que se não temos a comunicação direta, por impossibilidades óbvias, uma vez que Fradique não é um ser real e não está próximo do que com ele se comunica, a carta parece satisfazer tal contingência, sendo um quase substituto da “conversa”, pois segundo o próprio Eça de Queirós:

*É como se uma pessoa me adiantasse para si, (...) e lhe dissesse estendendo-lhe a mão: Bem está tudo arranjado, conversemos.*⁹¹

Assim, a carta impõe-se-nos pela impossibilidade de discurso direto, mas também pela premência desse mesmo diálogo, cuja realização dá-se em maior ou menor grau, em espécie de “contrato de substituição com regras próprias”. Algumas dessas

⁹⁰ “A Geração de 70 foi uma geração extremamente crítica e Eça, tendo sido um dos grandes expoentes, sente uma necessidade muito grande de dialogar com os seus contemporâneos, de comunicar a todo o país as suas idéias. Surge assim uma vontade de transmitir acontecimentos, costumes, inovações, a que assiste nos países que percorre e que podem denunciar o atraso, que por vezes classifica de atávico, em que o país caiu ou corrigir erros que, na sua perspectiva, constituem um atentado à autenticidade dos próprios povos....” Maria João Albuquerque Figueiredo Simões, **Op. cit.**, p.114.

⁹¹ Eça de Queirós, **Correspondência**, Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho, 1º vol. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, p.287.

regras surgem por si, pela natureza própria deste tipo de comunicação e, a primeira delas, diz respeito à importância de que se reveste o destinatário neste gênero. Afinal, segundo Maria João Albuquerque Figueiredo⁹², “carta se instaura como uma unidade sónica inserida num processo dinâmico de corresponder”. É nesta perspectiva comunicativa que se deve entender a gênese de uma carta ou correspondência e, a partir daí, aquilo que é reconhecido pelo senso comum: uma carta origina-se da necessidade de um sujeito (um “eu”) comunicar algo (um “objeto”) a um sujeito outro (um “tu”) com o qual está impossibilitado de se comunicar “em presença”, havendo claro caráter dialógico, interacional em seu cerne.

Tal interação começa por se dar na explicitação dos interlocutores através de nomes e pronomes pessoais já existentes nas saudações:

*“Meu caro patrício. - ...”*⁹³.

*“Minha querida madrinha. - ...”*⁹⁴.

*“Meu caro Bento. - ...”*⁹⁵.

E, depois, nos cumprimentos finais e nas despedidas:

*“...Beijo as suas mãos, benévola amiga – Fradique.”*⁹⁶.

*“... Amigo fiel, que fielmente o espera à volta da Holanda – Fradique.”*⁹⁷.

*“... Todo seu, aquele que de longe de si sempre pena – Fradique.”*⁹⁸.

⁹² Maria João Albuquerque Figueiredo Simões, **Ibidem**, p.11.

⁹³ Carta ao Visconde de A. –T, In: Eça de Queirós, **A Correspondência de Fradique Mendes**, p.117.

⁹⁴ Carta a Madame de Jouarre, In: Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 118.

⁹⁵ Carta a Bento de S, In: Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 209.

⁹⁶ Carta a Madame S, In: Eça de Queirós, **Ibidem**, p.131.

⁹⁷ Carta a Ramalho Ortigão, In: Eça de Queirós, **Ibidem**, p.149.

⁹⁸ Carta a Madame de Jouarre, Eça de Queirós, **Ibidem**, p.158.

O destinatário, representado nesses dois momentos e ao longo de toda a missiva, muitas vezes através de indagações, evocações, alusões ou citações, passa a ser assim um carácter referencial desse tipo de texto e apresenta-se como um dos elementos chaves para a relação epistolar, posto que toda ela (a epístola) parece pretender minimizar a sua ausência através de claros processos de “presentificação”.

O que todo missivista parece fazer, e Fradique não é diferente, é uma espécie de “atualização” do diálogo que está buscando ao escrever uma carta a alguém; nesse sentido é que parece forçar a presença do interlocutor através de recursos que nos dão a sensação de que o escritor está a ver seu remetente:

Querido amigo. – Cumpro enfim a promessa feita na sua erudita ermida das Águas-Férreas, naquela linda manhã de Março em que conversávamos ao sol sobre o carácter dos Antigos, - e remeto, como documento, a fotografia da múmia de Rameses II (que o francês banal, continuador do grego banal, teima em chamar Sezostris), recentemente descoberta nos sarcófagos reais de Medinet-Abou pelo professor Maspero.

Caro Oliveira Martins, não acha V. picarescamente sugestivo este facto – Rameses fotografado?...⁹⁹

Fradique no exemplo proposto dialoga claramente com Oliveira Martins, retoma uma promessa feita anteriormente ao momento da enunciação, aludindo, então a um passado comum entre ambos e, numa clara continuidade, como se nada os separasse desse momento anterior, lhe paga a promessa e, mais, lhe questiona sobre a propriedade do que está acontecendo, deixando-nos a clara impressão de mensagem trocada, pois há aí visível construção e reconstituição da imagem do destinatário.

⁹⁹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.122.

O mesmo ocorre em carta a Ramalho Ortigão, na qual somos inseridos no cotidiano destes três “amigos”, o próprio Ramalho, Eduardo Prado e Fradique, cuja interação também se presentifica pela alusão a fatos ocorridos:

Querido Ramalho. – No sábado à tarde, na Rue Cambon, avisto dentro de um fiacre o nosso Eduardo, que se arremessa pela portinhola para me gritar: “Ramalho, esta noite! de passagem para a Holanda! às dez! no café da Paz!”

Fico docemente alvoroçado; e às nove e meia, apesar da minha justa repugnância pela esquina do café da Paz, centro catita do Snobismo internacional, lá me instalo, com um bock, esperando a cada instante que surja, por entre a turba baça e mole do boulevard, o esplendor da Ramalhal figura. ...¹⁰⁰

Ou ainda, o que ocorre na carta a Madame de Jouarre, em que a retomada do diálogo não só a presentifica enquanto destinatário, mas também justifica toda a carteação existente entre ela e Fradique, como se ele “preparasse terreno” para o que virá:

Minha querida madrinha. – Foi ontem, por noite morta, no comboio, ao chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudiu, à memória estremunhada, o juramento que lhe fiz no sábado de Páscoa em Paris, com as mãos piamente estendidas sobre a sua maravilhosa edição dos Deveres de Cícero. Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar todas as semanas, pelo correio, Portugal em “descrições, notas, reflexões e panoramas”, ...¹⁰¹

Outro processo de tornar presente o destinatário sempre inacessível é a referência relativa a características próprias de sua personalidade, de seus comportamentos típicos e que o epistológrafo conhece com alguma intimidade, como o que Fradique faz, por

¹⁰⁰ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.142.

¹⁰¹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 150.

exemplo, com Mr. Bertrand B. ao expor suas reações e pensamentos diante de questões relacionadas à “velha Palestina”, das quais os dois tratarão em “diálogo” epistolar travado:

*Tu sorris, e acusas precisamente a velha Palestina de ser uma incorrigível fonte de Ilusão. Mas a ilusão, Bertrand, amigo é tão útil como a certeza; e na formação de todo o espírito, para que ele seja completo, devem entrar tantos os Contos de Fadas, como os Problemas de Euclides. ...*¹⁰²

Existe ainda o tradicional “corresponder” ao diálogo aberto pelo outro em carta enviada, cuja missiva presente não passa de resposta e nova forma de presentificação do destinatário, já que tudo deve vir à tona para que a comunicação possa se efetivar como continuidade de uma outra anterior, subentendida, em que os papéis de destinatário e remetente estiveram invertidos, nos dando claras coordenadas em relação às expectativas daquele que, agora, é o destinatário:

*Meu caro sr. Mollinet. – Encontrei ontem à noite, ao voltar de Fontainebleau, a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da Revista de Biografia e de História, me pergunta quem é este meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e amargamente carpida nos jornais de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obras, ou que fundações, ou que livros, ou que ideias, ou que acréscimo na civilização portuguesa deixou esse Pacheco, seguido ao túmulo por sonoras, reverentes lágrimas. ...*¹⁰³

Esse apelo a artifícios circunstanciais que justifiquem ou possibilitem a troca de correspondência será comum em praticamente todas as cartas de Fradique porque esse é, afinal, o suporte da própria correspondência, como se só a manutenção de certa continuidade ou relação estabelecida a pudesse fazer existir.

¹⁰² Eça de Queirós, **Ibidem**, p.183.

¹⁰³ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.158.

É através dessa espécie de “incrustação” do destinatário que podemos justificar a correspondência fradriquiana, consorte ser isso que possibilite o missivista ir tecendo as suas opiniões que são, na verdade, o que justifica a elaboração e atribuição à personagem desse tipo de gênero textual, conforme apontado anteriormente.

A cada destinatário presente na correspondência de Fradique Mendes são atribuídas uma ou mais cartas, mas não há a preocupação de deixá-las próximas caso tenham sido “enviadas” a um mesmo sujeito, ou apresentá-las segundo eixos temáticos. Além disso, não temos a expectativa quanto ao que as cartas respostas “diriam”, formando uma espécie de “cadeia” entre destinatário e receptores.

Elas vão sendo apresentadas de maneira aleatória e o único traço de organização que parece existir dentre elas é, por assim dizer, o “bel prazer” do editor, o já dito memorialista de Fradique, pois as datas não possuem seqüências claras, pertencem aos mais diversos meses, sem a marcação do dia ou ano e, mesmo os lugares variam e não nos propõem nenhum princípio de ordem a ser seguido¹⁰⁴, demonstram-se, todavia, de modo tão fragmentário¹⁰⁵, como o seu autor se nos foi dado durante toda a obra.

Tal apresentação não invalida, no entanto, a possibilidade de afirmarmos categoricamente esses textos atribuídos a Fradique como cartas, pois possuem todas as necessidades de caracterização que tal gênero requer, como datas, ainda que imprecisas, saudações, despedidas e, em decorrência disso, sua manifestação clara e direta ao

¹⁰⁴ Em ordem de aparição n´**A Correspondência de Fradique Mendes** temos: “I. Ao Visconde de A.-T. / Londres, Maio”; “II. A Madame de Jouarre / Paris, Dezembro”; “III. A Oliveira Martins / Paris, Maio”; “IV. A Madame S. / Paris, Fevereiro”; “V. A Guerra Junqueiro / Paris, Maio”; “VI. A Ramalho Ortigão / Paris, Abril”; “VII. A Madame de Jouarre / Lisboa, Março”; “VIII. Ao Sr. E. Mollinet / Paris, Setembro”; “IX. A Clara / Paris, Junho”; “X. A Madame de Jouarre / Lisboa, Junho”; “XI. A Mr. Bertrand B. / Paris, Abril”; “XII. A Madame de Jouarre / Quinta de Refaldes (Minho)”; “XIII. A Clara... / Paris, Novembro”; “XIV. A Madame de Jouarre / Lisboa, Junho”; “XV. A Bento de S. / Paris, Outubro”; “XVI. A Clara... / Paris, Outubro”; “XVII. A Clara... / Paris, ...”; “XVIII. A Eduardo Prado / Paris, 1888”. N´**As Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas**: “I. A E. Sturmm, Alfaiate / Lisboa, Abril”; “II. A Paulo Vargette”; “III. A ‘Madame’ de Jouarre”; “IV. A Manuel...”; “V. A”; “VI. A E...”.

¹⁰⁵ Afinal, não se respeita qualquer “regra” para sua publicação, quer seja por provável época, quer seja por local de envio, por exemplo.

destinatário, explicitando, pela atualização, a “falha” (leia-se aparente impossibilidade de diálogo) que constitui a sua ausência.

Nas cartas de Fradique conseguimos perceber ainda que seu espaço-tempo é diferente do espaço-tempo do destinatário e sua coerência interna tem validade enquanto – e somente quando – inerente ao texto, ou seja, é necessário guiarmo-nos pelos caminhos da ficção estabelecida para entendermos as referências espaço-temporais indicadas, de modo que cada carta apresenta, então, um caráter aberto que lhe é inerente – que permite pensar em tempo, espaço, ações, pessoas, concretos e específicos –, não deixando, contudo, de evidenciar a sua coerência interna individual – o que lhe ajuda a garantir o caráter de *realidade e validade*, de Fradique, das pessoas, dos lugares, dos acontecimentos, das opiniões, dos pensamentos, das reflexões.

Tais textos parecem refletir não só a necessidade de afirmação de sua opinião, mas seu renascimento em ato de escrita, como se surgisse um novo Fradique para quem, mesmo que sem querer, continuamos a olhar com certa desconfiança, dado o caráter hiperbólico de suas memórias. Ele se nos faz, de um jeito ou de outro, mais “real”, deixando-nos impressão forte e estimulante de seus pensamentos e histórias mais íntimos, sempre no esforço de exprimir juízos pertinentes sobre a realidade *sua* contemporânea, malgrado não possuir força ou meios necessários de transformá-la. É isso que Scantimburgo quer deixar patente ao afirmar que

... O que mais preocupou Fradique foi tudo quanto podemos situar nos fundamentos da ordem: a nação, como personalidade coletiva, dotada de um “antes” e de um “depois”. É o traço decisivo de suas cartas. Basta que lhe desafivelemos a máscara da ironia para vermos o seu coração

*amargurado diante da linha de decadência que Portugal descreveu de Ourique à Regeneração...*¹⁰⁶.

É justamente com a leitura da segunda parte d'**A Correspondência de Fradique Mendes** – as correspondências em si – que nos sentimos aptos para entender Fradique de modo mais seguro e sóbrio, pois só ao nos encontrar com suas idéias, entendemos algumas de suas características cruciais como a erudição como marca distintiva e peculiar, dentro do ambiente de abulia portuguesa existente em parte do século XIX, o anti-clericalismo, a rejeição a determinados valores da vida burguesa então em voga, bem como certo nacionalismo melancólico diante de um Portugal que não parece se reconhecer.

O que o levariam a optar por aquilo que Eloy do Amaral¹⁰⁷ classifica como “dandismo da inteligência e o sibarismo da sensibilidade”, sendo um tanto pedante e até cômico, é verdade, mas representando o conflito vivido pela geração do homem que o criara: a oposição entre ideologia e realidade. Levando-nos a crer que Fradique, através de suas cartas, quisesse fazer aquilo que, anos mais tarde, Fernando Pessoa apontara e que a Geração de 70 tanto tentara, ou seja, “...agir sobre o ‘psiquismo nacional’, como dizia Pessoa, por forma a rejeitar e, se possível, renovar a usuais rotinas mentais e culturais da sociedade portuguesa...”¹⁰⁸.

No mais, ao examinar a rede epistolar anunciada, tanto formal quanto tematicamente, notamos que nossa personagem parece seguir todos os meandros necessários para a realização do gênero epistolográfico, já que grande parte das “exigências” teóricas para classificar um texto como uma carta faz-se presente nos “documentos” que Eça atribui a um Fradique “escritor”, como apontado anteriormente,

¹⁰⁶ João de Scantimburgo, **Eça de Queiroz e a Tradição**, São Paulo, Siciliano, 1995, p. 136-137.

¹⁰⁷ Eloy do Amaral, “O amor de Eça à terra portuguesa”, Apud: **Eça de Queirós in Memoriam**, 1ª ed, Lisboa, Parceria Pereira, 1992.

¹⁰⁸ Ana Nascimento Piedade, **Op. cit**, p. 18.

que sem sombras de dúvidas alcança certa universalidade (leia-se propriedade ao tratar de assuntos) relativa à degenerescência portuguesa quando cada leitor do período poderia ser considerado ou se auto-considerar uma espécie de destinatário.

Fradique como correspondente de fato tem sua imagem construída aos poucos, pois através de suas idéias o que vemos é uma personagem que mostra muito de si, dos valores que assume. Ademais, todas as suas cartas estão ligadas a determinadas circunstâncias que motivaram a sua escrita, a personagem, da perspectiva do escritor, sempre propõe algo que poderíamos dizer ser a simulação de um diálogo com seus correspondentes (leia-se destinatários), como se essas cartas fossem trocadas de verdade, na busca incessante por traços de veracidade em sua constituição.

Existe nesses diálogos epistolares um princípio de amizade que se estabelece como forma de contrato estabelecido que faz com que percebamos um remetente, Fradique, que busca efeitos de persuasão, pautado na recriação de diálogos inseridos na vida cotidiana, por parte de um destinatário de quem parece esperar algum tipo de resposta, que seja a aceitação e o seguir do exposto.

A narração que a personagem desenvolve em suas missivas parece estar orientada não só para informar, mas também para convencer, o que faz com que essa carteação (leia-se troca de cartas) forje um espaço, que, entretanto, é ficcional, privilegiado, no qual encontramos as proposições dos tipos da sociedade portuguesa, mas, mais do que isso, vemos seu autor agir como espécie de ensaísta, polemista, de aparência impertubável que transpassa sorrindo aquilo que julga ser obstáculos.

Assim, considerando as cartas como gênero bastante variável¹⁰⁹, somos levados a compreender Fradique, nosso carteador, como alguém que, muitas vezes, assume deveras a postura do ensaísta¹¹⁰ a exercitar seus pensamentos e recursos retóricos, sobretudo, no que diz respeito àquilo que sempre foi a sua maior preocupação, Portugal.

Como possível escritor de ensaios sobre questões variadas relativas à realidade portuguesa – desde adultérios, a comportamentos éticos, gastronômicos, sociais, políticos ou lingüísticos – encontramos um sujeito que tende a reduzir fatos e objetos a modelos pré-determinados de “conduta” formulados pela crítica que realiza, concepções, por exemplo, de como se deveria agir, sempre em hipóteses e nunca em ações, bastando para tal entendimento fazermos espécie de reflexão diante do confronto com o pensamento que Fradique nos propõe e atuarmos como leitores não ingênuos ao utilizar suas impressões para formularmos nossas próprias conclusões.

A verdade é que nessas páginas escritas pela personagem queirosiana encontramos um exercício de pensamento, uma continuidade de reflexão em relação aos temas propostos que, nós, leitores, só podemos conhecer e aceitar. Como ensaísta,

¹⁰⁹ “Há um ‘espírito’ das cartas que varia com cada época e lugar, sempre a depender do humor e da inteligência dos interlocutores, dos seus interesses particulares, do tipo de conversa que mantêm. A carta é um gênero bastante variável no compromisso formal, apesar das fórmulas incorporadas. É lugar de permanências e fugacidades. Nela se harmonizam os elementos mais díspares, os acessórios gráficos, os desenhos, os grifos, as rasuras. Modalidade escrita, movida pelo princípio ‘dialógico’, a carta pode ser entendida pelo princípio ‘dialógico’, a carta pode ser entendida como uma forma rapsódica de natureza íntima, admitindo a mistura dos gêneros, a composição dos fragmentos, a alternância das vozes, que modificam andamentos e direções. A linguagem afectiva que dela emana muitas vezes alastra por domínios da linguagem poética, corroborando o parentesco de estilo entre duas expressões, sugerido por Charles Bally...” (Maria Augusta Fonseca, “[Recensão crítica a ‘Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira’ de Marcos Antonio de Moraes]”, In: **Revista Colóquio Letras**, Recensões Críticas, nº 157/158, jul. 2000, p. 452).

¹¹⁰ “... ‘O ensaio sempre fala de algo já formado ou, na melhor das hipóteses, de algo que já existido; é parte de sua essência que ele não destaque coisas novas a partir de um nada vazio, mas se limite a ordenar de uma nova maneira as coisas que em algum momento já foram vivas. E como ele apenas se ordena novamente, sem dar forma a algo novo a partir do que não tem forma, encontra-se vinculado às coisas, tem sempre de dizer a ‘verdade’ sobre elas, encontrar expressão para sua essência’. ...”(Theodor W. Adorno, “O ensaio como forma”, In: **Notas de Literatura I**, Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida, 1ªed, São Paulo, Duas Cidades, Ed. 34, 2003, p. 16).

Fradique parece ter usado a vida como modelo, sua experiência individual diante dos fatos de que trata parece grande responsável pela objetividade que isso produz.

No entanto, faz-se importante ressaltar a questão de gêneros textuais na composição de Fradique Mendes, pois, visto é, que seu próprio autor, Eça de Queirós, nunca classificou as cartas de Fradique como ensaios. Temos ciência de que quando aparecem, algumas delas eram, num primeiro momento, crônicas, que depois foram transformadas ou intituladas cartas¹¹¹, restando-nos a dúvida de qual a real implicação que essa “mistura” de gêneros pode provocar na constituição de nossa personagem.

E se a crônica pode ser considerada, às vezes, como gênero menor por estar atrelada às conveniências mais medíocres da vida, dado seu caráter periódico, trivial e pouco exigente, o cronista, em contrapartida, parece, sem dúvida, ser e realizar aquilo que Fradique em suas cartas de fato realizou:

Então vemos como um cronista, a partir de uma posição ideológica estreita e cega para muitos fatos, vai configurando um sistema de imagens, de lugares e de reações que, se examinando na sua consequência literária, na escolha das expressões, etc., nos dará a verdade de uma posição e de uma época, quer dizer, vemos aqui como a crônica compôs um sistema ideológico literário que, examinado na sua consistência interna e analisado em termos de crítica literária, vai nos dar uma verdade histórica considerável¹¹², ...

É importante então percebermos que todas essas possíveis classificações (ensaios, crônicas, correspondências) servem ou “cabem” em uma parte dos textos com os quais estamos trabalhando. Para melhor entender: as cartas de Fradique

¹¹¹ Estão neste caso duas cartas dirigidas a Mme. de Jouarre publicadas anteriormente com os títulos “Padre Salgueiro” e “Quinta de Frades” na **Gazeta de Notícias**, respectivamente a 13 de Junho e 27 de Julho de 1882, e ainda a “Carta a Bento S.” já publicada na **Revista Moderna** com o título “Crônica. Carta a Bento” a 25 de Julho de 1897. (Cf. Maria João Albuquerque Figueiredo Simões, **Ibidem**, p.105.

¹¹² Roberto Schwarz, “Debate” In: **Gêneros de Fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário**. – São Paulo, Xamã, 1997, p.50.

originariamente, ao menos algumas, eram crônicas e cabem nessa classificação; muitas, têm ares de ensaios e também se adequam a esse gênero de escrita. Mas, por possuírem as características fulcrais de uma correspondência, mais do que a datação e saudações e despedidas, a função de um destinatário, serão por nós, assim como pela maior parte da crítica literária e pelo próprio Eça, reconhecidas como tal. Restando-nos a tarefa de tentar compreender por que a epistolografia, e como o hibridismo de vários possíveis gêneros auxiliam na composição da personagem.

Se a marca principal de Fradique é, desde “Memórias e Notas” – e “notas” no título não é ingênuo – a fragmentação de partes que irão constituir um todo, se Fradique é, desde sempre, constituído por detalhes hiperbólicos que o narrador memorialista nos deu e se é reconhecido nas marcas de suas idéias que vêm surgindo aos poucos durante diálogos estabelecidos com cada remetente, é natural que o gênero da correspondência, por si só bastante variável e “flexível”, melhor lhe servisse.

Se a correspondência é o que é, um gênero aberto que comporta as mais diversas facetas em benefício de seu formulador¹¹³, qual outro bastaria e serviria a esse Fradique conselheiro, juiz, diletante apolíneo, personagem de caráter solto e descontínuo que se dá a conhecer diante de nossos olhos, quando nos transformamos em leitores ou destinatários indiretos das missivas que escreve.

Assim, tal correspondência pode ser entendida como espécie de “documento” em relação à composição de Fradique Mendes, que além de atestar sua capacidade de significação enquanto personagem, no que diz respeito a sua alteridade e autonomia, parece ser aquilo que dele mais se esperou, testemunho, enquanto escritor, em relação

¹¹³ “As cartas de Fradique Mendes apresentam, de facto, um hibridismo caracteriológico que torna difícil a sua classificação dentro do gênero ou sub-gênero para além da já problemática situação da epistolografia no contexto da literatura em geral...” (Maria João Albuquerque Figueiredo Simões, **Ibidem**, p.90).

ao seu tempo. Além é claro, de compor mais um dos itens necessários para o entendimento de “Memória e Notas” como texto memorialístico, uma vez que aponta para a recolha da comprovação de tudo o que dele possa ser útil para o singularizar enquanto ser que tem o que dizer e significar a ponto de ser alvo de tanta atenção por parte de um memorialista e de um público que o reconhecem, de um jeito ou de outro, como tal.

Todas as cartas escritas a Madame de Jouarre, que analisaremos para a presente pesquisa, revelam singularidades específicas, todas possuem temas únicos e não podem ser consideradas “continuidade uma da outra”; embora sejam remetidas a um mesmo destinatário, não possuem complementaridade entre si, poderiam até serem escritas a outro sujeito que não se notariam diferenças consideráveis, salvo o fato de Fradique haver explicitado seu “programa narrativo”¹¹⁴ à madrinha, o que também não implica uma única forma de abordar um tema, mas em várias perspectivas de abordagem de um assunto primeiro que é Portugal em seus aspectos políticos, sociais, morais e religiosos, via histórias pitorescas, sobre personagens do cotidiano português e descrições das ações que são capazes de realizar, bem como do ambiente em que tudo se desenvolve:

... Esta casa de hóspedes oferece encantos. O quarto do meu primo Procópio tem um esteira nova, um leito de ferro filosófico e virginal, cassa vistosa nas janelas, rosinhas e aves pela parede, - e é mantido em rígido asseio por uma destas criadas como só produz Portugal, bela moça de Trás-os-Montes, que, arrastando os seus chinelos com a indolência grave duma ninfa latina, varre, esfrega e arruma todo o andar; serve nove

¹¹⁴ Minha querida madrinha – Foi ontem, por noite morta, no comboio, ao chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudiu à memória estremunhada, o juramento que lhe fiz no sábado de Páscoa em Paris, com as mãos piamente estendidas sobre a sua maravilhosa edição dos Deveres de Cícero. Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar todas as semanas, pelo correio, Portugal em ‘descrições e panoramas’, In: Eça de Queirós, **A Correspondência de Fradique Mendes**, p. 150.

*almoços, nove jantares e nove chás; escarola as louças; prega botões de calças e ceroulas que os portugueses estão constantemente a perder; engoma as saias da Madama; reza o terço da sua aldeia; e tem ainda vagares para amar desesperadamente um barbeiro vizinho, que está decidido a casar com ela quando for empregado na Alfândega. (E tudo isso por três mil-réis de soldada) ...*¹¹⁵

Ao comparar tais missivas com outras existentes em suas obras, percebemos que as cartas a Madame de Jouarre são as únicas enviadas por Fradique de Portugal. Tal ato nos causa a sensação de que enviando as cartas de Portugal, Fradique se posiciona mais próximo de seu objeto de crítica, a legitimando e buscando talvez intimidade maior como compatriota e contemporâneo, ainda que não nos enganemos e percebamos tratar-se de um remetente que foi educado e vive em Paris, mas que, visitando sua terra por “desfastio”, segundo palavras de Antonio José Saraiva e Óscar Lopes¹¹⁶, faz críticas incisivas e acutilantes a tudo que sabe e vê.

De todas as personagens que recebem cartas de Fradique Mendes, Madame de Jouarre é a mais agraciada, ou seja, para ela são enviadas o maior número das cartas existentes na obra e somente nelas Fradique surge às vezes como personagem de seu próprio discurso, contando, conforme já afirmado, aquilo que viu, viveu ou sentiu durante sua estada em Portugal.

A primeira carta escrita a “Madame de Jouarre / Paris, Dezembro” demonstra toda a intimidade e relação cotidiana estabelecida entre eles, quando Fradique a trata por “querida” e a questiona interessado sobre uma moça que vira em sua companhia.

¹¹⁵ Eça de Queirós, *Ibidem*, p. 172.

¹¹⁶ Antonio José Saraiva & Óscar Lopes, “Eça de Queirós”, In: *Op. cit*, p. 964.

*Quem era? Supunho que nos chegou do fundo da província, de algum velho castelo do Anjou com erva nos fossos, porque não me lembro de ter encontrado, em Paris, aqueles cabelos fabulosamente loiros como o sol de Londres em Dezembro – nem aqueles ombros descaídos, dolentes, angélicos, imitado de uma madona de Montegna, e inteiramente desusados em França desde o reinado de Carlos X, do Lírio no Vale, e dos corações incompreendidos...*¹¹⁷

Fato prosaico e corriqueiro que demonstra certo interesse da parte de Fradique, mas, sobretudo, traço característico de sua personalidade, pois embora esteja atraído é, ainda assim, crítico e detalhista, pois ao reparar nela não deixa de ter o olhar voltado para aquilo que o incomoda, ainda que seja apenas um pequeno detalhe em relação à vestimenta que a moça apresenta:

*Não admirei com igual fervor o vestido preto, onde reinavam coisas escandalosamente amarelas. Mas os braços eram perfeitos; e nas pestanas, quando as baixava, parece pender um romance triste...*¹¹⁸

Tal exemplo demonstra que Fradique procura rejeitar claramente idealizações e mergulha em atitude realista; embora, de fato, caracterize a moça, que sabemos ser sua futura amada Clara, como diferente das demais, com alguma exageração de interessado, sempre pautado em grandes e sonoros exemplos literários e culturais a esbanjar conhecimento.

Só a porção da Matéria que há no homem, faz com que as mulheres se resignem à incorrigível porção de Ideal, que nele há também – para eterna perturbação do mundo. O que mais prejudicou Petrarca aos olhos de Laura – foram os Sonetos. E quando Romeu, já com o pé na escada de seda, se demorava, exalando o seu êxtase em invocações à Noite e à Lua – Julieta batia os dedos impacientes no rebordo do balcão, e pensava: “Ai,

¹¹⁷ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.119.

¹¹⁸ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 119.

*que palrador que és, filho dos Montaigus!” Este detalhe não vem em Shakespeare – mas é comprovado por toda a Renascença. Não me almaldiçoe por esta sinceridade de meridional céptico, e mande-me dizer que nome tem, na sua paróquia, a loira castelã do Anjou. ...*¹¹⁹

Fradique se demonstra assim como aquilo que seu memorialista já o afirmava ser, um céptico de visão oportuna e diferenciada para instaurar aquilo que Portugal é aos seus olhos. Afinal da pergunta corriqueira sobre determinada dama e da observação de seus atos e gestos, já a afirma como não semelhante às demais portuguesas e realiza observação sobre seu país.

*A propósito de castelos: cartas de Portugal anunciam-me que quiosque, por mim mandado erguer em Sintra, na minha quintarola, e que lhe destinava como “seu pensadouro e retiro nas horas de sesta” – abateu. Três mil e oitocentos francos achatados em entulho. Tudo tende à ruína num país de ruínas. O arquiteto que o construiu é um deputado, e escreve no Jornal da Tarde estudos melancólicos sobre as Finanças! O meu procurador em Sintra aconselha agora, para reedificar o quiosque, um estimável rapaz, de boa família, que entende de construções e que é empregado na Procuradoria Geral da Coroa! Talvez se eu necessitasse um Jurisconsulto, me propusessem um trolha. É com estes elementos alegres, que nós procuramos restaurar nosso império de África!...*¹²⁰

Um “país de ruínas”, formado por maus profissionais que se sucedem, desenvolvendo atividades díspares, para as quais não estão preparados, neste caso, política e construção civil e que deixam para o país uma possibilidade ironizada pelo missivista e duramente questionada pelo próprio Eça, que é a restauração do Império em África¹²¹.

¹¹⁹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.120-121.

¹²⁰ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 121.

¹²¹ Segundo Abdala Júnior em **Ecos no Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas**, “Eça repudiava a resolução dos problemas de Portugal por meio do retorno ao seu passado glorioso”, p. 112.

Tal postura e tipo de argumentação desenvolvidos – fato cotidiano, análise do fato via abordagem indutiva, do particular para o geral, espécie de “moraleja” atirada de tudo isso – anunciam nosso Fradique epistológrafo a desenvolver seu “plano de trabalho” destinado a Madame de Jouarre, tecendo pensamentos e certa continuidade de reflexão, referentes a seu país, que ao leitor só cabe aceitar e tentar compreender.

Assim, no decorrer das leituras de tais cartas, vamos percebendo um Fradique narrador a assumir, com *status* de grande conhecedor que todo narrador possui¹²², postura também interpretativa e ideológica, diante do que trata, assumindo certo tom de doutrinação. Exatamente o que encontramos na segunda carta enviada a madrinha “VII. A Madame de Jouarre / Lisboa, Março”, quando narra sua chegada a Lisboa, as impressões que tivera, as conclusões a que chegara, depois de anunciar claramente seu “traçado de trabalho”¹²³ diante de tal personagem:

... apenas recordei, abri logo escacaramamente ambos os olhos para recolher “descrições, notas, reflexões e panoramas” desta terra que é minha e que está a disposición de usted... Chegáramos a uma estação que chamam de Sacavém – e tudo o que os meus olhos arregalados viram do meu país, através dos vidros húmidos do vagão, foi uma densa treva, donde mortizamente surgiam aqui e além luzinhas remotas e vagas. Eram lanternas de faluas, dormindo no rio: - e simbolizavam, dum modo bem humilhante, essas escassas e desmaiadas parcelas de verdade positiva que ao homem é dado descobrir, no universal mistério do Ser. De sorte que tornei a cerrar resignadamente os olhos – até que, à portinhola, um homem de boné galão, com o casaco encharcado de água, reclamou o meu bilhete, dizendo Vossa Excelência! Em Portugal, boa madrinha, todos somos

¹²² “En efecto, la tradición más antigua relaciona narrador y sabiduría. [...] Haga o no exhibición de sus dotes, se supone que el narrador conoce a la perfección todos los entresijos de la historia que relata, aunque – como se verá su real depende em cada caso del ángulo de visión adoptado...”, In: Antonio Garrido Dominguez, **Ibidem**, p.105.

¹²³ Ver a nota 31 do presente trabalho.

*nobres, todos fazemos parte do Estado, e todos nos tratamos por Excelência. / Era Lisboa e chovia. ...*¹²⁴

Tudo o que Fradique demonstra sentir está inserido apenas num abrir interessado de olhos e num fechamento resignado dos mesmos, ínterim no qual se percebe metáfora nada ingênua do Portugal como uma “imensa treva”, na qual nada parece se ajustar, nem mesmo o tratamento entre pessoas, que demonstra fumosa e iníqua pretensão de nobreza por parte dos lusitanos – todos a se tratar por “Vossa Excelência” – num país que há pouco afirmara Fradique ser uma “imensa ruína” e a isso tender.

Enfim, é “Lisboa e chove” e a partir de tal introdução que nos situa espacialmente em relação àquilo que em carta se relata, encontramos mais uma das muitas situações pitorescas contadas por Fradique para demonstrar o que é seu país, sempre indo do cômico à desilusão.

À madrinha conta do infortúnio vivido na Alfândega portuguesa, a espera:

*Não sei quantos séculos assim esperamos, Smith imóvel, a dama e eu marchando desencontrada e rapidamente para aquecer ao comprido balcão de madeira, onde dois guardas de Alfândega, escuros como azeitonas, bocejavam com dignidade. ...*¹²⁵

A incompetência e inépcia administrativas, bem como certa “vagabundagem”, uma vez que dois guardas bocejam são reveladas no adjunto adverbial “com dignidade” e por fim, a dura crítica ao serviço deveras mal feito, que mais uma vez do particular tende ao geral.

E eu logo, como patriota descontente, censurei (voltado para o capataz e para o homem da Alfândega) a irregularidade daquele serviço. Em todas as estações do Mundo, mesmo em Túnis, mesmo na Romélia,

¹²⁴ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 150-151.

¹²⁵ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 151.

*havia, à chegada dos comboios, ônibus, carros, carretas, para transportar gente e bagagem... Porque não as havia em Lisboa? Eis aí um abominável serviço que desonrava a Nação! / O aduaneiro esboçou um movimento de desalento, como na plena consciência de que todos os serviços eram abomináveis, e a Pátria toda uma irreparável desordem. ...*¹²⁶

No final da peripécia mais uma das muitas “lições de moral” tiradas da situação estabelecida e contada, mais uma triste conclusão sobre a realidade portuguesa:

... Era a bonacheirice, a relassa fraqueza que nos enlaça a todos nós portugueses, nos enche de culpada indulgência uns para os outros, e irremediavelmente estraga entre nós todos a Disciplina e toda a Ordem
...¹²⁷

Assim, (re)conhecemos Fradique nessa carta: como turista em sua própria terra, como conterrâneo arguto e crítico, como alguém que retorna ao lar, mas que por ter ficado muito longe, já não parece se enquadrar mais. Temática, aliás, muito comum na literatura do século XIX portuguesa, vide Carlos de **Viagens na Minha Terra**, de Almeida Garrett ou Carlos da Maia, de **Os Maias**, do próprio Eça, que segue seu triste panorama em relação à sua pátria.

Na carta “X. A Madame de Jouarre / Lisboa, Junho”, através do espaço-tempo da narrativa de costumes, tece um quadro da classe-média portuguesa, diante daquilo que vê numa “casa de hóspedes, na Travessa da Palha”, em que vive seu primo Procópio:

... Nestas piedosas visitas vou, pouco a pouco, conhecendo alguns dos hóspedes que nesse terceiro andar da Travessa do Palha gozam uma boa vida de cidade, a doze tostões por dia, fora vinho e roupa lavada.

¹²⁶ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 153-154.

¹²⁷ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 157.

*Quase todas as profissões, em que se ocupa a classe média em Portugal estão aqui representadas com fidelidade, ...*¹²⁸

A dona da hospedaria é D. Paulina Soriano, mãe de um jovem que, por sistema de favores e camaradagem, está destinado à burocracia, será amanuense, graças ao “apadrinhamento” tão comum à sociedade portuguesa de então e tão questionável moralmente:

*... está destinado por D. Paulina à Burocracia que ela considera, e muito justamente, a carreira mais segura e a mais fácil. / - O essencial para um rapaz [...] é ter padrinhos e apanhar um emprego; fica logo arrumado; o trabalho é pouco e o ordenadozinho está certo ao fim do mês. [...]. Pela influência (que é a toda-poderosa nestes Reinos)...*¹²⁹

Fradique apresenta-nos depois o Pinho, brasileiro e comendador, que representa mais um de seus “grandes personagens” enquanto “narrador”, Pinho será mais uma das personagens-tipos encontradas na sua correspondência, como Pacheco ou Padre Salgueiro, por exemplo.

Trata-se de um sujeito descrito detalhadamente em aparência e vestimentas, com ares de fidalguia, haja vista esta luneta de ouro que o acompanha, mas cuja vivência nula, parasitária e sem importância é mais uma das que dependem estritamente do Estado para se realizar:

... É um sujeito atochado, baixote, de barba grisalha, a pele escura, toda em tons de tijolo e de café, sempre vestido de casimira preta, com uma luneta de ouro pendente duma fita de seda, que ele, na rua, a cada esquina, desemaranha do cordão de ouro de relógio, para ler com interesse e lentidão os cartazes dos teatros. A sua vida tem uma dessas prudentes

¹²⁸ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 171-172.

¹²⁹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 173.

*regularidades, que tão admiravelmente concorrem para criar a ordem nos Estados. ...*¹³⁰

Fradique o caracteriza como um “lobinho social” e através de palavras sobre ele que são blague, queda-nos clara a crítica a este Estado inerte que condecora os imerecidos e parasitas e que nada de profícuo é capaz de realizar, justamente devido a e como esses tipos que o representam:

*É o comendador Pinho um cidadão inútil? Não, certamente! Até para manter em estabilidade e solidez, a ordem duma nação, não há mais prestadio cidadão do que este Pinho, com a sua placidez de hábitos, o seu fácil assentimento a todos os feitios da coisa pública, a sua conta do banco verificada às sextas-feiras, os seus prazeres colhidos em higiênico recato, a sua reticência, a sua inércia. Dum Pinho nunca pode sair ideia ou acto, afirmação ou negação, que desmanche a paz do Estado. Assim gordo e quieto, colado sobre o organismo social, não concorrendo para o seu movimento, mas não o contrariando também, Pinho apresenta todos os caracteres duma excrescência sebácea. Socialmente, Pinho é um lobinho. Ora nada mais inofensivo que um lobinho: e nos nossos tempos em que o Estado está cheio de elementos mórbidos, que o parasitam, o sugam, o infeccionam e o sobreexcitam, esta inofensibilidade de Pinho pode mesmo (em relação aos interesses da ordem) ser considerada como qualidade meritória. Por isso o Estado, segundo corre, o vai criar barão. E barão dum título que os honra a ambos, ao Estado e a Pinho, porque é nele simultaneamente prestada uma homenagem graciosa e discreta à Família e à Religião. ...*¹³¹

Notemos, aqui, patente a idéia que Fradique – e, por extensão, Eça – faz do Barão: é um título gracioso dado a um indivíduo para honrá-lo e para honrar o Estado que o concede. Se gracioso poderia ser entendido, num primeiro momento, como elegante, airoso, o que estaria relacionado à condição de barão, não podemos olvidar seu outro significado – que é o emprego pelo autor aqui: “homenagem graciosa” é aquela

¹³⁰ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 175.

¹³¹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 178-179.

que é concebida com liberalidade, gratuitamente, sem que aquele que a recebe tenha tido, de fato, merecimento dela, sem que tenha se esforçado para recebê-la. Notemos, ainda, que barão é a figura que Almeida Garrett critica duramente nas páginas de seu **Viagens na Minha Terra**, afirmando, no capítulo final, que os “barões são sucedâneos dos frades”. Portanto, se a geração de Garrett e Herculano iniciou a luta pela laicização do Estado e se esse processo gerou um mal tão grande – os barões – quanto o que ele vinha substituir – os frades, a geração de 70, na voz de Fradique continua reconhecendo o malefício dessa *honraria*, dessa categoria que tal mal faz ao Estado português.

Resta a Fradique, depois, atitude típica de alguém sóbrio que está a dismantelar, pela crítica de costumes, a já dismantelada situação de seu país, pois carregado de humor e ironia, ambos bastante corrosivos, mas perceptíveis somente ao leitor mais arguto e distanciado, a personagem, via intertextualidade bíblica constrói saída ácida e não plausível, para a situação lusitana.

*... Estamos em pleno versículo XVII do Génesis. No caso destas águas do céu não cessarem, eu concluo que as intenções de Jeová, para com este país pecador, são diluvianas; e, não me julgando menos digno da Graça e da Aliança divina do que Noé, vou comprar madeira e betume, e fazer uma Arca segundo os bons modelos hebraicos ou assírios. Se por acaso, daqui a tempos, uma pomba branca for bater com as asas à sua vidraça, sou eu que aportei ao Havre da minha Arca, levando comigo, entre outros animais, o Pinho e a D. Paulina, para que mais tarde, tendo baixado as águas, Portugal se repovoe com proveito, e o Estado tenha sempre Pinhos a quem peça dinheiro emprestado, e Quinzinhos gordos com quem gaste o dinheiro que pediu a Pinho. ...*¹³²

A passagem final, crítica e ceticamente, assevera que não se trata apenas de saída improvável ou impossível, mas, sobretudo, que, ainda que se criasse um novo Portugal, como Deus criou um novo mundo a partir de Noé e dos sobreviventes do dilúvio, esse novo Portugal continuaria tendo os mesmos defeitos do anterior. O novo Portugal hipotético, criado a partir desse suposto modelo que é Fradique – o qual,

¹³² Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 179.

narcisicamente diz de si: “e, não me julgando menos digno da Graça e da Aliança divina do que Noé, vou comprar madeira e betume, e fazer uma Arca segundo os bons modelos hebraicos ou assírios” – seria ainda um país que empresta dinheiro para gastar com os protegidos do Reino, os “Quinzinhos gordos”. Isso nos faz pensar em duas hipóteses: ou o país e a sua população são tão corrompidos e tem a corrupção tão entranhada em si, que nem mesmo um dilúvio, que avassale o velho país e gere um novo, regenerado, é capaz de alterar a mentalidade dos portugueses e a estrutura sócio-política de Portugal, ou o próprio Fradique, o suposto modelo a ser seguido, cosmopolita, educado em e morador de Paris, conhecedor dos novos e importantes pensadores do mundo ocidental, enquanto símile de Noé, criaria, ainda, um país corrompido moralmente – a ponto de manter os mesmos comportamentos viciosos que ele, Fradique, tanto critica.

Assim, o que encontramos é postura bastante duvidosa e ambígua, mesmo que ainda realize uma crítica. Fradique, enquanto narrador, parece apenas assumir postura galhofeira como a de alguém que desvenda, aponta e se diverte, mas que não possui cabedal suficiente para apontar uma saída, um caminho de regeneração.

É claro que se seguirmos os meandros que a ironia utilizada nos propõe, ou seja, lermos o que está escrito com significações trocadas, vamos entender que o que há é uma crítica a dizer que se nada for feito, que se tudo não mudar, continuará Portugal sempre condenado ao mesmo destino.

No entanto, em nenhum momento Fradique evidencia especificamente o que deve ser mudado, melhor dizendo, não demonstra o “caminho das pedras”, como doutrinador que se propõe, não diz claramente o que deve ser realizado; põe-se apenas como alguém diferenciado que enxerga e aponta, não deixando de ser por isso bastante pedante.

O que queremos dizer é que a personagem em nenhum momento, sendo o que é, também um português, transpôs efetivamente a situação reinante em seu país, atuou de forma a ajudar a anular o grande mal que consome sua nação; não conseguimos, em

nenhum momento de sua trajetória, afirmar que se todos fizessem como Fradique, agissem de tal ou qual maneira, algo se resolveria.

Nesse sentido, ele é apenas mais uma personagem de Eça de Queirós usada para representar o que é Portugal. Sequer a impressão que nos fica depois de conhecermos, por exemplo, Luisa de **O Primo Basílio**, ele consegue causar, a sensação de que, caso fossemos portugueses e seus contemporâneos, diríamos: “já sei! Basta não ler romances românticos e ocupar meu ocioso tempo com minha família que não sofreria tal mal e ajudaria na ordem geral das coisas”.

No mais, nas duas cartas seguintes e as últimas destinadas a Madame de Jouarre (cartas XII e XIV) o que continuamos a encontrar é a mesma crítica de costumes, a mesma postura iconoclasta em relação aos valores tradicionais portugueses já apontados, porém, agora, referentes à religião, à postura anticlerical de Carlos Fradique Mendes.

A avaliação do Portugal genuíno, numa carta enviada da Quinta de Refaldes à Madame de Jouarre¹³³, em que ao proceder à análise de sua cozinha e adega, estabelece uma espécie de temática exaltadora dos hábitos alimentares portugueses, da tradição lusa, via indagação, via *ubi sunt?*. Na mesma carta, salientemos a postura religiosa assumida e o resgate de preceitos queirosianos, já expressos em parte, por exemplo, em **O Crime do Padre Amaro**, os quais, agora, parecem se desenvolver com maior veracidade e contundência se associarmos o que nessa carta se diz ao que aparece na carta já citada a Guerra Junqueiro.

Inicialmente, recorda a origem da propriedade que pertencera a religiosos: “Minha querida madrinha. – Estou vivendo em terras ecclesiasticas, porque esta quinta

¹³³ ça de Queirós, **Ibidem**, p. 219-227.

foi de frades...”¹³⁴; depois, caracteriza a vida do atual proprietário como alguém largamente apegado a terra: “...Agora pertence a um amigo meu, que é, como Virgílio, poeta e lavrador, e canta piedosamente as origens heróicas de Portugal enquanto amanha os seus campos e engorda os seus gados...”¹³⁵; e, por fim, estabelece um paralelo entre Portugal e Europa, afirmando a superioridade da nação portuguesa, no que diz respeito aos manjares servidos: “... Em palácio algum, por essa Europa superfina, se come na verdade tão deliciosamente como n’estas rústicas quintas de Portugal...”¹³⁶, demonstrando todo seu apego e possibilidade de ser feliz em tal lugar: “...por aqui me quedei, olvidado do mundo e de mim, na doçura d’estes ares, d’estes prados, de toda esta rural serenidade que me afaga e me adormece.”¹³⁷, algo tão contraditório ao seu caráter cosmopolita, sempre construído e salientado. Apresenta-se, aqui, num certo sentido, como um tal Jacinto, do conto “Civilização” (que deu origem às **Cidades e as Serras**).

Exalta a terra, mas retoma a crítica à hipocrisia religiosa, tão bem arraigada em solo luso:

... E eu justamente voltei a Lisboa a estes milheirais do Norte para ser padrinho do derradeiro, um famoso senhor de três palmos, cor de tijolo, todo roscas e regueifas, com uma careca de melão, os olhinhos luzindo entre rugas como vidrilhos, e o ar profundamente céptico e velho. No sábado, dia de S. Bernardo, sob um azul que S. Bernardo tornara especialmente vistoso e macio, ao repicar dos sinos claros, entre aromas de roseira e jasmineiro, lá o conduzimos, todo enfeitado de laçarotes e rendas, à Pia, onde o Padre Teotónio inteiramente o lavou da fétida crosta de Pecado Original, que desde a bolinha dos calcanhares até a moleirinha o

¹³⁴ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 219.

¹³⁵ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 220.

¹³⁶ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 225.

¹³⁷ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 220.

*cobria todo, pobre senhor de três palmos que ainda não vivera da alma, e já perdera a alma...*¹³⁸

Coloca-se, num primeiro momento, como espécie de livre pensador a ironizar preceitos religiosos como o batismo, satirizando a crença de possuir ou não alma e pecados uma criancinha necessitada desse ritual, mas em seguida assume, de modo sagaz, a expectativa irônica de que os monges que ali viviam tivessem vida mais ponderada, laboriosa, restritiva e “exemplar”, sendo, na verdade, frades comilões, mundanos, que desejam tirar o máximo proveito de sua condição de “eleitos”, “próximos de Deus e seu porta-vozes”, como eram considerados pela população inculta e iletrada (ou pouco letrada) de Portugal:

... Mas, com todos esses emblemas sacros, nada há que nos mova, ou severamente nos arraste, aos renunciados do mundo. A quinta foi sempre, como agora, de grossa fartura, toda em campos de pão, bem arada e bem regada, fecunda, estendida ao sol como um ventre de Ninfa antiga. Os frades excelentes que nela habitaram amavam largamente a terra e a vida. Eram fidalgos que tomavam serviço na milícia do Senhor, como os seus irmãos mais velhos tomavam serviço na milícia de el-Rei – e que, como eles, gozavam risonhamente os vagares, os privilégios e a riqueza de sua Ordem e da sua Casta. Vinham para Refaldes, pelas calmas de Julho, em seges e com lacaios. A cozinha era mais visitada que a Igreja. [...]

Não se preocupe, pois, nesta morada de monges, o precioso sabor das tristezas monásticas; nem as quebradas de serra e vale, cheias de ermo e mudez, tão doces para nelas se curtirem deliciosamente as saudades do Céu; nem as espessuras de bosque, onde S. Bernardo se embrenhava, por nelas encontrar, melhor que na sua cela, a ‘fecunda solidão’; nem os claros de pinheiral gemente, com rochas nuas, tão próprias para a choça e para a cruz do ermita... Não! Aqui, em torno do pátio (onde a água da fonte todavia corre dos pés da cruz), são sólidas

¹³⁸ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 188.

*tulhas para o grão, fofos eidos em que o gado medra, capoeiras abarrotadas de capões e de perus reverendos. ...*¹³⁹

Fradique, através de comentário irônico afirma que, para ele, não fazia muita diferença mudar de religiosa para secular as terras onde os frades viviam, pois o hábito deles era pouco regrado, pouco religioso, pouco moral e dogmaticamente religioso. Como ele reitera, aquelas terras conventuais estavam “já sabidamente preparada[s] para a profanidade”. A única mudança, aliás, positiva, foi fazer desaparecer a contradição – não era mais preciso viver de modo profano dando-lhe ares de sagrado; vivia-se, agora, o profano e pronto. Sendo isso que está no excerto abaixo:

*De sorte que não houve necessidade de alterar esta vivenda, quando de religiosa passou a secular. Estava já sabidamente preparada para a profanidade; - e a vida que nela então se começou a viver, não foi diferente da do velho convento, apenas mais bela, porque, livre das contradições do Espiritual e do Temporal, a sua harmonia se tornou perfeita.*¹⁴⁰

Fradique compõe, ainda, em sua correspondência, a carta XIV, também a Madame de Jouarre, datada de “Lisboa, Julho.”, na qual faz a caracterização da rotina de um sacerdote cujos atos litúrgicos aparecem inteiramente “burocratizados”:

... O que em Padre Salgueiro me encantou logo, na noite em que tanto palestramos, rondando pavorosamente o Rossio, foi a sua maneira de conceber o Sacerdócio. Para ele o Sacerdócio (que de resto ama e acata como um dos mais úteis fundamentos da sociedade), não constitui de modo algum uma função espiritual – mas única e terminantemente uma função civil. Nunca, desde que foi colado à sua paróquia, padre Salgueiro se considerou senão como um funcionário do Estado, um Empregado Público, que usa um uniforme, a batina (como os guardas da Alfândega usam a fardeta), e que, em lugar de entrar todas as manhãs numa repartição do

¹³⁹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 190-191.

¹⁴⁰ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 192.

*Terreiro do Paço para escrevinhar ou arquivar ofícios, vai, mesmo nos dias santificados, a uma outra repartição, onde em vez da carteira se ergue um altar, celebrar missas e administrar sacramentos. As suas relações portanto não são, nunca foram, com o Céu (do Céu só lhe importa saber se está chuvoso ou claro) – mas com a Secretaria da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos. Foi ela que o colocou na sua Paróquia, não para continuar a obra do Senhor, guiando docemente os homens pela estrada limpa da Salvação [...], mas, como funcionário, para executar certos actos públicos que a lei determina a bem da ordem social – baptizar, confessar, casar, enterrar os paroquianos. ...*¹⁴¹

Ele mantém a mesma animosidade anticlerical que já apresentava na carta enviada da Quinta de Refaldes, retoma a mesma hospedaria utilizada como pano de fundo para a “análise” da classe média portuguesa também enviada a sua madrinha e parece, com Padre Salgueiro, continuar sua coleção de tipos a refletir a realidade de seu país, permitindo-se ser o “porta-voz” dessa espécie de tratado analítico do homem moderno português e de suas crises, aspectos em que se constitui, de um jeito ou de outro, sua correspondência.

¹⁴¹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 202-203.

CAPÍTULO IV – CARLOS FRADIQUE MENDES: MEMÓRIAS, CORRESPONDÊNCIAS E A “FORMATÇÃO FINAL” DA PERSONAGEM – À GUIA DE CONCLUSÃO

Carlos Fradique Mendes, um tipo de homem moderno e superior pela elegância e finíssima ironia, nos é dado, enfim, a conhecer por obras que trazem consigo certo “sincretismo” de gêneros e, por consequência, a impossível unidade da consciência moderna.

Quando lemos, sobretudo, **A Correspondência de Fradique Mendes**¹⁴² o que percebemos de modo mais interessante, mas não imediato, afinal é necessária alguma reflexão, é que a construção plena e significativa da personagem só se dá com a leitura de “Memórias e Notas” e das correspondências em consonância, ou seja, todo e qualquer leitor só poderá apreender o que é ou quem foi Fradique se conhecer a história que sobre ele nos é contada pelo narrador e relacionar parte dessa história e detalhes sobre sua personalidade com o que ele mesmo, Fradique, fala sobre si e demonstra ser na correspondência a ele atribuída.

Esse é o único caminho possível para que possamos (re)conhecer aquilo que é a maior característica de Fradique enquanto possível protótipo para o homem cosmopolita português: a contradição de ser uma espécie de “dedo indicador” a apontar e tentar moralizar a realidade portuguesa, mas a ausência absoluta de exemplaridade de ação; pois, quem foi e o que fez Carlos Fradique Mendes?

¹⁴² Vale salientar que **Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas** não possui maior destaque em nossa tese, por nos oferecer como foco de interesse apenas seis cartas, e essas, ainda assim, não correspondiam ao recorte por nós realizado para que pudéssemos efetuar nossa análise, uma vez que nos propusemos a analisar somente as cartas enviadas a Madame de Jouarre, e a única com tal característica em tal obra, não corresponde ao que tratamos dentro dessa seleção.

Alguém que nasce em Portugal, descende por varonia do navegador D. Lopo Mendes, cultua o passado, mas não desdenha o luxo e os confortos modernos, chega a ser egoísta e contraditório, como no caso da Palestina, tratado em carta a Mr. Bertrand B, em que defende certo atraso “tecnológico” intencional apenas pelo gosto daquilo que possa ser dito pitoresco ou exótico:

*Um caminho de ferro é obra louvável entre Paris e Bordéus. Entre Jericó e Jerusalém basta a égua ligeira que se aluga por dois dracmas, e a tenda de lona que se planta à tarde entre os palmares, à beira de uma égua clara, e onde se dorme tão santamente sob a paz radiante das estrelas da Síria....*¹⁴³

Para Fradique, as finalidades pessoais e estritas se resumem como finalidades do universo. Nesse sentido, parece não só egoísta, mas também imediatista e passível de posturas e atitudes incoerentes, pois na medida em que nega o progresso à Palestina, o defende como saída única para Portugal, senão com palavras e idéias propriamente ditas, mas com suas ações, já que em sua primeira aparição que tanto deslumbrara o narrador de “Memórias e Notas” Fradique aparece a trote com as pilecas fumegando, um traço de modernidade, a velocidade, apontada em capítulos anteriores.

Tal discrepância entre palavras e ações não só corrobora o efeito complementar da leitura conjugada de “Memórias e Notas” e das cartas fradiquianas, mas, sobretudo, expõe certa “deficiência” de nossa personagem enquanto alguém exemplar, afinal, contradições e incoerências não nos fazem “seguir” (leia-se admirar, imitar) ninguém, fator que fragiliza por demais a possibilidade arquetípica de Fradique¹⁴⁴.

¹⁴³ Eça de Queirós, **A Correspondência de Fradique Mendes**, p.186.

¹⁴⁴ Efetivamente, pode-se dizer que a contradição e a incoerência são traços da personalidade humana – às vezes em maior grau, outras vezes em menor intensidade. Mas, também efetivamente, o arquétipo não pode ser contraditório, nem incoerente.

Nossa personagem fora educada em Paris e lá reside, na rua Verendes, onde habitara uma ala do antigo palácio dos duques de Tredennes, tendo em Sintra, a quinta de Saragoça para “ter Portugal em repouso fidalgo”.

Entretanto, em relação a essa terra que lhe serve apenas como “veraneio”, mas com a qual se sente bastante comprometido, como português que é, Fradique assume postura de censurador e analista a deflagrar e acusar seus males e inépcia. Suas críticas, por advirem de alguém que conhece tão a fundo a sociedade parisiense, grande capital do século XIX para a Europa Ocidental, tornam-se talvez mais incisivas, acutilantes e até interessantes, mas, ao mesmo tempo, inócuas, pois, no fundo, nada propõem para além de acusações humorísticas, na maioria das vezes, sarcásticas de vícios e virtudes da sociedade que esquadrinha.

Fradique, que tanto impressiona e seduz, cuja cultura escuda-se em prodigiosa memória, é grandemente exaltado por seu memorialista e por “contemporâneos” ilustres, não é, portanto, um desnacionalizado e preocupa-se com a miséria e o desconforto de seus semelhantes, embora nada faça de fato para transformá-los¹⁴⁵, a não ser realizar doações e pôr em prática o socialismo queirosiano nos moldes daquele desenvolvido por Jacinto em **A Cidade e as Serras** quando da descoberta da miséria no campo. Eis a atitude de Fradique:

Decerto Fradique não era um santo militante, rebuscando pelas vielas miséria a resgatar; mas nunca houve mal, por ele conhecido, que dele não recebesse alívio. Sempre que lia por acaso, num jornal, uma calamidade ou indignância, marcava a notícia com um traço a lápis,

¹⁴⁵ Segundo Ana Nascimento Piedade, “... à necessidade de ‘fraternidade’ e à ‘miséria das classes’, Fradique prefere a comodidade do ‘espectadorismo’ ao esforço exigido por um protagonismo mais direto.”, **Op. cit.**, p. 240.

*lançando ao lado um algarismo – que indicava ao velho Smith o número de libras que devia remeter, sem publicidade, pudicamente. ...*¹⁴⁶

Fradique, tem o potencial, a nosso ver, enquanto personagem, de atuar e transformar muito pouco a situação das coisas que apresenta, por mais que, por exemplo, tivesse o intuito de desvendar o que considera mais maligno para a sociedade portuguesa, a ilusão¹⁴⁷, item tão combatido pelo próprio Eça de Queirós e demais homens de sua Geração; Fradique não deixa de também em relação a isso demonstrar atitudes contraditórias e grande distância entre o que defende e o que realiza:

*... Somente o erro, a ignorância, os preconceitos, a tradição, a rotina e sobretudo a ILUSÃO, formam em torno de cada fenómeno uma névoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intelectual o divise no seu exacto, real e único modo de ser. É justamente o que sucede aos monumentos de Londres, mergulhados no nevoeiro...*¹⁴⁸

Afinal, se cabe realmente a ele combater e fazer enxergar a necessidade da anulação do grande mal português de então, a ilusão, como não compreender como grande falha e desencontro as palavras proferidas a Mr. Bertrand B, em carta a ele dirigida e por nós já citada em que assume que para a formação de um homem a ilusão é tão fundamental que esse deve se valer dos Contos de Fadas e dos Problemas de Euclides?

O fato é que tudo o que reiteramos sobre Fradique até aqui, só foi possível pelo tipo de obra híbrida que ele protagoniza.

Assim, se de um lado, temos aquilo que denominamos de primeira parte de **A Correspondência de Fradique Mendes** a compor quem é Fradique enquanto

¹⁴⁶ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.93.

¹⁴⁷ “... a missão que Fradique tem a cumprir: a de estabelecer uma visão que rompa a neblina e faça surgir a Realidade. ...” (Maria João de Albuquerque Figueiredo Simões, **Ibidem**, p. 81).

¹⁴⁸ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.69.

personagem e a elaborar toda a condição necessária para que esse ganhasse verossimilhança e autonomia contundentes; por outro, temos a correspondência fradiquiana a atuar como “espaço” para o desenvolvimento de tal autonomia, que nos parece chegar a “beirar” a alteridade próxima de projetos heteronímicos mais do que bem realizados, se pensarmos em poetas como Ricardo Reis ou Alberto Caeiro, criações pessoanas.

Em “Memórias e Notas”, a dita primeira parte da obra, o que encontramos de fato é um narrador em primeira pessoa a tentar construir e “fundamentar” Fradique como personalidade exemplar. Tal personagem, que se misturara ao relato como amigo e biógrafo fiel de nosso protagonista forja um testemunho sobre a existência fradiquiana. O narrador busca marcas de veracidade para a composição da imagem que o leitor deveria ter de Fradique e ao fazer isso, por intermédio da narração propriamente dita, da busca por citação de “contemporâneos” seus e da composição, edição e publicação de suas cartas, deixa de ser apenas um biógrafo e transforma-se em memorialista. Assim, faz com que Fradique permaneça na memória dos homens, como se fosse alguém capaz de trazer algum tipo de enriquecimento para as pessoas que com ele tiveram alguma “relação”.

Esse personagem anônimo, narrador testemunha, atua como se impusesse a si mesmo a tarefa de reunir os elementos dispersos da vida pessoal e dos pensamentos de Fradique e, apesar ou com todo o seu hiperbolismo, tenta compô-lo como figura exemplar, como se nos preparasse, enquanto leitores, para o encontro com a segunda parte da obra, o escopo literário fradiquiano - suas missivas - a se apresentar não como singelas cartas, mas como espécie de palestras escritas que muito se aproximam da crônica e do ensaio, dado seu caráter pedagógico, doutrinador, quando não, apenas caricatural.

Tal epistolário, para além das histórias pitorescas traçadas a partir do cotidiano português, do espaço de crítica desejada, também possibilita o conhecimento do seu próprio enunciador, Fradique, demonstrando-se mais fragilizado, uma vez que sempre destoa da imagem criada por seu memorialista e das idéias sobre ele proferidas, pois ao caracterizar espaços, personagens e pensamentos portugueses, acaba também por se expor, ou seja, mostra muito de si, em alguns momentos transforma-se “quase” em personagem daquilo que está narrando, ainda que um tipo de personagem secundário, é verdade, posto que, sua idéia primeira é sempre a crítica a ser realizada.

É exatamente isso que acontece em uma das cartas que envia a Madame de Jouarre na qual conta sobre sua chegada a Lisboa¹⁴⁹. Pois, ao mesmo tempo em que começa a caracterizar o ambiente português para tecer a sua crítica, transmite impressões e sensações íntimas em relação à sua terra e demonstra que por trás de seus julgamentos, há o sentimento de alguém sensível ao seu local de origem.

O exposto nos auxilia, enquanto leitores, a entender o processo de configuração da personagem Carlos Fradique Mendes, que, quer seja na parte memorialística, quer seja nas suas correspondências, apresenta-se sempre de modo fragmentário; é como se tivéssemos um grande mosaico em que cada peça se configura no acréscimo de uma característica sua, formando um todo bastante complexo, dado as ambigüidades que o compõem.

A citada fragmentação faz-se presente também na obra que configura nossa personagem, afinal em **A Correspondência de Fradique Mendes** temos a conformação de gêneros diversos que nela se fazem complementares - são memórias grafadas em certo “biografismo”, cartas que se assemelham a crônicas, ensaios,

¹⁴⁹ A citação que nos interessa para tal afirmação encontra-se na página 99 do presente trabalho.

caricaturas - que corroboram o carácter híbrido dessa criação queirosiana e que garantem aquilo que tão importante parece ter sido na sua concepção como um todo: o exato e preciso encontro entre forma e conteúdo. Afinal, a mesma fragmentação presente na configuração de Fradique apresenta-se na obra através de seu hibridismo de gêneros e ambos - “formatação” de Fradique e característica textual híbrida de **A Correspondência de Fradique Mendes** - são responsáveis pela veracidade e verossimilhança de tudo que se tratou, principalmente do próprio protagonista, posto ter sido essa a maior preocupação de seu formulador, diretamente, o narrador de Memórias e Notas e, indiretamente, o próprio Eça de Queirós.

A obra, como um todo, possui um percurso que vai da construção “meta-ficcional” (feita pelo narrador das Memórias e Notas e organizador das correspondências) à construção “para-ficcional” (feita pelo próprio Fradique), temos, então, uma construção que transita do “mais real” para o “mais fictício”, daquilo que o narrador-biógrafo diz de modo ponderado (quem sabe, “verdadeiro”) àquilo que diz de maneira hiperbólica; daquilo que, nas cartas, vemos que Fradique realmente é (pelos comentários que ele faz de si, dos acontecimentos, por exemplo) àquilo que Fradique quer que pensemos que ele é (grande homem, intelectual refinado, ímpar, capaz de transformar Portugal).

O jogo estabelecido entre realidade e ficção, tão marcado em **A Correspondência de Fradique Mendes**, só é possível porque seu autor, Eça de Queirós, todo o tempo desenvolveu ficção para parecer verdade, sendo essa, atribuída a um indivíduo também criado para parecer verdadeiro.

Mediante a toda teia ficcional construída para e por Fradique Mendes, bem como a mistura dos muitos gêneros textuais que a tudo permeia, percebemos não o “montar”, mas o “desmontar” da personagem como algo modelar.

Carlos Fradique Mendes não pode, de fato, ser considerado um protótipo de homem ideal português para o século XIX, pois possui no máximo mais lucidez em relação ao homem comum, sendo, entretanto, desprovido de força e de exemplo regeneradores. Mesmo com todo o diferencial com que fora apontado por seu memorialista, acabamos por entendê-lo como

*... espécie de fênix renascida dos restos e dos ecos dos ‘doze’: / A personalidade de Fradique é a soma numérica dos valores mentais do grupo, que apeteram a Eça para a sua alquimia de pesquisador de oiro, é o feixe de todas as ideologias que entre eles se chocaram, numa camaradagem admirável, é o ‘clichê’ fanstasista e ousado dos Onze de Bragança, acrescentado pela sombra de Antero nas suas crises mentais sofridas pelo contacto das realidades. ...*¹⁵⁰

Tanta lucidez, vontade crítica e juízos de valores talvez tenham feito de Fradique apenas uma representação reduzida daquilo que, na realidade, os “Vencidos da Vida” foram. Essa representação que parte da crítica literária julga existir como “motivo” para a existência de tal personagem, é corroborada por nossa pesquisa, porém com algum cuidado, pois a sensação que fica da leitura analítica que realizamos é a de que Fradique, mais do que Eça de Queirós e os demais membros da Geração de 70, parece soçobrar diante do problema a ser resolvido. Ou seja, Fradique em medida muito menor e imerso em ficção - que no final das contas é o que ele é, uma personagem e nada mais - também parece pretender com suas cartas apontar erros e vícios para que pudessem ser reconhecidos e, conseqüentemente, resolvidos. A grande diferença é que não possui a

¹⁵⁰ Gustavo de Matos Sequeira, “Fradique Mendes Símbolo dos ‘Vencidos da Vida’”, In: **Conferência organizada pelo jornal ‘O Século’ em 12-4-1941**, Lisboa, 1942, p.119.

capacidade crítica de seu autor, Eça de Queirós, de que seria, em hipótese, um tipo de representação; nem a profundidade necessária para a inquietação mental de um Antero de Quental, quem em tese ele também simbolizaria. Assim, mesmo como reprodução dos “Onze de Bragança” parece frágil, provindo de fato dos “restos” e dos “ecos” desses, pois sua “vivência” ou a “vivência dos outros” por ele narradas não lhe permitem sequer apresentar conflitos internos ou momentos de revisão de valores e comportamentos, o que significa que nem a profundidade de seus “companheiros” de geração ele consegue alcançar.

Fradique apresenta, no final das contas, a mesma imobilidade, ausência de ação, abulia de todo e qualquer contemporâneo seu. E esse é o outro lado da moeda, aquilo que se encontra subentendido nas memórias e nas correspondências que o constituem; o que, reiteramos, o anula, ou, ao menos, fortemente o fragiliza como exemplo, protótipo ou arquétipo regenerador.

Nas memórias, por exemplo, não são poucos os momentos em que encontramos nele (Fradique) atitudes ambíguas, autoritárias ou simplesmente nulas, como o fato de ter construído uma obra, as **Lapidárias**, cujo valor principal fosse somente a forma, algo que literariamente com o passar do tempo, comprovado está ser tão pequeno em valor – não exatamente a obra em si, mas a escrita que forma a obra, que se preocupa mais com a forma do que com o conteúdo:

*... o que nelas então me prendeu, não foi a Ideia, mas a Forma – uma forma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmóreo de Leconte de Lisle, com um sangue mais quente nas veias do mármore, e a nervosidade intensa de Baudelaire, vibrando com mais norma e cadência. ...*¹⁵¹

¹⁵¹ Eça de Queirós, **Ibidem**, p.7.

Um homem que acompanhara Garibaldi, recebera cartas de Manzini, visitara Hugo, eleito de Ana de León, dito pelo memorialista alguém genial, que se interessava por múmias, colecionava erudição nas viagens que fazia, mas que nada de fato realizara, destaca-se, muitas vezes aos olhos do memorialista pelas companhias de que desfrutava:

*... E esta intimidade de Fradique com o autor de Mademoiselle de Maupin, com o velho paladino de Hernâni, tornou-me logo mais precioso este compatriota que dava à nossa gasta Pátria, um lustre tão original!...*¹⁵²

É, portanto, no máximo, alguém bem relacionado, a refletir o brilho alheio, idéia que bem se justificaria nas palavras do narrador e de contemporâneos seus:

*... Enfim Carlos Meyer, lamentando como Oliveira Martins que às múltiplas e fortes aptidões de Fradique faltasse coordenação e convergência para um fim superior, deu um dia sobre a personalidade do meu amigo um resumo sagaz e profundo: “O cérebro de Fradique está admiravelmente construído e mobilado. Só lhe falta uma ideia que o alugue, para viver e governar lá dentro. ...”*¹⁵³

É um sujeito que acaba por não se posicionar, não assume claramente nenhuma idéia, sensação ou sentimento, que está sempre nos aspectos gerais e generalizantes relativos à existência e a tudo que deveria abarcá-la, atuando como um diletante cético e frio a olhar, mas a não transformar:

... De sorte que dele bem se pode dizer que foi devoto de todas as Religiões, o partidário de todos os Partidos, o discípulo de todas as Filosofias – cometa errando através das ideias, embebendo-se convictamente nelas, de cada uma recebendo um acréscimo de substância, mas em cada uma deixando alguma coisa do calor e da energia do seu movimento pensante. Aqueles que imperfeitamente o conheciam, classificavam Fradique como um diletante. Não! essa seria convicção (a

¹⁵² Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 40.

¹⁵³ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 55.

que os ingleses chamam earnestness), com que Fradique se arremessava ao fundo real das coisas, comunicava à sua vida uma valia e eficácia muito superiores às que o dilettantismo, a diversão céptica que tantas injúrias arrancou a Carlyle, [...]. O dilettante, com efeito, corre entre as ideias e os factos como as borboletas (a quem é desde séculos comparados) correm entre as flores, para pousar, retomar logo o vôo estouvado, encontrando nessa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente extraindo o seu mel: - quero dizer, de cada opinião recolhendo essa “parcela de verdade” que cada uma invariavelmente contém, desde que os homens, depois de outros homens a tenham fomentado com interesse ou paixão- ...¹⁵⁴

Fradique não só lê e estuda outros costumes, como também, em certa medida, os absorve, entrega-se, mesmo, à sua vivência (seja de uma cultura, seja de uma religião), por isso é comparado à abelha e a um cometa. No entanto, guardados os exageros e a usual defesa do narrador, que é sempre “pró-Fradique”, por mais que absorva não transforma em ação aquilo que foi incorporado, vaga como um cometa, causa expectativas várias, mas possui desse a mesma capacidade encantatória e nada mais. Seu caráter “errante” e curioso cria-lhe situação paradoxal, alguém que tinha muito conteúdo, muita teoria, mas, salientamos, nenhuma prática. Não podemos deixar de mencionar que o memorialista diz que Fradique “foi devoto de todas as Religiões, o partidário de todos os Partidos, o discípulo de todas as Filosofias”. Se a idéia era enaltecer *seu* biografado, sobretudo se considerarmos o artigo “o” que antecede “partidário” e “discípulo” e particulariza e exalta o personagem, o “tiro lhe sai pela culatra”, uma vez que é difícil, para não dizer impossível, manter a coerência, a justeza, a ética sendo “devoto de todas as Religiões”, “partidário de todos os partidos” e “discípulo de todas as Filosofias”. Eis, aí, mais um exemplo a corroborar nossa afirmação acerca da incoerência e da contradição de Fradique e nossa asseveração sobre

¹⁵⁴ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 67-68.

a inviabilidade, quiçá impossibilidade, de ele ser personagem arquetípica, de ele ser *saída e solução* para o Portugal decadente do século XIX.

Fradique seria de fato, para Portugal, aquilo que seu narrador lhe nega ser, apenas uma borboleta, sutil, efêmero e frágil, apesar do destaque extraordinário perante tudo que existe dado tanta beleza e esplendor. Como tal inseto, parece apenas planar e nenhum efeito causar para além de suas possibilidades, como seria, por exemplo, uma abelha a fabricar seu mel.

É, na verdade, impalpável, como se fosse sempre idéias e nunca ação. Mesmo nas correspondências, ao atuar como um delator de males e vícios alheios, de homens de seu tempo, que são, na maioria das vezes, entendidos pela argumentação indutiva em males e vícios gerais, nacionais. O que encontramos é alguém deveras contraditório, diríamos demasiado humano e, por consequência, pouco modelar.

Vejamos, por exemplo, a descrição que realiza de Padre Salgueiro na carta “XV. A Madame de Jouarre / Lisboa, Junho” em que o acusa de ser alguém que só tem aparência, que age de maneira automatizada, mas que dele não se diferencia muito, pois Fradique não transcende isso tudo. Diz que padre Salgueiro não age por vocação ou fé, atuando apenas como bom e aplicado cumpridor de seus deveres eclesiásticos; não regenera ou transforma almas, não conseguindo compreender ou alcançar tal tarefa dentro das atividades “ritualísticas” que realiza.

Quanto a Fradique, ele desbrava continentes, não só conhece, mas compreende e comunga de diversas culturas, conhece teorias filosóficas, religiões, celebridades literárias e apenas não domina as questões políticas porque por ideologia as renega, mas, ainda assim, nada ou ninguém transforma, ou seja, guardadas todas as proporções

e diferenças, a nosso ver, age de forma tão ritualisticamente vazia e automatizada quanto Salgueiro, sem, na verdade, nada mudar, transformar ou regenerar.

Fradique, nessa mesma carta a Madame de Jouarre, assume postura bastante irônica ao afirmar Padre Salgueiro como “pitoresco” quando realiza seus deveres como pastor de almas. E tal ironia se evidencia ainda mais ao insistir em tal descrição:

Onde eu também o acho superiormente pitoresco, é cavaqueando acerca dos deveres que lhe incumbem como pastor de almas – os deveres para com as almas. Que ele, por continuação de uma obra divina, esteja obrigado a consolar dores, pacificar inimizades, dirigir arrependimentos, ensinar a cultura da bondade, adoçar a dureza dos egoísmos, é para o benemérito padre Salgueiro a mais estranha e incoerente das novidades! Não que desconheça a beleza moral dessa missão, que considera mesmo cheia de poesia. Mas não admite que, formosa e honrosa como é, lhe pertença a ele padre Salgueiro! Outro tanto seria exigir de um verificador da Alfândega que moralizasse e purificasse o comércio. Esse santo empreendimento pertence aos Santos. E os Santos, na opinião de padre Salgueiro, formam uma Casta, uma Aristocracia espiritual, com obrigações sobrenaturais que lhes são delegadas e pagas pelo Céu. ...¹⁵⁵

Mas a verdade é que ele, Fradique narrador, o que faz? Também está a esperar por um santo? Afinal, é capaz de delatar, mas é incapaz de construir um exemplo oposto, como fora Abade Ferrão em **O Crime do Padre Amaro**, também de Eça de Queirós, por exemplo.

No mais, reparemos que todas essas idéias, ambigüidades ou vazio entre teses e sua realidade manifestam-se, sobretudo, na correspondência que acaba por ser mais reveladora por se tratar de textos “pessoais”, escritos pelo próprio Fradique. Afirmação

¹⁵⁵ Eça de Queirós, **Ibidem**, p. 205.

que, no entanto, não invalida a importância de “Memórias e Notas”, uma vez que, repetimos, somente o “material completo” é capaz de dar a imagem fradiqueana.

Nas cartas de Fradique, textos mais “pessoais”, porque escritos pela própria personagem, encontramos um escritor a criar e a caracterizar figuras tipificadoras da realidade portuguesa, como Pinho ou Padre Salgueiro, o homem apaixonado a perguntar por Clara, o ensaísta, o polemista, o cronista, mas, sobretudo, o epistológrafo Fradique, cuja construção se complementara nessa segunda parte de **A Correspondência de Fradique Mendes**, mas que se iniciara em texto também não menos híbrido, intitulado “Memórias e Notas”.

Tal hibridismo de gênero, reafirmamos, serve, sobretudo, para atestar a construção fragmentária de Carlos Fradique Mendes entendido por nós em consonância com o que dele afirma Nelyse Aparecida Melro Salzedas¹⁵⁶: “... um português cumpridor dos deveres pátrios, mas discordante da ideologia nela implantada; consciente de seus poderes e limitações, analisa em sua ‘Correspondência’ as posições culturais da nação lusitana. O seu saber, o seu universalismo autorizam-no a acometer os modelos coletivos herdados, acometer a importância crítica dos valores insignificantes...”.

Assim, podemos tentar, por fim, responder à indagação que motivara o desenvolvimento dessa pesquisa: Fradique pode ser considerado uma imagem, um protótipo de homem cosmopolita para o Portugal do século XIX?

Carlos Fradique Mendes não pode ser entendido assim, porque, na realidade, nada fez, nada produziu, nada desenvolveu para que se pudesse mudar de fato Portugal.

¹⁵⁶ Nelyse Aparecida Melro Salzedas, “Uma análise do discurso da carta ao Sr. Mollinet (Eça de Queirós)”, Apud: MINÉ, Elza (org.), **150 anos com Eça de Queirós – Anais do III Encontro Internacional de Queirobianos**, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses, USP, 1997, p. 666.

É alguém que tem consigo a contumácia da crítica estabelecida ou por estabelecer, mas que não serviria de espelho, ou seja, não possui atos edificantes e efetivos o suficiente para ser tomado como modelo.

E se o homem é o que é para Eça de Queirós¹⁵⁷, um resultado, uma conclusão e um produto das circunstâncias que o envolvem – circunstâncias de clima, de alimentação, de ocupação, de religião, de política, de arte, de cultura - Fradique não parece conseguir romper com essas amarras; por mais que seja lúcido, ele não se diferencia em absoluto do homem português do século XIX e, mesmo em relação a outras personagens queirosianas, talvez possamos dizer que Eça tenha retomado o aspecto de sua crítica corrosiva - e não arrefecida, como se julga acontecer na fase em que produz **A Correspondência de Fradique Mendes**.

Nesse sentido, Fradique seria somente mais uma das muitas tentativas de Eça de Queirós em senão solucionar, ao menos discutir aquilo que, segundo Antonio José Saraiva¹⁵⁸, é o maior tema, ou problema central de sua obra “a reação adequada ao meio social português”.

Enquanto epistológrafo, Fradique parece ter construído em torno de si uma espécie de memorial, como se estivesse a tratar de alguém singular, irrepreensível. Certo é também que a recíproca é verdadeira, ou seja, a existência de suas cartas assim compiladas por um narrador (editor fictício) é um dos elementos centrais a garantir a afirmação de existência de memorialismo na obra.

¹⁵⁷ Antonio José Saraiva & Óscar Lopes, **História da Literatura Portuguesa**, p. 965. Ver também, a reconstituição da conferência que Eça de Queirós proferiu nas Conferências do Casino, na qual ele trata de causas permanentes e de causas acidentais como formadoras e/ou definidoras do homem (Cf. António Salgado Júnior. “A Literatura Nova [O Realismo como nova expressão da Arte]” in: **História das Conferências do Casino [1871]**, Lisboa: Typografia do Círculo Militar, 1930.

¹⁵⁸ Antonio José Saraiva & Óscar Lopes, **Op. cit.**, p. 977.

Mas, de qualquer modo, o que nos causa mais surpresa é perceber que Eça de Queirós tece gêneros, constrói tão contundente e autônoma personagem, atribuindo-lhe voz para, por fim, com um “risinho de canto de boca” entre a dor e a ironia demonstrar e nos fazer entender a conclusão de que tudo isso é inócuo diante desse Portugal que continua abúlico, adormecido, talvez morto; diante de um País que sua geração e ele próprio tanto tentaram transformar/regenerar, mas não conseguiram.

Assim, Fradique até poderia ser dito um protótipo, mas da desilusão ácida perante a incapacidade de transformação do estado geral de uma nação.

BIBLIOGRAFIA:

CORPUS LITERÁRIO

QUEIRÓS, Eça de. **Correspondência**. 6ª ed. Lisboa: Livraria Lello & Irmão Editores, 1946.

_____. “Correspondência (Suplemento)”, In: **Obras de Eça de Queirós**. Introdução e fixação dos textos por Aníbal Pinto de Castro. [s/ed]. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1986.

_____. “O francesismo”, In: **Homens e idéias do século XIX**. [s/ed]. Rio de Janeiro: Dois Mundos Editora LTDA, [s/d].

_____. “A propósito dos Maias”, In: **Notas Contemporâneas**. 4ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão LTDA, 1923.

_____. “Positivismo e Idealismo”, In: **Notas Contemporâneas**. 4ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão LTDA, 1923.

_____. “Páginas de formalismo”, In: CASTRO, Aníbal Pinto de (Org.). **Obras de Eça de Queirós**. [s/ed]. Porto: Lello & Irmão Editores, 1996, v. 4.

_____. “A Península”, In: **Prosas Bárbaras**. s/ed. Porto: Livraria Lello & Irmão LTDA – Editora, 1935.

_____. “Lisboa”, In: **Prosas Bárbaras**. [s/ed]. Porto: Livraria Lello & Irmão LTDA – Editora, 1935.

QUEIROZ, Eça de. **A Correspondencia de Fradique Mendes (Memórias e Notas)**. s/ed. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão, Ltda., Editores, 1952.

_____. **Cartas de Inglaterra**. s/ed. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1967.

_____. **Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas**. [s/ed.]. Porto: Lello & Irmão – Editores, [s/d].

_____. **Notas Contemporâneas**. 2ª ed. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1913.

BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

ABDALA Júnior(org.). **Ecos no Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas**. São Paulo: SENAC, 2000.

ALVES, Manuel dos Santos. “ O lugar do intertexto clássico nos estudos queirosianos: grandezas e misérias de uma (des)fortuna cultural”, In: **Atas do Congresso de Estudos Queirosianos / IV Encontro Internacional de Queirosianos / Actas/ Vol. I**. Instituto de Língua e Literatura Portuguesa/ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / 6 a 8 de Setembro de 2000. / IILP – Almedina, p. 201-219.

AMARAL, Eloy do. “O amor de Eça à terra portuguesa”, In: AMARAL, Eloy do & CARDOSO, Martha. **Eça de Queirós in Memoriam**. 1ª ed. Lisboa: Parceria Pereira, 1992, p. 8-19.

ANGELIDES, Sophia. “Carta e Literatura”, In: SCHNAIDERMAN, Boris. **Carta e Literatura – Correspondência entre Lichék e Gorki**. [s/ed.]. São Paulo: Edusp. [s/d.], p. 15-26.

ARIES, Philippe & DUBY, Georges (Orgs.). **História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial**. Vol. IV.Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AUERBACH, Erich. “A Ceia Interrompida”, In: **Mimeses (A representação da realidade na literatura ocidental)**. 5ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007, p. 353-386.

_____. “Germinie Lacerteux”, In: **Mimeses (A representação da realidade na literatura ocidental)**. 5ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007, p.443-470.

_____. “Na mansão de la Mole”, In: **Mimeses (A representação da realidade na literatura ocidental)**. 5ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007, p. 405-441.

_____. “O músico Miller”, In: **Mimeses (A representação da realidade na literatura ocidental)**. 5ªed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007, p.387-404.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin; prefácio à edição francesa Tzevetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 5ªed. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2010.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévsky** / Mikhail Bakhtin; tradução de Paulo Bezerra. 3ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BALZAC, Honoré de. **Manual do dândi: a vida com estilo**. / Honoré de Balzac, Charles Baudelaire, Barbey d’Aurevelly; organização tradução e notas Tomaz Tadeu. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Coleção Mimo).

BARCELLOS, José Carlos. “Identidades Problemáticas: Configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras (1881 – 1959)”, In: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG**, 1979.

BEM, Jeanne. “O estatuto literário da carta (Lê statut littéraire de la lettre)”, In: **Gênesis: Révue Internationali de Critique Génétique**; Tradução de Cláudio Hiro. Paris. n. 13, 1999, p. 113-15.

- BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza”, In: **Magia e técnica, arte e política – Ensaaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Segio Paulo Rouanet. s/d. (s/cidade): Editora Brasiliense, 1985, p. 114-119.
- _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. “Memória e Libertação”, In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin**. s/ed. s/ cidade: Editora Brasiliense, 1982.
- _____. “O Narrador”, In: **Obras Escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. [s/ed]. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com e espírito**; tradução Paulo Neves. – 3ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERRINI, Beatriz. (Org.). **A Ilustre Casa de Ramires. Cem anos**. São Paulo: EDUC, 2000.
- _____. “Eça de Queirós – Cozinha e Adega”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**, [S.I.], n. 9-10, Abril – Setembro 2000.p, 162- 170.
- _____. “Gonçalo Mendes Ramires: amigo íntimo de todos nós”, In: **Colóquio/Letras**. Lisboa: n.121/122, [s/d], p. 123-130.
- _____. (Org.) **Eça de Queirós: Literatura e Arte uma Antologia**. [s/ed]. Lisboa: Relógio D´Água Editores LTDA, [s/d].
- _____. “Teodorico Raposo: o peregrino, o historiador, o memorialista”, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994.
- BISMUT, Roger. “Os Maias insitação ou recriação de Flaubert?”, In: **Colóquio/Letras**. Lisboa: n.69, [s/d], p. 20-28.

- BORNHEIM, Gerd. “O sujeito e a norma”, Apud: NOVAES, Adauto. **Ética**. s/ed. São Paulo: Companhia das Letras, s/d, p. 247-260.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. s/d. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BOUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. s/ed/ Trad: Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Antropos, 1981.
- BOUVET, Nora. **La escritura epistolar**. 1ª ed. Buenos Aires: Eudeba, 2006.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. / Beth Brait. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- BRAREN, Ingeberg. **A natureza literária das epístolas morais de Sêneca** (Tese de Doutorado). Orientador: Prof. Dr. Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Universidade de São Paulo (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas), 1989.
- BUENO, Aparecida de Fátima. As imagens de Cristo na obra de Eça de Queirós. **Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-graduação**, Campinas (UNICAMP-Instituto de Estudos da Linguagem), v.06, s/n, 2001, p. 103-115.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 3ªed., São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- _____. “As etapas de um diletante”, In: **Suplemento Literário (O Estado de São Paulo)** 2º ano. nº 70. 22 de fevereiro de 1958, p. 1-2.
- _____. **Brigada Ligeira, e outros escritos**. s/ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

- _____. “Cartas de um mundo perdido”, In: **Recortes**. [s/ed]. São Paulo: Companhia das Letras, [s/d], p. 54-63.
- _____. “Eça de Queirós entre o campo e a cidade”, In: **Tese e Antítese**. [s/ed]. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. 29-56.
- _____. “Eça de Queirós, passado e presente”, Apud: JUNIOR, Benjamin Abdala. **Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas**. São Paulo: Editora SENAC, 2000, p. 11-22.
- _____. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6ªed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- _____. “Perenidade da biografia”, In: **Remate dos Males (Revista do Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP)**. Número especial Antonio Candido. Campinas, 1999, p. 67-69.
- _____. “Poesia e ficção na autobiografia”, In: **A educação pela noite e outros ensaios**. s/ed. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 50-69.
- _____. **Textos de Intervenção**. 1ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Prosa e ficção no Romantismo”, In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 157-165.
- CARTROGA, Fernando. “Cientificismo, política e anticlericalismo”, Apud: MATTOSO, José, **História de Portugal**. s/ed. Lisboa: Editorial Estampa, [1993] v.5, p. 583-593.

- CEIA, Carlos. “Primórdios da ficção intelectual: *A Correspondência de Fradique Mendes*”, In: **Queirosiana (Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração)**. 1º semestre 1999. nº9. Tormes - Santa Cruz do Douro, p. 33-51.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. “A Cidade e as Serras: romantismo extemporâneo?”, In: **O avesso do Bordado**. s/ed, Lisboa: Caminho, [s/d], p. 41-65.
- CHIAPPINI, Lígia Leite Moraes. **O Foco Narrativo**. [s/ed]. São Paulo: Editora Ática S.A., 1987.
- CIDADE, Hernani. “O Conceito de Poesia, do Parnaso ao Simbolismo”, In: **O Conceito de Poesia como expressão de cultura**. [s/ed]. São Paulo: Livraria Acadêmica Saraiva e Cia., 1946, p. 247-280.
- COELHO, Jacinto do Prado. “A Tese de A Cidade e as Serras”, In: **A Letra e o Leitor**. 2ªed. Lisboa: [s.n.], 1977, p.211-217.
- COMTE - SPONVILLE, André. “A Correspondência”, In: **Bom dia, Angústia!** Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. [s/ed.]. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 35-45.
- COSTA, Correa da. “Eça de Queiroz póstumo”, Apud AMARAL, Eloy & CARDOSO, Martha. **Eça de Queirós in Memoriam**. 1ªed. Lisboa: Parceria Pereira, 1992.
- DIAZ, José Luiz. “Qual genética para as correspondências?”, In: **Manuscrita – Revista de crítica genética**. [S.I.]. n.15, 2007, p. 119-191.
- DIOS, Angel Marcos de. “Pessimismo e Arte em Eça de Queirós, segundo Unamuno”, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994, p. 25-34.
- DOMÍNGUEZ, Antonio Garrido. **El texto narrativo**. s/ed. Madrid: Editorial Síntesis, S. A., s/ed.

- DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da memória: uma história das idéias sobre a mente** / Douwe Draaisma; tradução Jussara Simões. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- DUARTE, Joana. “A eterna dançarina do efêmero: as cartas a Clara e a metafísica da Luz em Eça de Queirós”, In: **Queirosiana (Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração)**. 2002/2003, nº13/14. Tormes Santa Cruz do Douro, p. 101-119.
- DUARTE, Lélia Pereira. **Ironia e humor na literatura**. s/ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.
- FARIA, Almeida. “O homem e as hipálages”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**, [S.I.], n. 9-10, Abril – Setembro 2000, p. 100-107.
- FARO, Arnaldo. **Eça e o Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- FONSECA, Maria Augusta. “[Recensão crítica a ‘Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira’ de Marcos Antonio de Moraes]” Maria Augusta Fonseca. In: **Revista Colóquio Letras**. Recensões Críticas, nº 157/158, jul. 2000, p. 452-453.
- FOISIL, Madeleine. “A escrita do foro privado”, Apud: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes**. [s/ed.]. São Paulo: Companhia das Letras, [s/d], p. 331-369.
- FOUCAULT, Michael. “A escrita de si”, In: **O que é o escritor?** 2ª ed. [S.I.]: Passagens, [s/d], p. 129-160.
- FRANÇA, José Augusto. **O Romantismo em Portugal: estudo de factos socioculturais**. [s/ed.]. Lisboa: Livros Horizontes, 1974.
- FREELAND, Alan. “‘Playing the game’ – Eça e o Ideal Vitoriano do Carácter”, In: **Congresso de Estudos Queirosianos / IV Encontro Internacional de**

Queirosianos / Actas/ Vol. I. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas/
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / 6 a 8 de Setembro de 2000. /
IILP – Almedina, p. 95-109.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica** / Tradução de Péricles Eugênio da Silva
Ramos. s/ed. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Palavras para Hurbinek”, Apud: NESTROVSKI, Arthur
& SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e Representação**. s/ed. Escuta, s/d,
pp. 99 - 110.

GARMES, Helder. “As fronteiras da civilização em Eça de Queirós”, In:
FERNANDES, Annie Gisele e OLIVEIRA, Paulo Motta (orgs). **Literatura
Portuguesa Aquém-mar**. s/ed. Campinas: Editora Komedi, 2005, p. 53-71.

_____. “Eça de Queirós e a Casa de Espelhos”, In: FERNANDES, Annie Gisele e
SILVEIRA, Francisco Maciel. **A Literatura Portuguesa: visões e revisões**. s/ed.
São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.79-90.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “À margem da Carta”, In: **Desconversa**. [s/ed.]. Rio de
Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p.154-163.

GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádya Battela (Orgs.). **Prezado senhor,
prezada senhora: estudos sobre cartas**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras,
2000.

GARCEZ, Maria Helena Nery. “A ficção da História e a história da ficção em A Ilustre
Casa de Ramires.”, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e sua
Geração**. n.3. Coimbra. Dez. 1992, p. 39-54.

GOMES, Ângelo de Castro (Org.). “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”, In: **Escrita de Si, Escrita da História**. [s/ed.]. São Paulo: FGV Editora, [s/d], p. 7-24.

GUIMARÃES, Júlio Castão. **Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo**. [s/ed.]. Rio de Janeiro. Fundação Casa Rui Barbosa, 2004, p. 5-48.

HAUSER, Arnold. “Naturalismo e Impressionismo”, In: **História social da arte e da literatura**. Tradução: Álvaro Cabral. 1ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003, p.727-955.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Pinchel. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JORGE, J. De Melo . **Os tipos de Eça de Queirós**. [s/ed]. São Paulo: Livraria Brasil, 1940.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e Interpretação da Obra Literária (Introdução à Ciência da Literatura)**. 2ªed. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1959.

LACERDA, Alberto de. “Os Lusíadas e Os Maias um binómio português?”, In: **Colóquio/Letras**. Lisboa: n.72, [s/d].

LIMA, Isabel Pires de. **As Máscaras do Desengano. Para uma abordagem sociológica de Os Maias de Eça de Queirós**. [s/ed.]. Lisboa: Caminho, 1987.

_____. “*Eça e Os Maias – pensar-se pensando Portugal*”, In: **Colóquio/Letras**. Lisboa: n.103, [s/d].

_____. “Eça hoje – diálogos ficcionais”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**, [S.I.], n. 9-10, Abril – Setembro 2000, p. 135-209.

LINS, Álvaro. **História Literária de Eça de Queiroz**. 3ªed. [S.I.]: Livraria Bertrand, 1959.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão... [et al.]. 3ªed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

LEVIN, Orna Messer. **As Figurações do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio**. [s/ed]. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

LOPES, Oscar. “O narrador d’A Relíquia”, In: “**Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**”. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994.

LOPES, Rui da Costa. **O Segredo do Cofre Espanhol (Notas para um ideário filosófico de José Maria Eça de Queiroz)**. s/ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2000.

LOURENÇO, Eduardo. “Da literatura como interpretação de Portugal (De Garrett a Fernando Pessoa)”, In: **O Labirinto da Saudade**. 5ªed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. p. 75-118.

_____. **Fernando, Rei da Nossa Baviera**. [s/ed]. [S.I.]: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

LUBBOCK, Percy. **A técnica da ficção**. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

MACHADO, Álvaro Manuel. **A Geração de 70 – uma revolução cultural e literária**. 1ª ed. [S.I.]: Biblioteca Breve, 1977.

_____. **Do Romantismo aos Romantismos em Portugal**. 1ªed. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

- MARQUES, A. H. de Oliveira. **História de Portugal (Desde os tempos mais antigos até à presidência do Sr. General Eanes)**. V.3. 2ªed. Lisboa: Editora Lisboa, 1981.
- MARQUES, Reinaldo. “O arquivamento do escritor”, In: SOUZA, Eneida Maria & MIRANDA, Wander Melo. **Arquivos Literários**. [s/ed.]. Centro de Estudos da Faculdade de Letras da UFMG: Ateliê Editorial, [s/d.], p. 141-156.
- MARTINS, António Coimbra. “Eça e Paris”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**, [S.I.], n. 9-10, Abril – Setembro 2000.
- MATOS, A. Campo, “Influências de Ximénés Doudan n’A Correspondência de Fradique Mendes”, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994.
- MEDINA, João. “À margem dum ensaio de Eça de Queirós – Nótulas sobre “O Francesismo”, sua cronologia e fontes”, In: **Colóquio/Letras**. Lisboa: n.10, [s/d], p. 34-45.
- _____. **Eça de Queirós antibrasileiro?**. s/ed. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- _____. “Gonçalo Mendes Ramires personagem hamletico”, In: **Colóquio/Letras**. Lisboa: n. 44, [s/d], p. 27-39.
- MELO, Ana Cecília Águia de. “O diário íntimo d’*O Trapicheiro*: um exercício para o equilíbrio”, In: **Magma Revista** (Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: Humanitas, FFLCH. USP, 1994.
- MENDES, Margarida Vieira. “ “Pontos de vista” internos num romance de Eça de Queirós: Os Maias”, In: **Colóquio/Letras**. Lisboa: n. 21, [s/d].

MINÉ, Elza (org.). **150 anos com Eça de Queirós – Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, USP, 1997.

_____. “Fradiquices brasileiras”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**, [S.I.], n. 9-10, Abril – Setembro 2000.

_____. “Posições de leitura: textos de imprensa de Eça de Queirós para a Gazeta de Notícias”, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Flores da escrivantina: ensaios**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. “Sobre a excentricidade humorística de Fradique”, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994.

MORAES, Marco Antonio de. **Diálogo Epistolar: Edição da Correspondência Mário de Andrade/Manuel Bandeira**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MORAES, Marcos Antonio de. **Mário, Otávio (Cartas de Mário de Andrade a Otávio Dias Leite (1936-1944))**. s/ed. São Paulo: IEB-USP, Impressão Oficial, 2006.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu (1800 – 1900)**. [s/ed]. [São Paulo]: Editora Boitempo, [s/d].

MUECHE, d. c. **Ironia e o Irônico**. s/ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

- MUTRAN, Munira. “A literatura do eu”, In: **Álbum de Retratos – George Moore, Oscar Wildem e William Butler no fim do século XIX: um momento cultural**. [s/ed.]. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2002, p. 35-82.
- NEVES, Luis Felipe Baeta. “Para uma teoria da carta”, In: **As máscaras da totalidade totalitária – Memórias e produção sociais**. [s/ed.]. Rio de Janeiro: Foreme-Universitária, [s/d], p. 191-195.
- NORTON, José. “Fradique Mendes na Ribeira Lima”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**, [S.I.], n. 9-10, Abril – Setembro 2000.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. “Entre Continente e Culturas: as travessias de Fradique Mendes”, Apud: JUNIOR, Benjamim Abdala & SCAPELLI, Marli Fontini. (Orgs.). **Portos Flutuantes Trânsitos Ibero-afro-americanos**. [s/ed.]. [São Paulo]: Ateliê Editorial – CAPES, [s/d], p. 91-104.
- _____. “Tradição e Modernidade em A Cidade e as Serras”, In: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**. Belo Horizonte: FALE/UFGM. n. 21. vol. 17, jan./dezembro de 1997.
- ORTIGÃO, Ramalho. “A mania das grandezas e a melomania, doenças hereditárias na sociedade portuguesa”, In: **As Farpas**. s/ed. Lisboa: David Corazzi - Editor, 1888, v. 6, p. 37-83.
- _____. “O chic e seus desastres”, In: **As Farpas**. [s/ed]. Lisboa: David Corazzi - Editor, 1888, v. 6, p. 239-269.
- _____. “As maneiras. Como se faz um gentleman. Civilidade do sr. João Felix”, In: **As Farpas**. [s/ed]. Lisboa: David Corazzi- Editor, 1889, v. 8, p.21-26.

OSSEGESSE, Orlando. A Correspondência de Fradique Mendes – uma “auto-necrografia, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e sua Geração**. n.3. Coimbra. Dez. 1992, p. 39-54.

_____. “Eça e a Europa, Epílogo que será um Prólogo”, In: **Congresso de Estudos Queirosianos / IV Encontro Internacional de Queirosianos / Actas/ Vol. I**. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas/ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / 6 a 8 de Setembro de 2000. / IILP – Almedina, p.175-188.

PADILHA, Laura Cavalcante. “As casas queirozianas e seu bordado de espantos, In: **Voz Lusíada (Revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes)**. “Eça de Queiroz”. nº 16. São Paulo, 2001.

PAGEAUX, Daniel Henri. “Eça fim-do-século: perspectivas para a gênese de A Cidade e as Serras”, In: **Queirosiana: Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994.

PEIXINHO, Ana Teresa. “Epistolaridade e Narratividade nas cartas de Fradique Mendes: Análise de uma carta a Ramalho Ortigão”, In: **Atas do Congresso de Estudos Queirosianos / IV Encontro Internacional de Queirosianos / Actas/ Vol. I**. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas/ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / 6 a 8 de Setembro de 2000. / IILP – Almedina, p. 339-351.

PESSOA, Fernando. “O provincianismo português”, In: **Textos de Crítica e de Intervenção**. [s/ed]. Lisboa: Ática, 1980, p.157-161.

_____. “O que é metafísica?”, In: **Textos de Crítica e de Intervenção**. [s/ed]. Lisboa: Ática, 1980, p. 241-248.

- _____. “O caso mental português”, In: **Textos de Crítica e de Intervenção**. [s/ed]. Lisboa: Ática, 1980, p.165-172.
- PIEDADE, Ana Nascimento. “Estratégias de Modernidade em *A Correspondência de Fradique Mendes*”, In: **Atas do Congresso de Estudos Queirosianos / IV Encontro Internacional de Queirosianos / Actas/ Vol. I**. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas/ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / 6 a 8 de Setembro de 2000. / IILP – Almedina.
- _____. **Fradiquismo e Modernidade no último Eça (1888-1900)**. 1ªed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda (Temas Portugueses), 2003.
- PIRES, António Machado. **A idéia de decadência na Geração de 70**. 2ª ed. Lisboa: VEGA, 1992.
- POUSADA, Antônio. **Vida, Paixão e Morte de Eça de Queiroz**. s/ed. São Paulo: Clube do Livro, 1966.
- PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Vol. 1. 3ªed. São Paulo: Globo, 2006. Tradução Mário Quintana.
- QUERÓZ, Maria d’Eça de. **Eça de Queiroz entre os seus** (apresentado por sua filha) – *Cartas Íntimas* – s/ed: Porto: Livraria Lello & Irmão – editores, 1948.
- REIS, Carlos. “Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico”, In: **Estudos Queirosianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra**. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999, p. 237-241.
- _____. “O Realismo e o Naturalismo: ideologia, temática e estratégias”, In: **História da Literatura Portuguesa**. [s/ed]. Lisboa: Alfa, 2001, p. 15-25.

- _____. “O regresso de Fradique”, In: **Queirosiana (Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração)**. 2002/2003, nº13/14. Tormes Santa Cruz do Douro, p. 179-182.
- _____. “O Romantismo”, In: **História Crítica da Literatura Portuguesa**. [s/ed.]. Coimbra: Editorial Verbo, [s/d], p. 13-50.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 4ªed. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.
- REIS, Roberto. “Cânon”, In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da Crítica**. s/ed. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. “Viagem, Identidade e Nação em Almeida Garrett”, In: **Scripta Literatura (Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do CESPUC)**. Belo Horizonte. v.3. n.5. 2º sem. de 1999, p. 1-292.
- RIBEIRO, Maria Aparecida. **História Crítica da Literatura Portuguesa (Realismo e Naturalismo)**. [s/ed.]. [S.I.]: Editorial Verbo. [s/d].
- ROCHA, Andréé Crabé. **A epistolografia em Portugal**. s/ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.
- _____. “Introdução”, In: **A epistolografia em Portugal**. [s/ed.]. Coimbra: Livraria Almedina, 1965.
- ROCHA, Clara. “A explosão intimista na época contemporânea”, In: **Máscaras de Narciso (Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal)**. [s/ed.]. Coimbra: Universidade de Lisboa, 1992, p. 9-24.
- ROCHA, João Cezar de Castro. “A Epistolografia como desafio à história e à teoria da literatura”, In: **Exercícios críticos: leituras do contemporâneo**. [s/ed.]. Chapecó: Argos, 2008, p. 145-155.

- ROQUETTE, J. L. “Das cartas”, In: **Código do bom-tom ou regras da civilidade de bem viver no século XIX**. [s/ed.]. São Paulo: Companhia das Letras, [s/d.], p. 266-300.
- ROSENFELD, Anatol. “Reflexões sobre o romance moderno”, In: **Texto/Contexto: ensaios**. 2ªed. São Paulo, Perspectiva: Brasília, INL, 1973. p. 75-97.
- SÁBATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. Tradução de Janer Cristaldo.
- SACRAMENTO, Mário. **Eça de Queirós – Uma estética da ironia**. s/ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.
- SALGADO, António Júnior. “A Literatura Nova [O Realismo como nova expressão da Arte]”, In: **História das Conferências do Casino [1871]**. Lisboa: Typografia do Círculo Militar, 1930.
- SALZEDAS, Nelyse Aparecida Melro. “Uma análise do discurso da carta ao Sr. Mollinet (Eça de Queirós)”, Apud MINÉ, Elza (org.). **150 anos com Eça de Queirós – Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos**. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, USP, 1997, p.664-669.
- SANTIAGO, Silviano. “Suas cartas, nossas cartas”, In: **Obra (direis) puxar conversa! Ensaios Literários**. s/ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 59-95.
- SARAIVA, António José. **Para a História da cultura em Portugal**. 1ªed. [S.I.]: Publicações América, 1961, v.2.
- _____. **Tertúlia Ocidental: Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós e outros**. 1ªed. Lisboa: Gradiva, 1990.
- SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. “Eça de Queirós”, In: **História da Literatura Portuguesa**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973, p. 957-1006.

- _____. “Inícios da Geração de 70”, In: **História da Literatura Portuguesa**. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1973, p. 891-939.
- _____. “Oliveira Martins”, In: **História da Literatura Portuguesa**. 7ªed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1973, p. 941-955.
- _____. “O Romantismo”, In: **História da Literatura Portuguesa**. 9ª ed. Porto: Porto Editora, 1976, p. 725-1179.
- SARDINA, António. “O espólio de Fradique”, Apud: AMARAL, Eloy do & CARDOSO, Martha. **Eça de Queirós in Memoriam**. 1ªed. Lisboa: Parceria Pereira, 1992, p. 346-376.
- SCANTIMBURGO, João de. **Eça de Queiroz e a Tradição**. [s/ed]. São Paulo: Siciliano, 1995.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos. “Fradique Mendes Símbolo dos ‘Vencidos da Vida’”, In: **Conferência organizada pelo jornal ‘O Século’ em 12-4-1941**. Lisboa, 1942, p.119.
- SÉRGIO, António. “Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós”, In: **Obras Completas Ensaios**. Vol. 6. [s/ed]. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, [s/d].
- SERRÃO, Joel. **O Primeiro Fradique Mendes**. 1ª ed. Lisboa: Livros Horizontes, 1985.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. 3ªed. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.
- SIMÕES, João Gaspar. **Vida e Obra de Eça de Queirós**. 3ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

SIMÕES, Maria João Albuquerque Figueiredo. **Correspondências: Eça e Fradique – Análise de Estratégias Epistolográficas**. Coimbra: 1987. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Coimbra.

SOLER, Elena Losada. “ A viagem em EQ”, In: **Queirosiana (Estudos sobre EQ e a sua Geração)**. Santa Cruz do Douro, s/v, nº9, 1ª semestre 1995, p. 13-51.

SOTO, Ocy. **Cartas através do tempo o lugar do outro na correspondência brasileira**. 1ªed. Niterói: EDUFF, 2007.

SOUSA, Américo Guerreiro de. “Eça de Queirós e a Inglaterra uma relação ambivalente”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**, [S.I.], n. 9-10, Abril – Setembro 2000, p. 15-27.

SOUSA, Frank F. “O Conto “Um dia de chuva”: primeiro esboço de A Cidade e as Serras”, In: **Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração**. [S.I.], n. 5/6, Dez. 93/ Julho de 1994, p. 199-205.

SOUZA, José Carlos Siqueira de. **Eça ensaísta – Estudo sobre o trabalho jornalístico de Eça de Queirós para a Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, ao final do século XIX**. [dissertação de mestrado] Universidade de São Paulo – FFLCH – DLCV – Programa de pós-graduação em estudos comparados de literatura portuguesa, 2007.

SÜSSEKIND, Flora. “O romance epistolar e a virada do século [Lúcio Mendonça e João do Rio], In: **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 211-225.

TIN, Emerson (Org.). **A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio**. 1ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

- TOLOMEI, Cristiane Navarrete. **Eça de Queirós e os brasileiros**. São Paulo: 2010.
- Dissertação (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. “A Cidade e as Serras e as falsas soluções sociais do socialismo utópico proudhonista e do socialismo burguês de hoje” In: **Ensaios Escolhidos I – Estudos sobre as Literaturas de Língua Portuguesa**. [s/ed]. [S.I.]: Editora Caminho, [s/d], p. 51-69.
- UNAMUNO, Miguel de. “El sarcasmo ibérico de Eça de Queiroz”, Apud: AMARAL, Eloy do & CARDOSO, MARTHA. **Eça de Queirós in Memoriam**. 1ªed. Lisboa: Parceria Pereira, 1992.
- VASCONCELOS, Sandro Giardini. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- VAKIL, Abdoolkarim. “Eça de Queirós e o Islão: questões do Oriente – questões do Ocidente”, In: **Camões (Revista de Letras e Culturas Lusófonas)**. nº 9-10. P.87 – 95.Abril-Setembro 2000.
- WATT, Ian. **A Ascensão do Romance: Estudos sobre Delfoe, Richardson e Fielding**. [s/ed]. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WERNECK, Maria Helena. “Um pensar saudável sobre biografias”, In: **O Homem Encadernado**. s/ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996, p. 19-30.
- WERNECK, F. J. dos Santos. **As idéias de Eça de Queirós**. [s/ed]. [Rio de Janeiro]: Agir Editora, 1946.
- YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Frances A. Yates; tradução de Flavia Bancher. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ZILBERMAN, Regina [et al.]. **Eça e outros: diálogos com a ficção de Eça de Queirós**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ZOLA, Émile. **O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro**. [s/ed]. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.